



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO**

**MARIA DE FÁTIMA BATISTA DE SOUZA LIMA**

**IMAGINÁRIO E AFETO PELO LUGAR: UM ESTUDO SOBRE A  
AVENIDA CONDE DA BOA VISTA – RECIFE – PE.**

**RECIFE**  
**2017**

**MARIA DE FÁTIMA BATISTA DE SOUZA LIMA**

**IMAGINÁRIO E AFETO PELO LUGAR: UM ESTUDO SOBRE A  
AVENIDA CONDE DA BOA VISTA – RECIFE – PE .**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Lúcia Leitão Santos

Recife | 2017



**Maria de Fátima Batista de Souza Lima**

Imaginário e afeto pelo lugar: Um estudo sobre a Av. C. da Boa Vista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 31/08/2017.

**Banca Examinadora**

---

Profa. Lúcia Leitão Santos (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Maria de Jesus Britto Leite (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Caio Augusto Amorim Maciel (Examinador Externo)

Universidade Federal de Pernambuco

À minha família que me apoiou incondicionalmente desde o começo dessa jornada. E ao meu Deus que sempre me deu forças e me ajudou a vencer todos os obstáculos interiores e exteriores.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha caminhada até aqui não se fez sozinha, foi feita com a ajuda de muitos, por isso não posso deixar de agradecer aqueles que me auxiliaram. Na verdade, não se chega a lugar algum sozinho. Primeiro eu agradeço a Deus, que me inspirou e fortaleceu nessa caminhada. A minha mãe do céu, Maria, por sua amorosa intercessão. Agradeço à minha família que me apoiou nesse projeto incondicionalmente, sempre me incentivando e me compreendendo. Não cabe neste espaço a gratidão que tenho, sem vocês eu não teria conseguido. Amo vocês!

Agradeço a minha orientadora, a professora Lúcia Leitão, por toda paciência e compreensão comigo, por me transmitir segurança e tranquilidade durante todo o percurso deste trabalho.

Aos companheiros e amigos da turma de mestrado Angélica, Diogo, Bierramos, Laércio e Ludmila com os quais dividi anseios e inquietações. Torço pelo sucesso de todos vocês!

Aos professores Amélia Reynaldo, Germano Travassos e Tomás Lapa que me orientaram e incentivaram a fazer o processo seletivo para o mestrado na UFPE. Ao professor Fabiano Diniz pelo carinho e atenção de sempre. À professora Fátima Furtado pelas aulas maravilhosas, aconselhamentos e conversas durante o mestrado, foi um tempo de muito aprendizado. Ao professor Ruskin Freitas por toda atenção a mim prestada.

Aos professores Maria de Jesus Brito (Juju) e ao Professor Caio Maciel (Departamento de Ciências Geográficas) que participaram da minha banca de qualificação. Não só por isso, mas também por toda atenção e incentivo que me prestaram.

À amiga e irmã de comunidade Jaciara Lopes, também mestre em Desenvolvimento Urbano pela UFPE, que tanto me ajudou e incentivou neste tempo. À Fátima Santana, Helena e Leobaldo pessoas muito especiais em minha vida que me ajudaram de diversas formas, onde a mais importante foi a oração deles por mim. Aqui também incluo todos os membros da Comunidade Obra de Maria, a qual faço parte, irmãos e irmãs tão queridos que sempre torceram e rezaram por mim.

Aos meus amigos Renata e Augusto Rocha e a meu afilhado Guilherme por todo amor recebido. A Helena Freitas por todo o carinho que sempre recebi ao compartilhar minhas inquietações.

Aos vários amigos que me ajudaram a coletar os questionários de pesquisa. Em especial Aline Lima que conseguiu o meu acesso ao Atacado dos Presentes para entrevistar os trabalhadores do local. À amiga e irmã de comunidade Aparecida Santos que facilitou meu acesso a muitos moradores do Bairro da Boa Vista. À Ana Raquel e Amanda Florêncio (INCIT) tanto pela facilitação ao acesso a moradores do bairro da Boa Vista como também pelos convites à participação de eventos maravilhosos do INCIT.

Agradeço a todos os entrevistados dessa pesquisa, pela disponibilidade e atenção, principalmente os moradores do Bairro da Boa Vista que sem exceção me acolheram com muito carinho em suas residências.

Ao MDU representando todos os professores com os quais tive enorme aprendizado. A Renata e Carla da secretaria do departamento por toda atenção e disponibilidade.

A CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela disponibilização da bolsa de mestrado que possibilitou essa pesquisa.

## **Caminho Novo**

Caminho novo, caminho novo,  
Caminho novo dos meus anelos  
Caminho novo dos meus desvelos  
Meu velho amigo da mocidade  
Naquele tempo, já vai tão longe.  
Tu eras novo, cheio de flores,  
Eu era moço, cheio de amores,  
Flores amores, hoje saudades,  
Agora és nobre, chamam-te conde,  
Deram-te foro de fidalguia.  
Mas eu te vejo, como te via.  
Naquela doce simplicidade  
Apenas falta no teu percurso  
Mas sinto ouvi-lo, constantemente,  
O trilo agudo, forte, estridente,  
Do trem que vinha da Soledade.  
Caminho novo das esperanças  
Que se perderam na mocidade  
Se te percorro, quantas lembranças  
Se te revejo, quantas saudades.

(Mota Albuquerque)

## RESUMO

O presente trabalho procura investigar que tipo de relação afetiva existe entre os usuários da Avenida Conde da Boa Vista e a mesma a partir do imaginário destes mesmos usuários e suas experiências com este mesmo lugar. Considerando que Avenida Conde da Boa Vista é uma das mais antigas e principais avenidas da cidade do Recife, com grande importância histórica e porque não dizer arquitetônica, foi por muitos anos juntamente com outras localidades do centro do Recife um lugar valorizado e frequentado pelas classes abastadas, porém nos dias atuais a mesma se encontra em situação de degradação e abandono. A busca por conhecer o tipo de relação afetiva entre as pessoas e a Avenida será feita a partir da investigação do imaginário simbólico destas pessoas expressados na evocação e uso da Avenida por estas pessoas. Este trabalho se apoia na teoria de Yi-Fu Tuan a respeito do elo afetivo que o ser humano constrói com o lugar (Topofilia) e traz uma reflexão a respeito do significado de lugar que é essencial para a humanidade que para existir precisa ter um. A pesquisa irá investigar os conceitos de imaginário simbólico e fantasmagoria urbana que foi o caminho escolhido para compreender o tipo de elo afetivo existente entre pessoas e lugar. O espaço público será estudado no sentido de compreender como o cidadão brasileiro construiu sua relação com este tipo de espaço e também no intuito de compreender o processo em que a Avenida Conde da Boa Vista está inserida. Com esse trabalho espera-se contribuir com debate a respeito do comportamento do cidadão brasileiro no espaço público, refletir sobre seu uso e sua valorização e chamar a atenção para uma avenida tão importante como é a Avenida Conde da Boa Vista e que, no entanto se encontra em situação lastimável.

Palavras-chave: Lugar. Topofilia. Imaginário. Espaço Público.

## **ABSTRACT**

This paper seeks to know what kind of affective relationship exists between users of Avenida Conde da Boa Vista and the same. This will be done from the imaginary and users' experiences with this avenue. Whereas Avenida Conde da Boa Vista is one of the oldest and major avenues in the city of Recife, with great historical importance and why not say architectural, was for many years along with other locations in the center of the Reef a place appreciated and frequented by wealthy classes, however nowadays it is in situation of degradation and abandonment. The search for knowing the type of affective relationship between people and Avenue will be made from the research of their symbolic imaginaries expressed on evocation and use the avenue for these people. This work is based on the theory of Yi-Fu Tuan regarding the emotional bond that the human being constructs with the place (Topophilia) and brings a reflection about the meaning of place is essential for humanity to exist must have a place (Melo, 2014,p.37). The research will investigate the concepts of symbolic and imaginary urban Phantasmagoria was the chosen path to understand the kind of emotional bond that exists between people and place. The public space will be studied in order to understand how the Brazilian citizen built your relationship with this kind of space and also in order to understand the process in which the Avenida Conde da Boa Vista is inserted. This work want to contribute with debate about the behavior of the Brazilian citizen in the public space, reflect on your use and your appreciation and to draw attention to an important avenue is the Avenida Conde da Boa Vista which is in pitiful situation.

keywords: Place. Topophilia. Imaginary. Public Space.

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>FIGURA 01 -</b> Círculos de Euler	27
<b>FIGURA 02:</b> Palácio da Boa Vista	55
<b>FIGURA 03:</b> Obras de alargamento da Avenida Conde da Boa Vista	57
<b>FIGURA 04:</b> Construção da Ponte Duarte Coelho	58
<b>FIGURA 05:</b> Edifício Pirapama	58
<b>FIGURA 06:</b> Avenida Conde da Boa Vista década de 1980	59
<b>FIGURA 07:</b> Avenida Conde da Boa Vista (visão panorâmica)	60
<b>FIGURA 08:</b> Mapa Avenida Conde da Boa Vista	60
<b>FIGURA 09:</b> Estação BRT na Avenida Conde da Boa Vista	61
<b>FIGURA 10:</b> Ponto de ônibus Avenida Conde da Boa Vista	61
<b>FIGURA 11:</b> Ponto de ônibus Avenida Conde da Boa Vista	64
<b>FIGURA 12:</b> Ambulantes na Avenida Conde da Boa Vista	64
<b>FIGURA 13:</b> Ambulantes em frente ao Shopping Boa Vista	65
<b>FIGURA 14:</b> Avenida Conde da Boa Vista cruzamento com a Rua 7 de setembro	66
<b>FIGURA 15:</b> Shopping Boa Vista	67
<b>FIGURA 16:</b> Dados Bairro da Boa Vista e Características físicas da Av. Conde da Boa Vista	69
<b>FIGURA 17:</b> Mobilidade e Características físicas – Av. Conde da Boa Vista	69
<b>FIGURA 18:</b> Comércio informal e limpeza urbana Av. Conde da Boa Vista	70

## LISTA DE GRÁFICOS:

Gráfico 1: Acontecimentos marcantes/importantes na Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Trabalhadores)	72
Gráfico 2: Tipos de Lembranças (Grupo Trabalhadores)	73
Gráfico 3: Classificação da Avenida Conde da Boa Vista como símbolo (Grupo Trabalhadores)	73
Gráfico 4: Classificação da Beleza da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Trabalhadores)	74
Gráfico 5: Classificação da Avenida mais bonita do Recife (Grupo Trabalhadores)	74
Gráfico 6: Identificação do cheiro da Avenida Conde Boa Vista (Grupo Trabalhadores)	75
Gráfico 7: Palavra que define a Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Trabalhadores)	76
Gráfico 8: Identificação da Avenida mais insegura do Recife (Grupo Trabalhadores)	77
Gráfico 9: Causas da violência (Grupo Trabalhadores)	78
Gráfico 10: Lugar específico que gosta na Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Trabalhadores)	78
Gráfico 11: Locais lembrados (Grupo Trabalhadores)	79
Gráfico 12: Primeira necessidade da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Trabalhadores)	80
Gráfico 13: Segunda necessidade da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Trabalhadores)	80
Gráfico 14: Terceira necessidade da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Trabalhadores)	81
Gráfico 15: Avaliação do transporte público (Grupo Trabalhadores)	82
Gráfico 16: Avaliação da Administração Público (Grupo Trabalhadores)	82
Gráfico 17: Ação dos usuários (Grupo Trabalhadores)	83
Gráfico 18: Análise do serviço de limpeza (Grupo Trabalhadores)	83
Gráfico 19: Qualificação das calçadas (Grupo Trabalhadores)	84
Gráfico 20: Existe lugar de encontro com família e amigos na Avenida Conde da Boa Vista? (Grupo Trabalhadores)	85
Gráfico 21: Qual o lugar para encontro com família e amigos? (Grupo Trabalhadores)	85
Gráfico 22: Acontecimentos marcantes/importantes na Avenida Conde da Boa Vista (Grupo moradores)	89
Gráfico 23: Tipos de Lembranças (Grupo moradores)	90
Gráfico 24: Classificação da Avenida Conde da Boa Vista como símbolo (Grupo Moradores)	90
Gráfico 25: Classificação da Beleza da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Moradores)	91

Gráfico 26: Classificação da Avenida mais bonita do Recife (Grupo Moradores)	92
Gráfico 27: Identificação do cheiro da Avenida Conde Boa Vista (Grupo Moradores)	92
Gráfico 28: Palavra que define a Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Moradores)	93
Gráfico 29: Identificação da Avenida mais insegura do Recife (Grupo Moradores)	94
Gráfico 30: Causas da violência (Grupo Moradores)	95
Gráfico 31: Lugar específico que gosta na Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Moradores)	96
Gráfico 32: Locais lembrados (Grupo Moradores)	96
Gráfico 33: Primeira necessidade da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Moradores)	97
Gráfico 34: Segunda necessidade da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Moradores)	98
Gráfico 35: Terceira necessidade da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Moradores)	99
Gráfico 36: Avaliação do transporte público (Grupo Moradores)	99
Gráfico 37: Avaliação da Administração Público (Grupo Moradores)	100
Gráfico 38: Ação dos usuários (Grupo Moradores)	100
Gráfico 39: Análise do serviço de limpeza (Grupo Moradores)	101
Gráfico 40: Qualificação das calçadas (Grupo Moradores)	101
Gráfico 41: Existe lugar de encontro com família e amigos na Avenida Conde da Boa Vista? (Grupo Moradores)	102
Gráfico 42: Qual o lugar para encontro com família e amigos? (Grupo Moradores)	103
Gráfico 43: Acontecimentos marcantes/importantes na Av. Cd. da Boa Vista (Grupo Usuários)	107
Gráfico 44: Tipos de Lembranças (Grupo Usuários)	107
Gráfico 45: Classificação da Avenida Conde da Boa Vista como símbolo (Grupo Usuários)	108
Gráfico 46: Classificação da Beleza da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Usuários)	108
Gráfico 47: Classificação da Avenida mais bonita do Recife (Grupo Usuários)	109
Gráfico 48: Identificação do cheiro da Avenida Conde Boa Vista (Grupo Usuários)	110
Gráfico 49: Palavra que define a Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Usuários)	111
Gráfico 50: Identificação da Avenida mais insegura do Recife (Grupo Usuários)	112
Gráfico 51: Causas da violência (Grupo Usuários)	112
Gráfico 52: Lugar específico que gosta na Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Usuários)	113
Gráfico 53: Locais lembrados (Grupo Usuários)	113

Gráfico 54: Primeira necessidade da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Usuários)	114
Gráfico 55: Segunda necessidade da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Usuários)	115
Gráfico 56: Terceira necessidade da Avenida Conde da Boa Vista (Grupo Usuários)	116
Gráfico 57: Avaliação do transporte público (Grupo Usuários)	116
Gráfico 58: Avaliação da Administração Público (Grupo Usuários)	117
Gráfico 59: Ação dos usuários (Grupo Usuários)	117
Gráfico 60: Análise do serviço de limpeza (Grupo Usuários)	118
Gráfico 61: Qualificação das calçadas (Grupo Usuários)	118
Gráfico 62: Existe lugar de encontro com família e amigos na Av. Cd. da Boa Vista? (Grupo Usuários)	119
Gráfico 63: Qual o lugar para encontro com família e amigos? (Grupo Usuários)	119

## SUMÁRIO

<b>1 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>16</b>
<b>2 - IMAGINÁRIOS URBANOS</b>	<b>23</b>
2.1- O Imaginário	23
2.2- A imaginação Simbólica	24
<b>3 –LUGAR</b>	<b>29</b>
3.1- O que é lugar?	29
3.2- Corpo e experiência de lugar	30
3.3- O amor ao lugar	33
<b>4 – ESPAÇO PÚBLICO</b>	<b>40</b>
4.1-Espaço Público: reflexão preliminar	40
4.2-A formação do espaço público brasileiro	45
4.3- A construção do elo afetivo e a produção fantasmagórica do brasileiro com o espaço público	48
<b>5 – A AVENIDA CONDE DA BOA VISTA</b>	<b>55</b>
5.1 - Breve histórico	55
5.2 - Análise crítica sobre a Avenida	62
5.3 - Dados sobre a Avenida Conde da Boa Vista	69
<b>6– ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA</b>	<b>71</b>
6.1- Observações iniciais	71
6.2 -Grupo 1 – Trabalhadores	72

<b>6.3- Grupo 2 – Moradores</b>	<b>89</b>
<b>6.4- Grupo 3 – Usuários</b>	<b>106</b>
<b>7- CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>123</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO – MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA</b>	<b>131</b>

## 1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Avenida Conde da Boa Vista é uma das principais avenidas da cidade do Recife e faz parte do tradicional centro da cidade e juntamente com a Avenida Guararapes (ligadas pela ponte Duarte Coelho) eram um dos importantes sinais da modernidade que chegava ao Recife no século XX, modernidade que era ansiada pelos cidadãos desejosos em ver a modificação de um Recife com rosto ainda colonial no século XX (Cf. Pontual, 2001, p.80). Desta forma, a Avenida Conde da Boa Vista compunha um dos cartões postais da cidade, abrigando colégios tradicionais como o Marista, edifícios modernos projetados por importantes arquitetos de época entre eles o Edifício Pirapama e lojas de departamento como a Mesbla que faz parte da memória dos mais antigos. A Avenida também era um lugar muito apreciado aos passeios sendo esses incentivados pelas lojas de compras e lanchonetes (destaque para a Karblen) que nela se estabeleceram fazendo um conjunto com as outras ruas e avenidas comerciais do Centro do Recife.

Porém, diversos acontecimentos fizeram com que o Centro do Recife assim como a Avenida Conde da Boa Vista fossem pouco a pouco sendo abandonados pelo poder público e pela própria sociedade. Novas centralidades surgiram junto com novas formas de morar. O conceito de compras também se modifica com a chegada dos *shoppings centers* que apesar de não causar a extinção das compras nas lojas de rua, seu impacto na forma de comprar do cidadão recifense é inegável, já que os locais fechados para compras passam a ser mais valorizados do que as lojas de contato direto com rua. Com isso, surge o pensamento de que o melhor lugar a se fazer compras é em um *Shopping Center*, um lugar que oferece tudo que se precisa sem sair de dentro dele. Além disso, forma-se no imaginário das pessoas a ideia de que o *shopping center* é um lugar que lhes atribui distinção.

A insegurança também tem grande papel influenciador na desvalorização da Avenida Conde da Boa Vista. Apesar de ser um problema antigo, a insegurança tem se intensificado atualmente por diversos fatores sociais e político-administrativos que termina por também influenciar o imaginário das pessoas que se acreditam somente seguras em espaços fechados.

Diante dos fatos apresentados, a Avenida Conde da Boa Vista não tem mais a importância e nem o cuidado que teve no passado. A Avenida passa por diversos problemas

de conservação, limpeza e administração, sendo mal conservada tanto pelo poder público como pelos próprios usuários. A Avenida tornou-se um lugar só de passagem, não mais um lugar de lazer e beleza como foi no passado.

Sabemos que o abandono dos antigos centros não é uma tendência nova no Brasil e em Recife não é diferente. Estes centros fazem parte da memória e afeto de seus cidadãos. Deve-se simplesmente esquecer esses lugares? Com estas questões apresentadas existe o interesse em investigar: Que tipo de elo afetivo existe entre usuários e a Avenida Conde da Boa Vista? O interesse por essa questão surgiu pela própria experiência da autora deste trabalho que conviveu de diversas formas com a Avenida Conde da Boa Vista desde sua infância passando pela adolescência e vida adulta. Sempre foi de seu interesse entender como esta Avenida tinha chegado ao estado de degradação. Esta tendo visto a Avenida Conde da Boa Vista em dias melhores que hoje tem o interesse em entender o que esta Avenida representa hoje para os seus usuários.

Buscaremos a resposta para a pergunta feita no parágrafo anterior investigando que tipo de elo afetivo existe entre as pessoas que fazem uso da Avenida e a mesma. O caminho dessa investigação será feito através do imaginário dos indivíduos a serem entrevistados neste trabalho. Desta forma o objetivo geral dessa dissertação é: a partir do conhecimento do imaginário simbólico dos indivíduos que fazem uso da Avenida Conde da Boa Vista descobrir que tipo de relação afetiva existe entre estes mesmos indivíduos e a referida Avenida. E como objetivos específicos: investigar que lugares de uso são importantes dentro da Avenida Conde da Boa Vista para os entrevistados; investigar que sentimentos a Avenida Conde da Boa Vista provoca nos entrevistados quando buscamos conhecer suas evocações relacionadas à referida Avenida. Evocação e uso são duas categorias de análise a serem explicadas melhor dentro do capítulo de procedimentos metodológicos.

Este trabalho foi organizado em cinco capítulos além das considerações iniciais. Os três primeiros capítulos tratam-se da parte teórica do trabalho que analisa os conceitos fundamentais para a investigação do objeto em análise. Posterior a esses três capítulos, a dissertação apresenta o objeto de estudo, a Avenida Conde da Boa Vista. O capítulo seguinte traz a análise dos resultados da pesquisa e o último capítulo as considerações finais do trabalho.

Assim sendo, capítulo 1 - Imaginários Urbanos -, consiste em apresentar a noção de Imaginário mostrando a importância do seu estudo para este trabalho de pesquisa. Em seguida, o capítulo apresenta o conceito de Imaginação Simbólica a partir da obra de Armando Silva, Imaginários Urbanos, que foi utilizada como referência para a construção do método de pesquisa deste trabalho.

No capítulo 2 – Lugar –, apresentamos a noção de lugar e a sua importância para a experiência humana no mundo. Por fim, o capítulo apresenta o conceito de *Topofilia* e reflete sobre o elo afetivo existente entre o ser humano e o lugar passando tanto pela experiência positiva como pela experiência negativa, próprias à ideia de afeto.

No capítulo 3 – Espaço Público -, apresenta uma reflexão prévia sobre o sentimento de insegurança da sociedade nos dias atuais em relação ao espaço público que tem, entre muitas consequências, seu abandono e por fim sua vulnerabilidade à violência. Em seguida o capítulo contempla a formação do espaço público brasileiro, passando pelos tempos da casa-grande onde o modo ser da nossa sociedade se formou evitando as vias públicas, até os dias atuais onde a forma de viver e morar na cidade valoriza muito mais espaços fechados do que espaços livres. Por fim, o trabalho busca entender como o brasileiro constrói o elo afetivo com o espaço público e as “produções fantasmagóricas” a respeito do espaço público, que são produções imaginárias tidas como verdade pelo coletivo.

No capítulo 4 – A Avenida Conde da Boa Vista -, a dissertação apresenta um breve histórico sobre a Avenida, mostrando sua evolução até os dias atuais. Em seguida o trabalho faz uma análise crítica sobre a Avenida dentro do cenário da tendência de abandono dos grandes centros no Brasil. Ainda dentro desta análise crítica, apresentamos os principais problemas da Avenida.

No Capítulo 5 – Análise dos resultados da pesquisa -, apresentamos os resultados das entrevistas realizadas com os três grupos escolhidos nesta pesquisa: trabalhadores, moradores e usuários da Avenida Conde da Boa Vista.

E por fim apresentamos as Considerações finais.

Os procedimentos metodológicos deste trabalho são baseados no que foi usado por Armando Silva e apresentado em sua obra *Imaginários Urbanos* (2001). Nesta pesquisa Silva procura conhecer o imaginário simbólico dos moradores das cidades de São Paulo e Bogotá (Colômbia) e faz isso através da investigação das categorias de análise evocação da cidade e uso da cidade. Ao pesquisar essas categorias Silva deseja saber “(...) como os cidadãos recordam, usam e conhecem suas cidades” (Silva, 2001, p.86), entre estas representações estão escalas cromáticas (procura saber dos entrevistados com que cor eles associam suas cidades) e olfativas (que cheiros os entrevistados associam a certos pontos de suas cidades), lembranças de acontecimentos marcantes ou dramáticos na vida da cidade entre outros.

### Identificação das Categorias de Análise

#### A – Evocação da Cidade

Conhecer as evocações dos cidadãos entrevistados por Silva (2001) em sua pesquisa tem como intenção de:

“registrar representações de forte caráter metafórico, como a localização de diversos lugares de Bogotá e São Paulo, personagens da lembrança, lugares de uso, escalas cromáticas e olfativas, fantasias elaboradas sobre lugares, imagens como as quais se identificam ruas, lembranças e acontecimentos dramáticos na vida da cidade”. (SILVA, 2001, p.87)

Esse também é o interesse desta pesquisa, procurar conhecer as representações de forte caráter metafórico para poder compreender o tipo de relação existente entre pessoas e Avenida.

Quando o Silva busca conhecer em sua pesquisa dentro da categoria de análise evocação da cidade, o universo cromático das cidades de Bogotá e São Paulo, ele não informa a partir de que obra fez a interpretação das cores encontradas no resultado da referida pesquisa. Sendo assim, optamos em interpretar o resultado das cores em nossa pesquisa a partir da obra de Eva Heller, *A Psicologia das Cores*. Esta obra trata das treze cores psicológicas e, conforme a própria autora relata “(...) vai além do que todos os outros livros sobre cores já investigou até hoje”. (Heller, 2013, p.18).

Sobre o estudo do universo cromático para cidades, Silva afirma “A cor não é só um problema material, é complexo, psicológico, cultural e social. Tampouco é só da arte; é também cotidiana, e é aqui que menos se tem estudado a cor na cidade”. (Silva, 2001, pp.105 e 106). A associação de cores a lugares, coisas e acontecimentos traduz os sentimentos que os indivíduos possuem em relação a esses. Ainda em Silva encontramos a seguinte afirmação:

“Quando falamos de evocação, pensamos em lembranças, ou em imagens retóricas que sempre expressam alguma coisa diferente do que falamos: cicatriz essencial da linguagem que quando não pode expressar seus silêncios, quando precisamente fala, o faz mediante outros subterfúgios mentais”. (SILVA, 2001, p.87)

A cor é então um desses subterfúgios utilizados para expressar um sentimento por alguma coisa que não pode ser expresso em palavras. Tuan diz que “O ser humano é levado por sensações para além do limite normal, ele é possuído por uma força, cuja origem coloca fora de si mesmo, na natureza e na sociedade” (Tuan 1974 apud Turner 1966, p.29).

#### B- Uso da Cidade:

Ao se referir ao uso da cidade Armando Silva pensa em “ações sustentadas por experiências empíricas com a cidade” (Silva, 2001, p.87) entre estas: construção de caminhos, zonas da cidade visitadas com certa frequência, qualificação da gestão da cidade, observação de certos lugares, etc. O autor quer conhecer a experiência que os cidadãos vivenciam com suas cidades e como eles a imaginam dentro de seus cotidianos.<sup>2</sup> Através da investigação do uso da cidade este autor busca conhecer que conceito os cidadãos possuem a respeito de suas cidades.

Assim, por meio da investigação da evocação e do uso da Avenida Conde da Boa Vista por parte de seus usuários que desejamos encontrar respostas a principal questão desta pesquisa: Que tipo de elo afetivo existe entre os usuários da Avenida Conde da Boa Vista e a mesma? Da mesma forma que a pesquisa de Armando Silva é abstrata e busca por símbolos, igualmente é a esta pesquisa, que não tem como principal objetivo obter resultados através de

---

<sup>2</sup> Cf Silva (2001) pp. 87 e 91

dados numéricos, mas deseja saber o que a Avenida Conde da Boa Vista representa para os seus usuários.

### Elaboração do Questionário

O questionário aplicado neste trabalho é baseado no que foi utilizado por Silva (2001). E como explica o autor o questionário utilizado “(...) não mede dados verificáveis, mas aspectos imaginários da cidade de Bogotá e São Paulo. Trata-se de um trabalho planejado para ser respondido com a liberdade da lembrança segundo a emoção de cada pessoa consultada” (Silva, 2001, p.88). É o que também se busca nesta pesquisa: conhecer que emoções a Avenida Conde da Boa Vista provoca em seus usuários.<sup>3</sup> O questionário possui treze questões todas de cunho subjetivo.

### Aplicação dos questionários

Elegemos três grupos a serem entrevistados: trabalhadores, moradores e usuários. Sabemos que existem outros grupos que fazem uso da Avenida, porém consideramos estes os mais importantes e também por não haver outra mão de obra senão a da autora desta pesquisa que aplicou todos os questionários ficou inviável eleger outros grupos. Foram entrevistadas 30 pessoas de cada grupo, totalizando 90 entrevistados nesta pesquisa. O número de 30 pessoas por grupo foi considerado um número razoável para obtermos resultado para a pesquisa e também tendo em vista que os trabalhadores e moradores do lugar foram contatados por indicação de terceiros, uma vez que as empresas e os edifícios do bairro não permitem a entrada de estranhos sem prévia identificação. A respeito de trabalhadores e moradores, expandimos a pesquisa para aqueles que trabalham e moram no bairro da Boa Vista, pois não conseguimos ter acesso a pessoas onde todas morassem e trabalhassem exatamente na Avenida Conde da Boa Vista, mas foi um ponto indispensável na pesquisa que o entrevistado fizesse uso da referida Avenida.

---

<sup>3</sup> Armando Silva não publicou no livro o formulário usado na pesquisa. Segundo o autor “(...) porque isso não foi considerado necessário, pois é somente um instrumento de trabalho que serviu como base das diversas projeções”. (Silva, 2001). Desta forma, fizemos o nosso formulário a partir das perguntas publicadas no livro adaptando-as para a realidade do nosso objeto de pesquisa.

Os questionários foram todos aplicados pela autora da pesquisa com o intuito de colher relatos informais dos entrevistados a respeito da Avenida Conde da Boa Vista, relatos esses que a ajudou melhor analisar a visão de cada grupo a respeito da Avenida. Alguns destes relatos serão citados durante a apresentação dos resultados da pesquisa dentro do capítulo Análise da Pesquisa.

## Análise do Material de Campo

### A- Análise dos questionários

Os questionários foram analisados separadamente por grupo e dentro de cada grupo dividimos os resultados em evocação da cidade e uso da cidade com a intenção de que tanto a apresentação como os resultados ficassem mais claros para o leitor. Mas ao final para conhecer o tipo de elo afetivo entre os grupos e a Avenida Conde da Boa Vista foi considerado o questionário como um todo já que as respostas não eram uniformemente negativas ou positivas, mas era preciso uma interpretação das repostas para por fim chegar ao resultado da questão investigada.

### B-Análise do universo cromático dos grupos entrevistados

Assim como na pesquisa de Silva (2001), tivemos várias cores escolhidas pelos grupos entrevistados como a cor que para eles simboliza a Avenida Conde da Boa Vista, tomamos então deste autor e elegemos as cores mais indicadas pelos grupos para tomar como o universo cromático dos mesmos. Escolhemos as três cores mais apontadas por cada grupo para assim poder interpretar seus sentimentos e sensações em relação à Avenida Conde da Boa Vista.

## 2 - IMAGINÁRIOS URBANOS

### 2.1- O Imaginário

É necessário explicarmos alguns conceitos da obra *Imaginários Urbanos* para que fique entendida sua relação com a *topofilia* e porque utilizamos estes conceitos. Antes da definição do termo “imaginário simbólico” precisamos falar sobre o conceito de imaginário. Diversos autores escreveram sobre o imaginário, entre esses Bachelard, Gilbert Durand, Maffesoli, Castoriadis e Corbin. Não iremos nos estender em explicar a visão de cada um desses autores sobre o imaginário, mas traremos a definição deste termo a partir de Gilbert Durand já que Armando Silva explica imaginário simbólico a partir deste autor. E apresentaremos a visão de Maffesoli por este tratar do imaginário coletivo que é estudado por Silva, sendo a nossa intenção conhecer o tipo de relação afetiva existente entre pessoas e lugar a partir do imaginário das mesmas e suas experiências com a Avenida Conde da Boa Vista.

Durand define imaginário como “(...) conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* (...), estrutura essencial na qual se constituem todos os processamentos do pensamento humano” (Durand, 1997, p.14). É importante dizer que o imaginário por muitos séculos foi desprezado pelos pensadores e estudiosos no mundo ocidental<sup>4</sup> por entender que a imaginação “por constituir fontes de falseamentos e erros, não poderia ser incluída enquanto objeto de reflexão” (Mariano Neto, 1999, pp.8-9). Dessa forma, a imaginação só será levada em consideração enquanto estudo científico a partir do século XX. Sobre o interesse pelo imaginário no século XX Durand diz que:

A ideia e as experiências do “funcionamento do concreto do pensamento” comprovaram que o psiquismo humano não funciona apenas à luz da percepção imediata e de um encadeamento racional de ideias, mas, também, na penumbra ou na noite de um inconsciente, revelando, aqui e ali, as imagens racionais do sonho, da neurose ou da criação poética. Claro que esta descoberta fundamental está ligada ao nome de Sigmund Freud. (DURAND, 2001, pp.35 e 36)

Com isto, compreendemos que o imaginário é algo inerente ao ser humano e não pode ser desprezado como se fosse algo falso ou sem importância. Durand explica que os estudos

---

<sup>4</sup> De acordo com Durand “As civilizações não ocidentais nunca separaram as informações (digamos, “as verdades”) fornecidas pela imagem daquelas fornecidas pelo sistema da escrita”. (Durand, 2001, p.6).

de Freud comprovaram o papel indispensável das imagens como “mensagens que afloram do fundo do inconsciente do psiquismo recalado para o consciente” (Durand, 2001, p.36). Ou seja, as imagens são uma representação do que está entre o inconsciente reprimido (não manifestado) e a tomada de uma consciência ativa. Durand continua sua explicação afirmando “Daí ela (a imagem) possui o status de símbolo e constituir o modelo de um pensamento indireto no qual um significante ativo remete a um significado obscuro”. (Durand, 2001, p.36).

Após a apresentação do conceito de imaginário e da breve explanação de como este conceito foi desconsiderado pelos estudiosos ocidentais até século XX quando foi retomado, trazemos agora a reflexão a respeito do imaginário coletivo por Maffesoli. Para este autor existe uma conexão entre o real e o imaginário. Na visão de Maffesoli o imaginário ultrapassa o individual e impregna o coletivo (ou ao menos parte do coletivo), pois o autor entende que o imaginário do indivíduo é influenciado pelo grupo ao qual ele pertence, logo, o imaginário é coletivo. Desta forma Maffesoli afirma “O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado, nação, de uma comunidade etc.” (Maffesoli, 2001, p.76).

## 2.2- A Imaginação Simbólica

Armando Silva (2001) desenvolve um caminho metodológico para entender os imaginários simbólicos que são formados a partir da imagem que estes cidadãos constroem através da interação com suas cidades. Silva define imaginação simbólica apoiado em Durand (1968):

A consciência dispõe de duas maneiras de representar o mundo. Uma **direta**, na qual a própria coisa parece apresentar-se ante o espírito, como na percepção ou na simples sensação. Outra **indireta**, quando por uma ou outra razão a coisa não pode apresentar-se em ‘carne e osso’ à sensibilidade. Como, por exemplo, ao imaginarmos as paisagens de Marte [...]. Neste caso de consciência direta, o objeto ausente é representado diante dela (a consciência) mediante uma imagem, no sentido mais amplo do termo. Chaga-se então à **imaginação simbólica** propriamente dita, quando o significado não puder se apresentar como uma coisa específica, enquanto tal, uma palavra exata ou uma descrição única, e o que se apresenta é mais que uma coisa, um sentido ou muitos que podem abarcar a expressão simbólica. (SILVA, 2001 apud DURAND, 1968, p.43, destaques meus).

Silva (2001,p.24) diz que em uma cidade o físico produz efeitos sobre o simbólico e da mesma forma o simbólico afeta e conduz o uso social desta mesma cidade podendo modificar sua concepção. Com isso, entendemos que a aparência e situação de uma cidade produz na mente de seus cidadãos um conceito a seu respeito ao mesmo tempo em que aquilo que se fala dessa cidade (imaginário) influencia o comportamento dos seus cidadãos. Desta maneira, o autor afirma: “(...) na percepção da cidade há um processo de seleção e reconhecimento que vai construindo esse objeto simbólico chamado cidade; e que em todo símbolo ou simbolismo existe um componente imaginário” (Silva, 2001, p.47).

A importância da obra de Armando Silva, *Imaginários Urbanos* (2001) para esta pesquisa que se apoia ainda na obra *Topofilia* (1974) de Yi-Fu Tuan para compreender que tipo de elo afetivo existe entre pessoas e lugar, é a importância que é dada por estes autores à experiência e ao cotidiano para a construção da relação do ser humano com o lugar (Tuan) e a cidade (Silva). Da mesma forma de Silva, queremos investigar o nosso objeto de pesquisa como “(...) lugar vivido, interiorizado e projetado por grupos sociais que o habitam e que em suas relações de uso com a urbe não só a percorrem, mas interferem dialogicamente, reconstruindo-a como imagem urbana” (Silva, 2001, p.27). Igualmente a Tuan (1974) que se interessa pelos sentidos humanos em sua obra sobre a *Topofilia* e dedica uma parte desta mesma obra a falar sobre estes sentidos, Silva também busca conhecer o imaginário dos seus entrevistados através dos sentidos humanos.

Silva (2001) divide a parte teórica de sua obra em três partes: cidade vista; cidade marcada e cidade imaginada. Em cidade vista, o autor afirma que o seu desejo é entender como “a cidade é vista por seus cidadãos” (Silva, 2001, p.9), ou seja, como a imagem da cidade se constrói para seus cidadãos. Assim o autor explica “O ponto de vista marca tanto uma noção espacial, aquilo que reconheço porque vejo, quanto uma noção narrativa, o que eu conto porque conheço ou sei”. (Silva, 2001, p.10).

Em cidade marcada, Silva reflete sobre Território como demarcação e reconhecimento de um lugar (localização). O autor fala sobre a importância de dominar e percorrer um território e afirma “Dominar o território é assumi-lo numa dimensão linguística e imaginária; ao passo que percorrê-lo, pisando-o e marcando-o de uma ou de outra forma, é dar-lhe entidade física (...)”. (Silva, 2001, p.16). Ao passo que o indivíduo percorre e domina um

determinado território desenvolve como consequência um relacionamento com ele. Para Silva foi importante conhecer como os cidadãos participantes de sua pesquisa demarcavam e percorriam suas cidades para que este autor pudesse conhecer quais locais eles preferiam para lazer, que locais evitavam passar por considerar inseguros ou inadequados. Ou seja, conhecer a evocação e o uso da cidade através do entendimento de como seu território é demarcado e percorrido.

Em cidade imaginada o autor discute o significado de imaginação simbólica. A imaginação simbólica é algo que não pode ser descrito apenas com um símbolo, ela precisa de interpretação, ela não pode ser resumida em uma única definição. Ainda dentro do capítulo Cidade Imaginada, Silva nos fala do “Fantasma Urbano” que é definido pelo autor da seguinte forma:

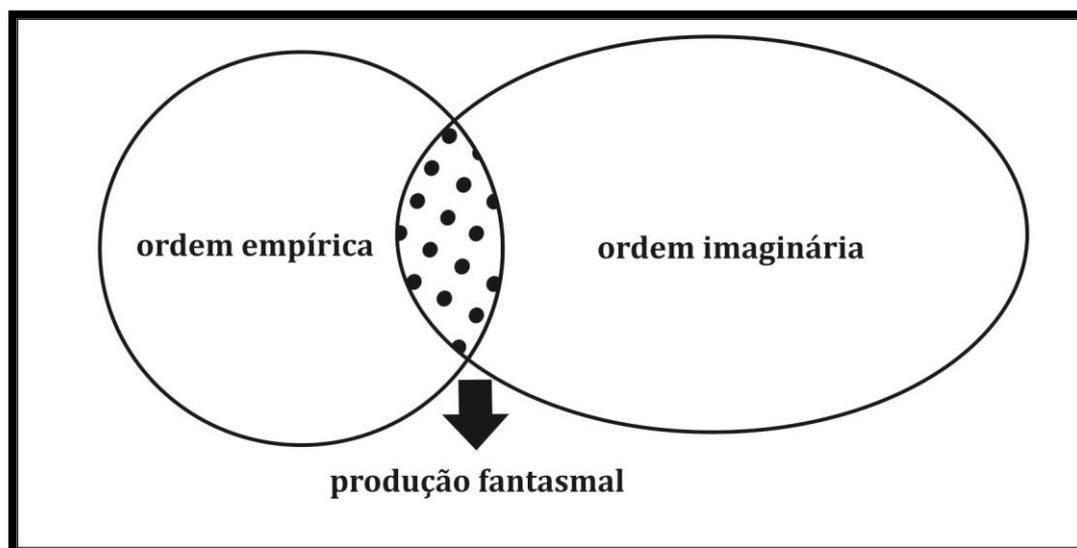
Chamo *fantasma urbano* àquela presença indecifrável de uma marca simbólica na cidade, vivida como experiência coletiva, por todos os seus habitantes ou uma parte significativa deles, através da qual nasce ou se vive uma referência de caráter mais imaginário do que de comprovação empírica. (SILVA, 2001, p.55, destaque meu).

Armando Silva chama de fantasmas urbanos as projeções fantasiosas que os cidadãos fazem em suas cidades a respeito de um local ou de um acontecimento. Como o autor afirma: “Corresponde ao efeito imaginário sobre o acontecer cotidiano da cidade” (Silva, 2001, p.55). Como exemplo, podemos citar que uma determinada Avenida em uma cidade é conhecida como uma das mais perigosas, mesmo sem que se conheçam os dados a respeito do número de assaltos em avenidas na cidade, ou mesmo sem ter sofrido algum assalto, esta ideia de “avenida perigosa” fica no imaginário dos seus cidadãos de forma que sempre ao passarem por esta Avenida ficarão apreensivos e cautelosos ou mesmo procurarão evitá-la.

Silva explica que a produção fantasmal pode ser de três tipos “por força dos fatos, por razões culturais ou por memória cidadã” (Silva, 2001, p.57). A primeira já foi exemplificada no parágrafo anterior, quando por força de um fato um fantasma é produzido, uma Avenida ter fama de perigosa seria esse “fantasma”. Por razões culturais podemos exemplificar com o pensamento que o bairro de Boa Viagem é o bairro ideal para se morar por ser próximo a praia e ao *shopping Center*. Até hoje muitas construtoras destacam essas duas “qualidades”

quando querem vender novas unidades habitacionais neste lugar. Além disso, as pessoas imaginam adquirir *status* por morar em uma área nobre. E por último a memória cidadã pode-se citar o príncipe Maurício de Nassau que é lembrado até os dias hoje como um excelente administrador e que foram tempos áureos em Pernambuco e muitos ainda falam no Recife que se o Brasil tivesse sido colonizado pela Holanda seria hoje em dia um país mais desenvolvido economicamente. Mesmo não tendo vivido na época do príncipe Maurício, mesmo sem conhecer em detalhes como seu deu a colonização holandesa, esse pensamento circunda o imaginário de muitos cidadãos de Recife.

Silva explica que “um bom conhecimento empírico do fato subestima a “produção fantasmagórica” (Silva, 2001, p.58). Conhecendo a verdade do fato dificilmente irá se criar um “fantasma” sobre aquele local ou sobre um acontecimento sobre a cidade. O “fantasma” segundo o autor sempre influencia no comportamento cidadão ou na percepção da cidade. Por fim, Silva nos apresenta um esquema explicando como acontece a “produção fantasmal”:



**Figura 1:** reprodução dos Círculos de Euler. Fonte: Imaginários Urbanos (Silva, 2001, p.59).

Com os *Círculos de Euler*, Silva explica que a “produção fantasmal” acontece do encontro da ordem empírica com a ordem imaginária (conforme parte grifada no círculo) onde a primeira cede ou é transformada pelo imaginário. A ordem imaginária também pode ceder e

se transformar em ordem empírica (Silva,2001, p. 59). Com isso, o autor explica que o “fantasma” apesar de ser imaginário vive como se fosse real, conforme os exemplos já citados anteriormente.

### 3 – LUGAR

#### 3.1- O que é lugar?

Definir lugar não é uma tarefa fácil levando em consideração que o mesmo é visto sob vários ângulos de acordo com as referências teóricas em que é estudado. A respeito dessa pluralidade de definições e dificuldade por chegar a um só conceito de lugar podemos concordar com o que diz Oliveira (2014, p.3) “Há uma infinidade de definições de lugar (...) que varia conforme as teorias e os autores” e com Price (2013, p.118) “(...) a aparente simplicidade de um lugar obscurece uma multiplicidade de significados”<sup>5</sup>. Dito isto, pretende-se trazer algumas reflexões sobre lugar a partir da visão da geografia humanista, por esta ser a corrente da geografia em que atua o geógrafo Yi-Fu Tuan. Pois estudaremos a *topofilia* (o amor ao lugar) principalmente a partir da obra deste mesmo autor.

Para Relph (2012, p.31) “Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco”. Desta relação dita por Relph acontece uma troca, o ser humano marca o lugar e é marcado por ele. Entre nós seres humanos e um lugar existe, portanto, uma relação, uma ligação (elo) e é a partir dessa ligação que acontece o afeto. Afeto, é válido deixar claro, desde já, significa ser afetado por alguém ou algo, seja de forma positiva ou negativa.

Em Tuan destacamos a seguinte definição a respeito de lugar: “Lugar é qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas” (Tuan, 2011, p.5). A partir desta elucidação de Tuan entende-se que o lugar é algo que não é indiferente ou invisível aos nossos sentidos e sentimentos. Ao sermos afetados por um determinado lugar lhes damos significância como consequência: nome, adjetivos entre outros. E o lugar nos remeterá sempre a lembranças, sensações e sentimentos. O cheiro de café que leva uma pessoa a lembrar-se de sua terra natal onde o tomava preparado por sua mãe, sendo isso ainda mais significativo por essa pessoa estar longe de sua terra. A lembrança das paredes frias do cárcere faz um ex-prisioneiro sentir-se angustiado ao pensar no lugar onde passou anos

---

<sup>5</sup> Citação original em inglês “*place’s seeming simplicity obscures a multiplicity of meaning*”. Tradução para o português feita pela autora da dissertação

encerrado. Desta forma, cada pessoa cria sua própria relação com o lugar como também as memórias que farão esse lugar firmar-se em suas lembranças.

### **3.2- Corpo e experiência no lugar**

O lugar nasce da experiência do homem com o que antes era espaço inominado, quando este intervém sobre tal espaço dando-lhe sentido e habitando-o, então o espaço transforma-se em lugar. Esta afirmação pode ser reforçada com o que afirma Price (2013, p.120) “Espaço é, portanto, feito em lugar através da intervenção humana”<sup>6</sup>.

Sobre a experiência Tuan (1980) diz que:

A experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização. (TUAN, 1980, p.9).

Ou seja, a partir do aqui e do agora (realidade) o ser humano constrói sua experiência com algo e tal experiência é acumulada e transformada em conhecimento. Para experienciar um lugar o corpo é essencial. Dizer isto pode parecer óbvio, mas se nos voltarmos para afirmações como as do próprio Tuan (1980), de Carlos (2007) e de Chaveiro (2014) veremos que não podemos deixar de falar a respeito da importância do corpo na experiência com o lugar.

Mello (2014, p.37) afirma que “Existir é ter um lugar”. Isso porque o corpo para existir precisa de um lugar. Chaveiro (2014, p.250) também afirma isto ao dizer “(...) não é possível haver existência do corpo e da vida sem o espaço e o seus componentes, como não é possível existir espaço, lugar, paisagem ou outro atributo que permite a ação humana, sem a experiência do corpo”. O lugar é o meio concreto pelo qual acontece a experiência entre o corpo e o mundo, ou seja, no âmbito particular de cada pessoa, o seu lugar é o seu mundo. A ação do Homem sobre o lugar acontece através do corpo e é pelo corpo que ele aprende e faz

---

<sup>6</sup> Citação original em inglês “Space is thus made into place through human intervention”. Tradução para o português feita pela autora da dissertação

a experiência do lugar. Chaveiro (2014, p.251) afirma que “Corpo e lugar se interconectam, se processualizam e se pressupõem como componentes diferenciados absolutamente conectados”. Quer dizer, corpo e lugar ou ser humano e lugar modificam-se um ao outro<sup>7</sup>.

Ainda dentro do que Chaveiro fala a respeito da relação corpo e lugar, este autor vê o corpo como “guardador de lugares”. Chaveiro (2014, p. 253) afirma que através dos contatos com o mundo, tendo por intermédio as atividades cotidianas, o corpo guarda lugares e assim, o chama de “memória-arquivo” que liga “imaginários, desejos e carne, justapõe dor, superação e afetos”. Desta maneira, o corpo é ativo e passivo em suas vivências. Ou como diz Chaveiro (2014, p.253) que ao mesmo tempo em que também o lugar é “guardador do corpo”. Para Chaveiro guardar o corpo em um lugar surgiu da necessidade do controle sobre as pessoas e aponta como exemplos disto as prisões, escolas militarizadas, manicômios e fortalezas. Porém existe outra visão sobre a necessidade que se tem em “guardar” o corpo em um lugar e que é explicada pela carência de abrigo que o Homem tem para si mesmo que é diferente da questão de guardar o corpo para que se tenha o controle de pessoas conforme fala Chaveiro (2014).

Tal necessidade de sentir-se abrigado é explicada por Leitão (1998, p.53) que afirma que o ser humano após sair do útero materno terá sempre necessidade de aperceber-se abrigado, como se sentisse sempre a falta do útero e por isso precisasse de algo que o representasse após o seu nascimento:

“Segurança, proteção, bem-estar, dão ao “espaço uterino” o sentido de essencialidade do qual não mais se libertará o sujeito humano, levando-o a engendrar uma busca, tão incansável quanto impossível, de resgate dessa essencialidade perdida” (LEITÃO, p. 53,1998).

Tuan explica que os órgãos sensoriais que permitem aos seres humanos terem sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais são a visão, o tato e a cinestesia. O autor mostra como tais sentidos são importantes para o aprendizado e experiência de um lugar, como por exemplo, o simples ato de esticar os braços nos dá noção de espaço ou, ainda, o sentido de direção para mover-se em um lugar. E discorrendo sobre os principais sentidos humanos Tuan mostra que todos são importantes para se experienciar um lugar de forma

---

<sup>7</sup> Ver também V.Berdoulay, Geografías de Lo Imaginário, p.50

completa. Porém, o mesmo ressalta que apesar da importância dos sentidos, é necessária a experiência para se conhecer um lugar, dando como exemplo as crianças que quando são muito pequenas não têm a prática de perceber objetos de forma tridimensional. (Cf. Tuan, 1980, pp. 13-19).

Carlos (2007, p.17) fala da importância do corpo para a apropriação do espaço e conseqüentemente dos sentidos “O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores (...)”. A autora explica que o lugar torna-se palpável para o ser humano a partir do momento em que ele faz a experiência do lugar através do seu corpo (anda, trabalha, passeia, entre outros exemplos). E é a partir dessa experiência do corpo com o lugar que este último vai ganhando o significado que lhe é atribuído através do seu uso (Carlos, 2007, p.18). Voltando para Chaveiro (2014, p.263) este afirma que “O corpo é esse presente contínuo que vibra e vive, **apalpa**<sup>8</sup> o mundo para ser e é entrelaçado aos lugares”. O lugar, como já foi dito é, pois o meio por onde se vive a concretude da vida, mas essa concretude precisa do corpo para ser apalpada (tocada).

O cotidiano é uma categoria de análise importante para entender como se dá a experiência com um lugar, porque é dentro do cotidiano que a experiência dos indivíduos com o lugar se desenvolve e também é a partir do cotidiano que se intensifica o afeto pelo lugar, seja ele negativo ou positivo. O cotidiano como afirma Chaveiro (2014, p.267) “(...) conforma tempo e ação, lugar e corpo, que além de ser relacional, impõe a necessidade de instaurar sentidos e significados”. Carlos (2007) também menciona a importância de conhecer o cotidiano das pessoas para entender um lugar. Segundo esta autora “Podemos buscar o entendimento do lugar nas práticas mais banais e familiares o que incita pensar a vida cotidiana segundo a lógica que lhe é própria e que se instala no insignificante, no parcelar, no plural”. (Carlos, 2007, p.20). Porque é dentro desse ordinário que a vida acontece e que os lugares vão se construindo a cada dia. A experiência constante com o lugar se dá dentro do cotidiano, pois é através deste último nós criamos vínculo com nossa casa, rua e bairro. Como diz Mello (2014, p.40) estes são lugares “eleitos e demarcados a partir de nossas experiências”. É dentro do cotidiano que o ser humano se encontra com o que lhe é conhecido dentro de um lugar: objetos, caminhos e pessoas.

---

<sup>8</sup> Grifo da autora da dissertação.

Sobre a importância do cotidiano para conhecimento de um lugar, Price (2013) critica o fato de muitas vezes os acontecimentos ordinários são ignorados em detrimento dos grandes acontecimentos em um lugar. A respeito disso esta autora *apud* Lorimer (2003) fala sobre a importância do que chama de “pequenas histórias” para a construção de um lugar, onde as biografias de pessoas comuns vão construindo e dando significado aos lugares. De acordo com Price (2013) *apud* Lorimer (2003) as experiências de pessoas comuns em um lugar são tão importantes para a compreensão da construção do mesmo como as narrativas históricas grandiosas. Partindo deste ponto de vista, podemos entender que um lugar é semelhante a uma grande *colcha de retalhos* feita das biografias das pessoas que estão nesse mesmo lugar.

Nós construímos então nossa biografia em um lugar ou em alguns lugares e desta forma estes lugares possuem para nós significado. Tuan (1980) afirma: “O lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático” (Tuan,1980,p.198). Isso porque se já temos uma relação com esse lugar, uma história pessoal com ele, tudo nele tem valores estabelecidos, organizados dentro de nós. É aquela praça, por exemplo, onde brincamos durante a infância e ao passar por ela remete-nos às memórias dos tempos de criança; é o restaurante onde costumamos ir aos finais de semana e nos remete a boas lembranças; é a escola onde fizemos nossos primeiros anos de estudos e nos recordamos de colegas de classe e professores; enfim cada canto daquele lugar nos remete a um significado. Dentro dessa gama de significados, se sobressai o principal significado que este lugar tem para nós, ou seja, ao lembrarmos-nos dele o que impera em nós é o apego ou a rejeição que sentimos por ele.

### 3.3- O amor ao lugar

O homem é um ser afetivo e não só movido pela racionalidade, por isso é importante estudar também seus sentimentos e não só o seu lado racional e biológico. Oliveira (2012) afirma:

“A **conduta humana** é tão complexa que não pode ser reduzida a simples termos convencionais, pois o sistema do Homem é alimentado por um tipo de energia tremendamente dinâmico e segundo ritmos e regulações muito sofisticadas que é a **afetividade**”. (OLIVEIRA, 2012, p.59, destaques originais).

Aranha & Martins (1992) afirmam que o Homem é um ser de desejo e que este reage afetivamente aos acontecimentos. Dito isto, entendemos que não há como ignorar os sentimentos dando ênfase apenas ao racional como quiseram alguns estudiosos no passado como Platão cujo pensamento era que “O Homem Sábio é aquele que fortalece a razão, alma superior e não se deixa arrastar pelas paixões” (Aranha & Martins, 1992, pp.146-147). Ao estarmos em um ambiente é inevitável sermos afetados por ele e termos uma reação, isso não é uma escolha nossa é algo que simplesmente acontece. Sobre isso Aranha & Martins dizem “Quando somos afetados não podemos evitar a resposta, seja ela de prazer, dor ou cólera”. (Aranha & Martins, 1992, p.145).

Com o que foi apresentando no primeiro parágrafo deste tópico quisemos mostrar a importância de estudar o elo afetivo entre pessoa e lugar, que está sendo investigado neste trabalho. A obra *Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente* foi escrita por Yi-Fu Tuan em 1974 e remete à questões de como vemos, estruturamos e percebemos o meio ambiente em que vivemos, quais são os nossos ideais ambientais e os laços entre meio ambiente e visão de mundo. Dentro dessas questões o autor traz o termo *Topofilia* que significa “Elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (Tuan, 1974, p.5). A palavra *Topofilia* vem do grego (*Topos* – que significa lugar e *philia* – que significa amor de). É importante ressaltar que antes de ser abordado por Yi-Fu Tuan, o termo *topofilia* foi discutido pelo filósofo Gaston Bachelard na obra *Poética do Espaço*, a qual mais adiante abordaremos.

Na referida obra, Tuan irá se preocupar com o modo como o homem constrói o elo afetivo com o lugar e assim irá discorrer longamente sobre os sentidos humanos e de como a partir desses o ser humano reage ao ambiente habitado. Ao mesmo tempo, o autor reflete sobre a forma o ambiente influencia os indivíduos em suas crenças e valores e como a partir disto o ser humano simboliza o lugar onde vive. Desta forma, Tuan aborda constantemente os temas religião e cultura dentro da perspectiva do lugar e com a referida abordagem entendemos que o Homem é quem dá sentido ao lugar ao mesmo tempo em que é afetado por ele de alguma forma (não só de maneira positiva). Bons exemplos disto podem ser encontrados quando Tuan nos fala a respeito da percepção sobre as montanhas onde alguns povos antigos viam-nas como sagradas ou as relacionavam como “indicador do divino” (Tuan, 1974, p.80) enquanto outros rejeitavam este elemento natural, como os romanos que

descreviam as montanhas como “distantes, hostis e desoladas” (Tuan, 1974, p.81). Ou ainda quando este mesmo autor explica as diferentes visões que os norte-americanos tinham a respeito das grandes cidades de acordo com a época e momento em que passavam as pessoas de uma determinada geração. Entre estas visões estão os puritanos do século XIX que acreditavam que a cidade “(...) servia como metáfora da comunidade ideal, a Nova Jerusalém” (Tuan, 1974, p.224). Eles queriam que sua cidade fosse vista como referência para as demais, como a Nova Jerusalém bíblica deveria ser.

Com o que foi apresentado no parágrafo anterior, depreendemos que o imaginário está constantemente presente na relação afetiva que se tem com o lugar, seja de forma positiva ou negativa, mas ele tem um papel essencial na formação simbólica do lugar. Como Silva (2001, p.26) afirma “A cidade, cada cidade, se parece com seus criadores, que são feitos pela cidade.” Quando uma determinada sociedade simboliza e imagina sua cidade como uma Nova Jerusalém conforme o exemplo que foi dado, os membros desta sociedade agirão como se fossem cidadãos de uma “cidade sagrada” “cidade referência às demais” porque eles acreditam nisso e ao mesmo tempo tratarão sua cidade como a percebem: como uma “cidade sagrada”. Então todo o seu pensamento e forma de entender a cidade estarão baseados nisso. O elo com este lugar se constrói então a partir da visão de que a cidade em que se habita “é santa”. O imaginário, como vimos, vai influenciar o comportamento dos cidadãos em relação ao lugar que vivem.

A respeito do tipo sentimento “*topofílico*” pelo lugar Tuan explica que eles podem ser fugazes como, por exemplo, contemplar por algum momento a beleza de um lugar; corporal, ao sentir o ar, o sol, a água; e os mais permanentes que são os que temos com um lugar por ser nosso lar ou o lugar onde ganhamos a nossa vida, por exemplo. Mas adverte que a *Topofilia* não é o sentimento humano mais forte, mas quando é irresistível “podemos estar certos que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo” (Tuan, 1974, p.107). É importante ressaltar que o lugar como veículo de acontecimentos emocionalmente fortes como afirma Tuan, nem sempre significa que estas emoções serão positivas, pois podem ser negativas fazendo com que uma pessoa em vez de amar determinado lugar, o odeie. É um afeto negativo. Relph afirma “Lugar é geralmente

representado como bom, um jeito de enfrentar as forças do mal do lugares-sem-lugaridade<sup>9</sup>”. É importante lembrar que lugar pode ter um lado muito feio” (Relph, 2014, p.26). Este mesmo autor ainda afirma “Muito do que está escrito e o que é feito em nome de lugar parece assumir que ele é um fenômeno inteiramente positivo, independente do caso. É fundamental abordar lugar criticamente”. (Relph, 2014, p.27).

Como exemplo disto, trazemos a experiência pessoal do escritor Thomas Bernhard na cidade de *Salzburg* (Áustria). Esta cidade que é mundialmente conhecida por ser onde o compositor e músico Wolfgang Amadeus Mozart nasceu e passou parte de sua vida. Além disto, *Salzburgo* é Patrimônio Cultural da Humanidade, sendo uma das cidades mais procuradas na Áustria para o turismo e também possui grande beleza natural e arquitetônica.

Os turistas que visitam *Salzburg* devem ter experiências positivas com tal cidade, se assim não fosse ela não seria uma das mais procuradas da Áustria para o turismo. Sendo assim, também podemos imaginar que os seus cidadãos possuam algum apreço por uma cidade com tantos atributos. Porém, nem todos têm a mesma visão de um mesmo lugar. A partir de experiências negativas e traumáticas em um determinado lugar há pessoas que passam a ligá-lo a lembranças ruins passando a detestá-lo e podendo desejar não mais tornar a voltar ali. Tal experiência negativa com relação à *Salzburg* é bem relatada por Thomas Bernhard em sua autobiografia intitulada de *Origem*.

Bernhard é levado a *Salzburg* contra sua vontade para estudar em um internato e lá passa pelas piores experiências de sua vida. Maus tratos no internato, parentes que humilharam a ele e ao seu avô, ataques aéreos durante a 2ª guerra mundial que o faziam juntamente com os habitantes da cidade se esconder em túneis escuros, úmidos e apertados, estão entre as más experiências de Bernhard. O mesmo afirma que durante sua estadia no internato em *Salzburg* pensou inúmeras vezes em suicídio por considerar sua vida naquele internato insuportável. Tudo na cidade o irritava: as pessoas, o clima, a arquitetura. A respeito de *Salzburg* o próprio Bernhard afirma

---

<sup>9</sup> Lugar-sem-lugaridade segundo Relph acontece “Sempre que a capacidade do lugar de promover a reunião é fraca ou inexistente temos não lugares ou lugares-sem-lugaridade” (Relph,2014,p.25). A tradução original do termo grifado é *Placelessness*.

Porque aquela cidade Salzburg dos meus anos de aprendizado e estudo foi tudo para mim, menos uma cidade bela ou suportável, jamais uma cidade que hoje eu haveria de perdoar, falsificando-a. Salzburg sempre foi um tormento para mim, jamais se deixou transmitir alegria, felicidade e aconchego à criança e ao jovem que fui ali no passado, nunca foi o que sempre se diz dela (...). (BERNHARD, 2016, p.154).

Dado este exemplo, podemos pensar que do mesmo modo quando Tuan fala em uma *Topofilia* irresistível por um lugar como “veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou percebidos como um símbolo” (Tuan, 1974, p.107) podemos também entender que quando um lugar é veículo de acontecimentos fortemente negativos acontecerá o contrário da *Topofilia*. O ódio a um lugar, um sentimento pode afetar de forma tão intensa quanto o amor pelo lugar.

Em relação ao alcance da *Topofilia* em questão físico-espacial, Tuan afirma que o ser humano tem experiência íntima em sua vida com pequenas porções de lugar, não há experiência íntima com um vasto território e afirma que a *Topofilia* soa falsa quando é manifestada por um grande território e assim diz “Parece que a *Topofilia* necessita um tamanho compacto, reduzido às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos”. (Tuan, 1974, p.116). Isso porque é necessário ter um cotidiano com um lugar para a construção de uma relação profunda com o mesmo, afinal só podemos amar aquilo com que convivemos e conhecemos. Carlos (2007), apesar de não falar sobre *Topofilia*, na afirmação a seguir também comenta sobre a questão da necessidade de um limite espacial para que haja uma relação mais íntima e profunda com o lugar quando reflete sobre a impossibilidade de se viver a metrópole em sua totalidade:

Por outro lado a metrópole não é “lugar” ela só pode ser vivida parcialmente, o que nos remeteria à discussão do bairro como o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas — as relações de vizinhança, o ir as compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida /reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar. (CARLOS, 2007, p.18)

Saindo de Yi-Fu Tuan, abordaremos agora outro importante pensador da *Topofilia*: o filósofo Gaston Bachelard. Este filósofo que é autor da obra *A Poética do Espaço* nos fala que os primeiros sentimentos topofílicos são vividos necessariamente na casa (habitação) e afirma “Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo” (Bachelard, 2008, p. 200). De acordo com Bachelard a lembrança da primeira casa que habitamos nos acompanha por toda vida fazendo parte inclusive de nossos sonhos. Mesmo quando moramos em outras casas as lembranças da infância onde vivemos em nosso primeiro lar voltam em nossa memória. Bachelard chama isso de “país da infância imóvel” onde “vivemos fixações de felicidade”, ou seja, as boas lembranças da infância no nosso primeiro lar. Esse filósofo afirma que “As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa” (Bachelard, 2008, p.201). Por esse pensamento de Bachelard podemos entender que a casa é o começo de tudo, é onde desenvolvemos nossos primeiros afetos, a casa é o primeiro lugar amado por nós, depois que a amamos é que poderemos amar outros lugares.

Bachelard atesta que sem a casa “o Homem seria um ser disperso” (Bachelard, 200, p.201). Seria disperso porque a casa lhe dá noção de como habitar e organizar um lugar. Aqui se faz pertinente citar novamente o pensamento de Lúcia Leitão (1998) que fala a respeito da necessidade humana de ter, após o nascimento, a representação do útero “materializada”. E esta representação é conhecida pelo ser humano primeiramente através da casa. Podemos entender que a busca por proteção, primeiramente conhecida no útero faz o Homem precisar de lugares e assim constituir lugares para si. Esta autora afirma que a casa sugere:

(...) a ideia de segurança e proteção, própria da vida uterina. Como o útero, a casa é o espaço individual fundamental do ser humano. Plena em significação, a casa representa muito mais do que sua forma física possa indicar. **A Casa é o nosso lugar no mundo** ou o *nosso canto no mundo*, como queria Bachelard. Como o corpo, identifica, diferencia da totalidade (LEITÃO, 1998, p.54, grifos do texto original).

Bachelard diz que “antes de ser atirado ao mundo (...) o Homem é colocado no berço da casa” (Bachelard, 2008, p.201) e que dessa forma em nossa imaginação a casa é um grande berço. Assim entendemos que a casa é o primeiro lugar onde aprendemos a amar as pessoas e as coisas (objetos e lugares). Edward Relph (2014) afirma: “A partir da perspectiva da experiência, o lar constitui o padrão contra o qual todos os outros lugares são julgados”

(Relph, 2014, p.24) e também entende que o lar se constitui como “fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade”. (Ferreira, 2002, p.47 apud Relph, 1980, p.39).

Relph (2014), apoiado em Malpas (1999), acredita que o lar entendido como lugar de fortes experiências do ser humano não se resume apenas à sua casa, mas “pode ser qualquer parte desde que esteja enraizado num lugar simultaneamente especial, familiar e significativo” (Relph, 2014, p.29). Para este autor, não se pode colocar limites precisamente definidos no que significa lar para uma pessoa, o que importa é a intensidade da experiência ocorrida e isso pode não acontecer exatamente dentro de uma casa, pode ser, por exemplo, na rua em frente à casa onde o indivíduo passou a infância.

Leitão entende que a cidade é “a grande casa, ou a casa cuja escala transcende a dimensão individual” (Leitão, 1998, p.58). Quer dizer, os laços profundos que o indivíduo desenvolve com sua casa podem ser também desenvolvidos com sua cidade. Trazendo o exemplo de poemas que determinados autores dedicam às suas cidades, a autora nos mostra quão profunda pode ser a ligação entre uma pessoa e sua cidade (Leitão, 1998, p.59). Como Manuel Bandeira que afirma sentir o Recife dentro de si. A autora nos explica que a troca profunda entre cidade (lugar) e pessoa “parece ser, em determinadas circunstâncias, tão vital quanto a que se dá no útero materno” (Leitão, 1998, p.61). Essa relação profunda pode ser entendida por *topofilia*, conforme a definição já foi apresentada anteriormente, pois existe um elo afetivo entre a pessoa e o lugar (a cidade).

## 4 – ESPAÇO PÚBLICO

### 4.1- Espaço público: reflexão preliminar

O espaço público é tido como o lugar do encontro e da diversidade, mas tem sido nas grandes cidades brasileiras preterido para dar vez aos espaços privados que são simbolizados principalmente através dos condomínios residenciais fechados e dos *shoppings centers*. Estes espaços privativos têm como promessa oferecer aos seus usuários segurança, privacidade, lazer e por que não dizer, *status*. Dentre esses itens que acabamos de citar, destacamos a segurança, algo muitíssimo valorizado pelos cidadãos das grandes cidades principalmente nos tempos atuais. Diante do medo da violência nas ruas, aumenta a tendência dos cidadãos evitarem o uso do espaço público.

O sentimento de insegurança parece ser uma característica dos cidadãos das grandes cidades nestes tempos de globalização. Bauman (2009) citando Robert Castel (2003), explica que o individualismo moderno incentiva a desconfiança em relação ao outro já que antes se tinham comunidades e corporações e que foram substituídas pelo “dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo” (Bauman, 2009, p.14). O sociólogo continua sua reflexão afirmando que a supervalorização do indivíduo foi acompanhada pelo reconhecimento de sua fragilidade. Refletindo sobre estas afirmações de Bauman pode-se entender que as pessoas tendo que viver na regra do “cada um por si” dentro de uma grande cidade têm assim um enorme sentimento de insegurança.

Bauman vai apontar o início dos medos modernos como consequência da diminuição do controle do Estado (a desregulamentação) que tiveram consequências individualistas, fazendo com que “os vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade ou de uma corporação fossem fragilizados ou rompidos” (Bauman, 2009, p.16). Temos então cidadãos individualistas, amedrontados com as ruas e voltados para o uso de espaços *indoors*. Porém, justamente essa ausência dos cidadãos nas ruas é um fator que contribui e muito para que as ruas sejam inseguras, desta forma, uma situação alimenta a outra.

Jacobs (2007, pp.35-36) atenta para a importância de as ruas serem movimentadas para garantir a segurança dos cidadãos. Para a autora uma rua segura precisa ter três

características: não haver mistura entre espaço público e privado; haver olhos para a rua, ou seja, uma vigilância natural das pessoas que moram em determinada rua e, por fim, um movimento constante de pessoas nas ruas. Para a existência de tal movimento que convide as pessoas a estarem na rua por mais tempo e se socializarem umas com as outras Jacobs aponta o comércio como solução e assim afirma:

O requisito básico da vigilância é um número substancial de estabelecimentos e outros locais públicos dispostos ao longo das calçadas do distrito; deve haver entre eles, sobretudo estabelecimentos e espaços públicos que sejam utilizados de noite. Lojas, bares, restaurantes, os exemplos principais, atuam de forma bem variada e complexa para aumentar a segurança nas calçadas. (JACOBS, 2007, p.37)

Jacobs mostra que o senso de comunidade é necessário nos bairros e nas ruas para que as pessoas possam contribuir para que o ambiente seja mais seguro, porque com a convivência desenvolvem um vínculo de confiança. A autora descreve o seu próprio bairro onde as pessoas possuem este vínculo e conseguem assim manter a ordem e a paz no local (Jacobs, 2007, pp. 39-40). Não se pode depender apenas da polícia para manter um ambiente seguro, é necessário o engajamento dos cidadãos. Jacobs chega a afirmar que locais que ficam quase inteiramente sob a dependência da polícia ou guardas particulares para manter a segurança são locais selvagens e diz: “(...) força policial alguma consegue manter a civilidade onde o cumprimento normal e corriqueiro da lei foi corrompido” (Jacobs, 2007, p.32)

Se refletirmos sobre o caminho que seguem as grandes cidades, observando especialmente as grandes cidades brasileiras, que abandonam seus antigos centros, que se fecham em condomínios e centros de compras e lazer fortificados, onde as pessoas transitam pelas ruas praticamente só em veículos fechados e ainda assim sentem-se inseguras, podemos pensar que nossas cidades são exatamente estes locais selvagens apontados por Jacobs.

Bauman faz crítica a respeito da construção de condomínios residenciais superprotegidos que são apresentados pelas construtoras como a promessa de segurança e isolamento dos problemas das cidades. O autor afirma que tais formas de morar excluem aqueles que não têm condições financeiras para adquirir esse tipo de imóvel e acabam por

ficar justamente nos lugares problemáticos das cidades e atesta “A cerca separa o "gueto voluntário" dos arrogantes dos muitos condenados a nada ter” (Bauman, 2009, p.27).

Pensando na Avenida Conde da Boa Vista podemos visualizar essa situação citada no parágrafo anterior. A Avenida tornou-se um lugar problemático da cidade, juntamente com praticamente todo o centro da cidade do Recife. Sujeira, calçadas ocupadas de forma desordenada por ambulantes, alta incidência de assaltos e até “arrastões” fazem com que os seus usuários não tenham opções de estar ou até mesmo de passear despreocupadamente pela Avenida. As classes abastadas não ocupam mais o centro da cidade, mas migraram para outras localidades montando justamente a estrutura apontada por Bauman de locais altamente fortificados para morar e ter lazer.

Bauman também afirma que tal exclusão pela forma de morar é ainda mais brutal no Brasil citando como exemplo as grandes capitais Rio de Janeiro e São Paulo (Bauman, 2009, p. 28). Diante de sociedades que se voltam para “dentro” fazendo desses condomínios e outros espaços fechados suas opções de vivência social e lazer, o destino do espaço público poderá ser sombrio. Bauman afirma que “A intenção desses espaços vetados é claramente dividir, segregar, excluir, e não de criar pontes, convivências agradáveis e locais de encontro, facilitar as comunicações e reunir os habitantes da cidade” (Bauman, 2009, p.29).

As construções de moradias isoladas que evitam a vida no espaço público levam as pessoas à *mixofobia* (o medo de misturar-se). Sobre a *mixofobia* Bauman escreve:

Essa mixofobia não passa da difusa e muito previsível reação à impressionante e exasperadora variedade de tipos humanos e de estilos de vida que se podem encontrar nas ruas das cidades contemporâneas e mesmo na mais "comum" (ou seja, não protegida por espaços vedados) das zonas residenciais (BAUMAN, 2009, p.29).

O isolamento alimenta o medo e o preconceito contra aqueles que são considerados diferentes. Tal medo faz com que as pessoas além de se isolarem, busquem espaços entre iguais, crendo que assim estarão seguras. Esse fato acontece de forma bastante acentuada no Brasil. Jacobs (2007) aponta para o apego ao “cativeiro” que as pessoas das grandes cidades se acostumam quando estas passam a morar em residenciais superprotegidos e assim afirma “(...) as pessoas parecem acostumar-se rapidamente com a vida num território que tenha ou

uma cerca metafórica ou uma cerca concreta, imaginando como tinham conseguido viver sem ela” (Jacobs, 2007, p.51). Essa nova forma de morar e de buscar lazer tem se enraizado de tal forma no pensamento das pessoas que elas simplesmente parecem esquecer a existência do espaço público na cidade como opção de uso, estar na rua é para elas sinônimo de correr perigo.

Sobre a construção de espaços segregadores, Bauman (2009) afirma que na verdade eles acabam por dividir a população. A escolha de morar em “residenciais fechados” é na verdade estimulada pelas construtoras e não pelo atendimento de uma demanda como estas defendem. (Bauman, 2009, pp. 29 e 32). As construtoras alimentam o medo e o desejo de isolar-se já existente oferecendo a opção de moradia entre muros. A divisão apontada por Bauman acaba gerando um maior preconceito entre as diferentes classes e aguça o medo e a sensação de insegurança em relação à cidade. Assim, as pessoas vão se tornando avessas ao encontro com os que lhes parecem diferente. E é deste “diferente” que cada vez mais se recusam aproximar-se, conhecerem e compreenderem. As pessoas simplesmente ignoram a realidade daqueles que não estão em seu círculo comum. Sobre tal isolamento Bauman afirma:

A atração que uma "comunidade de iguais" exerce é semelhante à de uma apólice de seguro contra riscos que caracterizam a vida cotidiana em um mundo "multivocal". Não é capaz de diminuir os riscos e menos ainda evitá-los. Como qualquer paliativo, nada promete além de uma proteção contra alguns de seus efeitos mais imediatos e temidos (BAUMAN, 2009, p.30).

Isolar-se para evitar aqueles que são “diferentes” não é a saída para os problemas de segurança, estes problemas apenas serão ainda mais alimentados pela exclusão social que se pratica e pelo preconceito que termina por gerar uma sociedade neurótica que enxerga perigos e inimigos por todos os lados. Esta mesma sociedade torna-se cada vez menos capaz de exercitar a tolerância e o diálogo com aqueles que não pertencem ao seu grupo.

Carlos (2009) também aponta a tendência ao isolamento e individualismo nas grandes cidades, onde as pessoas buscam mais e mais por privacidade e o que antes ocorria no ambiente público (rua) agora acontece intramuros. A autora afirma “O que temos é que as casas de hoje, na metrópole, vivem trancadas com pessoas dentro, diante da televisão, sem

contatos com a vizinhança pois cada vez mais a casa tem a função de preservar a individualidade, reforçando o privado”. (Carlos, 2009, p.52). Além do individualismo já comentado anteriormente através de Bauman (2009), a tecnologia também tem feito as pessoas apreciarem mais estar em casa, como a TV, citada por Carlos (2009), e a internet que tem hoje grande número de adeptos devido às redes sociais e à facilidade de acesso à informação e comunicação. Assim a rua vai deixando de ser um lugar de “estar” para ser um lugar de passagem.

Caldeira (2003) retrata a segregação espacial (que ocorre juntamente com a segregação social) da cidade de São Paulo do final do século XIX até a década de 1990 mostrando que a elite com o crescimento e modernização dessa cidade procurou cada vez mais afastar-se das classes menos abastadas dividindo a cidade assim em centro e periferia. A capital São Paulo tinha áreas com forte investimento do Estado (área central) e áreas carentes de todo tipo de infraestrutura (área periférica). A autora vai nos mostrando as transformações da cidade de São Paulo pela forma de habitar de seus cidadãos onde, por fim, a elite paulistana começa a deixar a área central de São Paulo e começam a procurar regiões distantes. A causa desse distanciamento é o medo da violência que tinha aumentado significativamente na cidade. Mas, é preciso observar que um dos motivos deste aumento é a desigualdade social tão bem expressada pelas periferias. Sobre isto Caldeira atesta:

Finalmente, o aumento do crime violento e do medo desde meados dos anos 80 provocou a fortificação da cidade, à medida que moradores de todas as classes sociais buscaram proteger seus espaços de residência e trabalho. Além disso, como o medo e o crime aumentaram, os preconceitos articulados na fala do crime não só ajudaram a exacerbar a separação de diferentes grupos sociais, mas também a aumentar as tensões e suspeitas entre eles (CALDEIRA, 2003,p.232)

O caso da cidade de São Paulo nos dá uma referência de como pensam e funcionam as grandes cidades brasileiras que seguem passos parecidos com os da principal cidade do país, entre elas o Recife.

Como Caldeira explica “Em cidades fragmentadas por enclaves fortificados, é difícil manter os princípios de acessibilidade e livre circulação, que estão entre os valores mais importantes das cidades modernas”. (Caldeira, 2003, p.323). Baseado nisso nos perguntamos:

Que tipo de espaço público o Brasil tem? Se as cidades, especialmente as metrópoles, sobem seus muros e fecham-se ainda mais para a rua dando como justificativa que precisam se defender da violência. Nóbrega et. al. afirmam que “A não integração entre o edifício e a rua promove, cada vez menos, a utilização dos espaços públicos. E a forma de edificar intramuros, também enfatiza essa forma “anti-urbana” de morar”. (Nóbrega et. al., 2014, p.11). Com isto, o espaço público vai ficando desocupado e conseqüentemente perigoso, vulnerável a ações de vandalismo e assim uma situação alimenta a outra: não se ocupa o espaço porque ele é perigoso e o espaço é perigoso porque não é ocupado.

#### 4.2- A formação do espaço público brasileiro

Em seu livro *Quando o Ambiente é Hostil* Lúcia Leitão (2014) nos fala dos primeiros anos da vida urbana brasileira. Com base na obra *Sobrados e Mucambos* de Gilberto Freyre, a autora mostra como o espaço público brasileiro sempre foi preterido pelas classes dominantes no Brasil. E assim afirma:

[...] a vida brasileira se constituiu em torno da casa-grande num primeiro momento e do sobrado, que, no momento seguinte, lhe herda não apenas as funções, mas, sobretudo, **o significado socioespacial**. Coerente com essa circunstância, o ambiente construído que essa organização social gera também se dá a partir do espaço privado, **num processo de negação da rua, do espaço público**; conseqüentemente, de acordo com o argumento que se desenvolve ao logo deste ensaio (LEITÃO, 2014, p.31, destaques meus).

A sociedade brasileira desde os seus primeiros anos de vida urbana tinha sua vida social voltada para dentro das casas, as pessoas procuravam sair pouco à rua, existia uma recusa em misturar-se com outras classes sociais. Esta atitude é qualificada pela autora como “pretensa fidalguia”, ou seja, o pensamento corrente era que pessoas distintas não deveriam se expor muito na rua. Sobre o nascimento da rua brasileira Leitão (2014) afirma:

(...) a rua brasileira nasce feia, suja, escura, desprezível, destinada ao escravo num primeiro momento – e ao escravo menos prestigiado convém ressaltar, uma vez que, como registra Freyre em diversos momentos, os que frequentavam a rua exerciam

funções ainda menos valorizadas do que o escravo que permanecia no interior do sobrado (LEITÃO, 2014, p. 104).

Além disso, nosso país nasceu sob forte domínio patriarcal onde esses patriarcas mantinham controle sobre tudo e todos, eram “donos das terras, donos dos homens, donos das mulheres” (Leitão, 2014 p.58 Apud Freyre, 1936). Saindo dos engenhos para a cidade o pensamento dos senhores de engenho não se modificou, a arquitetura de suas novas residências, os sobrados, eram voltadas para dentro procurando evitar a rua, pois a viam como “lugar atemorizante, como espaço do anonimato, da perda do mando, do desprestígio, enfim” (Leitão, 2014, p.82).

Saindo dos tempos dos engenhos e sobrados no Nordeste brasileiro e vindo para o século XX, onde encontramos o estudo de Caldeira (2003) sobre a forma de morar das classes paulistanas entre as décadas de 1970 e 1990, percebemos que apesar da forma de habitar (em edifícios e casas muradas) não ser a mesma, os desejos e pretensões continuam iguais, assim como o triste “destino” do espaço público de ser sempre preterido. Vejamos o que essa autora fala a respeito dos condomínios construídos nestas décadas:

São propriedades privadas para uso coletivo e **ênfaticam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo em que desvalorizam o que é público e aberto na cidade**. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o ambiente interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. (CALDEIRA, 2003, p.258-259, grifos meus).

O desejo por separar-se daqueles que consideram de classe inferior, de ter exclusividade, distinção e ficar longe dos “perigos da rua” permanecem iguais. Porque esses ambientes tendem a ser frequentados por uma classe homogênea, não se encontrando com os que são diferentes deles, mas com os seus iguais, ou seja, com aqueles que possuem o mesmo nível social. Tais construções rompem a interação com a rua, pois não dependem muito do entorno, levando em consideração que o uso do veículo é o principal meio dos seus moradores e que muitos serviços hoje possuem entrega em domicílio o que permite que essas pessoas

saíam menos de casa. Sobre os “enclaves fortificados” Caldeira (2003) comenta “Eles estão transformando a natureza do espaço público e a qualidade das interações públicas na cidade, que estão se tornando cada vez mais marcadas por suspeita e restrição” (Caldeira, 2003, p.259)

Voltamos para a obra *Quando o ambiente é hostil* que nos mostra a falta de interesse dos antigos senhores de engenho em ter interação com o espaço público da cidade, mantendo o mesmo pensamento dos tempos da casa-grande onde “o encontro com estranhos deveria ser evitado a todo custo” (Leitão, 2014, p.88). Desta forma, a autora explica como era a forma de construção do sobrado (a nova moradia dos antigos senhores de engenho, agora na cidade):

(...) a arquitetura do sobrado-planta, volume, materiais, elementos construtivos - era em tudo compatível com a função de separação, de exclusão que o espaço de morar, herdado da casa-grande, deveria desempenhar na sociedade que via nascer o urbano no Brasil (LEITÃO, 2014, p.95).

Quer dizer, tudo construído com a intenção de evitar a rua. E comparando com os tempos atuais encontramos a descrição de Caldeira (2003) sobre o famoso condomínio de luxo *Alphaville*:

Construído numa área de 26km<sup>2</sup> que se espalha por dois municípios (Barueri e Santana do Parnaíba), Alphaville é dividida em várias áreas residenciais muradas – **cada uma enclausurada por muros de 3,5 m de altura e acessíveis apenas por uma entrada controlada** - , um conjunto de edifícios de escritórios (centro empresarial) e um centro comercial ao redor de um shopping Center (centro comercial) (CALDEIRA, 2003, p.263, grifos meus).

Desta forma, o desejo por distinção da elite dos tempos dos engenhos e sobrados retratados por Leitão (2014) continua vivo na elite de hoje. O problema parece não estar apenas no aumento da violência, mas em uma cultura de separação existente desde os primeiros anos de vida urbana no Brasil, onde os espaços devem ser os mais homogêneos possíveis.

O crescimento da cidade de São Paulo tem como consequência uma maior aproximação entre ricos e pobres fazendo com que estes primeiros comecem a deixar o centro da cidade em busca de bairros distantes deste mesmo centro procurando assim construir moradias e equipamentos de lazer e compras que só permitem o uso de pessoas do mesmo nível social. Apesar de Caldeira (2003) ter seu estudo voltado para a cidade de São Paulo, podemos observar este mesmo movimento nas demais grandes cidades do Brasil e que isso não é um caso isolado da cidade de São Paulo.

Caldeira (2003) aponta que não é só a elite paulistana que procura isolar-se do perigo e da violência subindo os seus muros. Os bairros de classe média e média baixa também sentem o aumento da violência na cidade e passam a mudar suas rotinas. Ao retratar os bairros de Sumaré (classe média) e Jardim das Camélias (classe média baixa) a autora mostra as mudanças ocorridas nas casas destes bairros após muitas casas serem assaltadas, os moradores passaram a subir os seus muros e evitar contato com estranhos. Fatos semelhantes aos que foram citados por Caldeira (2003) também acontecem na cidade do Recife, os bairros de classe média e classe média baixa também procuram proteger-se da maneira que podem e copiam modelos de condomínios isolados da rua como os condomínios de luxo existentes, por exemplo, no bairro de Boa Viagem.

#### **4.3- A construção do elo afetivo e a produção fantasmagórica do Brasileiro no espaço público**

Tuan (1974) afirma que estudar temas como percepção, atitudes e valores ajuda-nos a entender a nós mesmos. Por isso, neste tópico pretende-se investigar como foi construída a relação afetiva do brasileiro com o espaço público, desta forma, é necessário conhecer quem é o brasileiro, como ele age no espaço público, que valor lhe dá e como o percebe. Além de refletir sobre a formação do imaginário coletivo que incide nas atitudes em relação ao lugar em que vivem.

Holanda (1995) fala sobre cultura particularista do brasileiro. O autor explica que isso é motivado por nosso país ser fundamentado na família patriarcal autoritária que por ser constituída a partir de um vínculo tão forte, atingiu áreas que deveriam ser neutras como o

Estado que não deve ter normas particularistas. Pensando nessa afirmação de Holanda podemos entender a dificuldade que o brasileiro possui em cumprir certas leis e regras, principalmente se elas lhe parecem incômodas, como por exemplo: não estacionar em local proibido, não fumar em ambientes fechados, finalizar uma festa em determinado horário de acordo com as normas de silêncio de um lugar, entre outros. O brasileiro de forma geral possui a sensação que pode burlar tais leis, fazer acordos com os agentes da lei de forma que não seja punido. É o que conhecemos tão bem por “jeitinho brasileiro”.

De acordo com Holanda (1995) o Brasil oferece ao mundo “o homem cordial”, somos mundialmente conhecidos pela hospitalidade e afabilidade no trato com os estrangeiros. Porém, o autor adverte que não se deve confundir essa cordialidade com civilidade e afirma “São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (Holanda, 1995, p.147). Quer dizer, o brasileiro age de forma receptiva com estranhos por isso estar arraigado em sua personalidade e não exatamente por ser polido. Este autor ainda explica essa diferença ao falar que a polidez requer um ritual (formalidade) e o ritual não é algo apreciado pelo nosso povo. O autor explica:

Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. Ela pode iludir na aparência – e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no “homem cordial”: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula. Além disso, a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. (HOLANDA, 1995, p.147).

Se refletirmos sobre estas observações de Holanda (1995) a respeito do brasileiro poderemos entender muito do que sucede na vida urbana. Além de não termos um espaço público privilegiado, temos cidadãos que têm dificuldade em organizá-lo isso porque para estes cidadãos é complicado cumprir regras e respeitar leis que lhes pareçam incômodas ou desnecessárias. Eles só irão cumpri-las diante de fiscalização ou de uma real ameaça de punição.

Darcy Ribeiro (1995) em sua obra *O Povo Brasileiro* aponta que as grandes cidades brasileiras receberam um enorme contingente de pessoas vindas do interior entre os anos 1940

e 1980, em busca de emprego e melhores condições de vida. Ocorre que nenhuma destas cidades tinha condições de receber tal contingente. Para o autor, a consequência do êxodo rural no Brasil naquele período foi “a miserabilização da população urbana e uma pressão enorme na competição de empregos” (Ribeiro, 1995, p. 198). Dito isto, questiona-se: pode uma população miserável, sem acesso a educação, saúde, moradia digna e trabalho preocupar-se com a conservação do espaço público ou sequer ter consciência de sua importância? Temos não só uma elite que se isola e abandona o espaço público, temos também uma população pobre que herda esse espaço e não tem condições de conservá-lo e reivindicar melhorias para ele.

Ainda falando sobre a obra *O Povo Brasileiro*, nela o autor mostra que as cidades brasileiras crescem, mas com uma população deixada ao abandono e com uma cultura arcaica. Ribeiro afirma “Dificulta, porém, uma verdadeira modernização, porque nenhum governo se ocupa efetivamente da educação popular e da sanidade” (Ribeiro, 1995, p.200). Quer dizer, não temos uma população de maneira geral consciente do seu papel de cidadã. Ainda se caminha a passos lentos no que diz respeito à reivindicação por melhorias, quer no espaço público quer seja em outras áreas deficientes em nosso país.

Roberto DaMatta (1986) nos mostra a clara cisão que o brasileiro sempre fez entre a casa e a rua. A começar pela bem definida divisão dentro da casa onde tudo tem o seu devido lugar, quem pode ou não entrar em certos cômodos e enfim a rua que é lugar marginal para nosso povo. Assim como Leitão (2014), DaMatta (1986) também dirá que a rua era nos tempos coloniais e do império o lugar do escravo, do marginal e do moleque.

O autor mostra através de metáforas usadas por nós brasileiros que a rua é vista como lugar ruim, do abandono e do anonimato, onde a lei é a do “cada um por si”. Na rua encontra-se a solidão, a indiferença e a individualidade. DaMatta assim nos mostra:

Mas a gramática brasileira social da casa brasileira não fica nisso. Ela transborda em algumas expressões relacionais - que exprimem a ligação dramática da casa com a rua - como **"vá para a rua!"** ou **"vá para o olho da rua!"** Estas expressões denotam o rompimento violento com um grupo social, com o consequente isolamento do indivíduo, agora situando-se diante do mundo **"do olho da rua"**, isto é, de um ponto de vista totalmente impessoal e desumano. Do mesmo modo, se diz **"estou (ou fiquei) na rua da amargura"** para designar a solidão ou a ausência de

solidariedade de um dado grupo social. Metáforas e símbolos onde a casa é contrastada com a rua são, pois, abundantes numa sociedade onde casa é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais (como é o caso da família norte-americana) e está sujeita às normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde não existem indivíduos e todos são pessoas, isto é, todos que habitam uma casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia que permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade brasileira. (DAMATTA, 1986, p.53, grifos meus).

Na cultura brasileira casa e rua se opõem, não se misturam e não se completam. Ou se está dentro de um grupo, um círculo dentro “da casa” onde se tem sua função, seu reconhecimento ou se está fora “na rua” no anonimato e marginalidade. Desta explicação podemos também trazer a expressão tão usada por nós brasileiros quando reconhecemos alguém como íntimo “fulano é de casa” e ao mesmo tempo nos faz interpretar que quem “é da rua” não deve ser tão considerado como “dos nossos”. Não há diálogo entre rua e casa para o brasileiro. Tanto Roberto DaMatta (1986) como Gilberto Freyre (1936) afirmam que a casa e a rua, no Brasil, são “inimigas”.

Assim como a rua tem suas metáforas a casa também as tem, além de várias palavras que surgem a partir da palavra “casa”. DaMatta (1986) mostra que palavras como “casamento”, “casadouro” e “casal” vêm da palavra “casa” e como até no meio profissional não nos livramos por completo da intimidade da casa ao chamarmos o proprietário da empresa em que trabalhamos de “patrão” palavra que tem a mesma raiz que a palavra “pai”. E outras expressões trazidas pelo autor mostram o contrário da individualidade, marginalidade e solidão como “estar em casa” e “sentir-se em casa” apontadas por DaMatta como situações “(...) onde as relações são harmoniosas e as disputas devem ser evitadas”. (DaMatta, 1986, p. 52)

DaMatta mostra o perigo do pensamento de que na rua todos são anônimos entregues à própria sorte pois com isto se esquecem os princípios da cidadania:

Mas falar que “cada um por si” equivale a abrir mão de um controle social rígido que de certo modo garante a pacificação dos ânimos e provê a ordem das coisas. Trata-se de um ditado que apresenta o individualismo e os direitos individuais

negativos, ou pelo menos perigosos, próximos do conflito aberto (DAMATTA, 1986, p.55)

Se o pensamento vigente é o da rua como local do “cada um por si” isso vai estimular a insegurança e a violência. Já que nas ruas não podemos buscar a defesa em conjunto e sim apenas a autodefesa. É justamente o contrário do que prega Jacobs (2007) ao falar da necessidade dos “olhos para a rua” para manter a segurança desta. Esse pensamento de Jacobs, já comentado anteriormente neste trabalho, é compreendido como pessoas que se entendem por cidadãos e com isso sentem-se no dever e no direito de intervir em situações ocorridas na rua. Situações estas que possam vir a prejudicar a ordem e a segurança da rua e que também possam atingir outras pessoas que estão transitando por essas ruas. Apesar de Jacobs (2007) referir-se a cidades norte-americanas, a sua proposta pode ser pensada para outras cidades do mundo incluindo as cidades brasileiras.

Sobre a presença dos “olhos para a rua” citada por Jacobs (2007) a preocupação não está em proteger e ajudar somente a sua própria casa e aqueles que são “de casa”, mas, existe o cuidado com a rua e também com os desconhecidos que podem estar em perigo nela. Os indivíduos que fazem esta vigilância dos “olhos para rua” entendem que as demais pessoas que estão circulando nas ruas são tão cidadãos quanto eles mesmos, ou seja, as vê como iguais. Diferente da forma que o brasileiro diferencia as pessoas, onde existem o seu círculo (família, amigos, associados) o qual ele sente-se no dever de proteger e os que estão fora destes círculos são apenas indivíduos (desconhecidos) aos quais não precisam preocupar-se em dar proteção. Ou seja, existe uma dificuldade do brasileiro em entender a responsabilidade que ele tem sobre o espaço público, que justamente por ser público pertence a todos. Entenda-se aqui que não se quer dizer que o povo do Brasil não é solidário com o seu próximo, não é esta questão que se coloca aqui, mas o senso de responsabilidade cidadã em favor da manutenção da segurança e conservação do espaço público.

Com o que foi apresentado no parágrafo anterior, podemos também transportar esse pensamento para como a forma que o brasileiro vê o espaço público. Se o nosso povo se preocupa apenas com o que está dentro de casa, logo o espaço público (rua) não é visto como algo a ser bem cuidado ou respeitado, pois não é entendido como propriedade sua, é visto como algo que apenas o governo deve se responsabilizar e cuidar. Sobre isso DaMatta descreve como a rua é vista pelo brasileiro como “Terra que pertence ao “governo” ou ao

“povo” e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é local perigoso” (DaMatta, 1986, p.57).

Partindo do que foi dito neste tópico até o momento, podemos identificar no imaginário brasileiro dois “fantasmas urbanos” ambos produzidos pela força cultural<sup>10</sup>. Neste caso, os “fantasmas urbanos” são identificados como as ideias de que o espaço público é “perigoso” e “não é lugar de gente de bem” e por isso deve ser evitado. Sobre isso Silva (2001) afirma:

Será fantasmagórica qualquer cena que represente uma produção social do fantasma. O cenário de fundo corresponderá à cidade e sua realização, como ente fantasioso que afeta uma conduta cidadã; **corresponde ao efeito imaginário sobre o acontecer cotidiano da cidade.** (SILVA, 2001, p.55, destaques meus).

Quer dizer, a “*produção fantasmal*” incide no comportamento dos indivíduos dentro do cotidiano no lugar onde vivem. A “produção fantasmal” os fará agir de acordo com ela, tendo-a como uma verdade. Acreditando que o “fantasma” do perigo está presente o tempo todo, as pessoas evitarão ficar em determinados espaços públicos por sempre ter a sensação que serão assaltadas ou sofrerão algum tipo de violência. Ou ainda irão evitar determinados espaços por os acharem locais que têm pessoas que “não são de bem” ou são diferentes demais delas. Como Silva afirma os fantasmas “reativam comportamentos indecifráveis unidos a fantasias, delírios ou neuroses dos seres humanos” (Silva, 2001, p.54).

Obviamente o comportamento atual não é idêntico aos tempos dos engenhos, mas o que se quer dizer é que tais comportamentos de evitar o espaço público pelos motivos ditos, foi herdado das gerações passadas no Brasil. Como Silva atesta “Esses fantasmas rondam, se transformam e vivem o processo de urbanização” (Silva, 2001, p.59). Não se quer dizer aqui que não há espaços públicos frequentados no Brasil e que todas as pessoas vivem trancadas dentro de casa sem sair. Mas estamos mostrando um comportamento que existe de forma geral nas grandes cidades brasileiras e que até hoje é alimentado tanto pela forma de construir como pela forma de viver das pessoas que têm uma preferência por espaços fechados, espaços que em seus imaginários lhes dão segurança e distinção.

---

<sup>10</sup> Tanto o fantasma urbano como os tipos de produção fantasmal tiveram suas definições apresentadas no capítulo 2 deste trabalho.

Sabe-se que os problemas do espaço público brasileiro passam por questões como a violência, a falta de segurança pública, as diferenças sociais existentes que geram uma população marginalizada que acaba morando na rua, entre outras questões. Mas aqui se questiona se esse desejo de distinção e visão predominantemente negativa do espaço público gerada desde os tempos da casa-grande e vividos até hoje conforme já apresentado, não acabaram por colaborar significativamente com os mesmos problemas que se acabou de mencionar. Ou seja, os fantasmas urbanos da distinção e do “medo” da rua influenciaram e influenciam até hoje a forma de viver nas grandes cidades brasileiras.

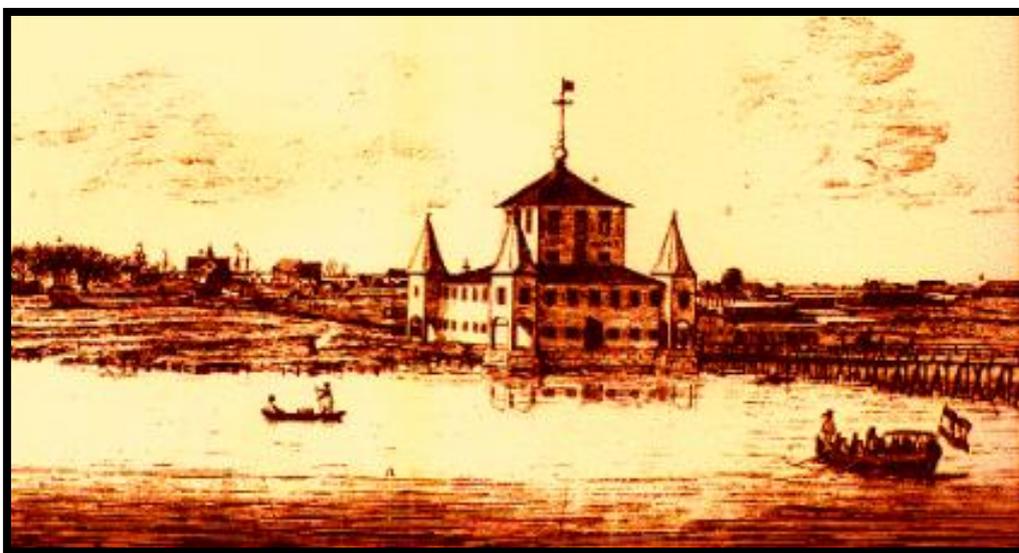
Para esta pesquisa torna-se instigante investigar como se constrói o elo afetivo do brasileiro com o lugar, tendo em vista a cultural desvalorização do espaço público por parte do brasileiro. E uma pergunta surge: Encontraremos um paradoxo? Mesmo não valorizando o espaço público a Avenida Conde da Boa Vista, objeto de pesquisa deste trabalho, desperta um sentimento afetivo positivo em seus usuários? É o que se deseja responder ao final desta pesquisa.

## 5 – A AVENIDA CONDE DA BOA VISTA

### 5.1- Breve Histórico

O nome do bairro da Boa Vista teve sua origem a partir do *Palácio Schoonzicht* e foi construído no Recife por ordem príncipe Maurício de Nassau e no ano de 1642 teve suas obras concluídas. O palácio foi edificado para o seu repouso e lazer e ficava às margens do rio Capibaribe, na ilha de Antônio Vaz, atual bairro de Santo Antônio. Cavalcanti & Cavalcanti (2015) afirmam

O panorama visto das janelas do segundo palácio de Nassau no Recife, era, diziam os contemporâneos, maravilhoso, ao se vislumbrar as terras ocidentais de Pernambuco, proporcionando uma linda visão, ou seja, uma Boa Vista, por isso aquele palácio Nassoviano se chamava “Schoonzicht” palavra holandesa que significa precisamente “Boa Vista”. (CAVALCANTI & CAVALCANTI, 2015, p.18)



**Figura 2** - Palácio da Boa Vista (Shoonzit). Desenho de Franz Prost.  
Fonte: [www.maniadehistoria.wordpress.com](http://www.maniadehistoria.wordpress.com)

Neste tempo, o bairro da Boa Vista era ocupado principalmente por pescadores que tiravam seu sustento do Capibaribe. A ocupação do bairro foi iniciada no século XVII por conta da necessidade de interligar o continente com os bairros comerciais. Porém o bairro da

Boa Vista só passou a ter de fato características urbanas no século XVIII época em que o Recife passou a categoria de vila.

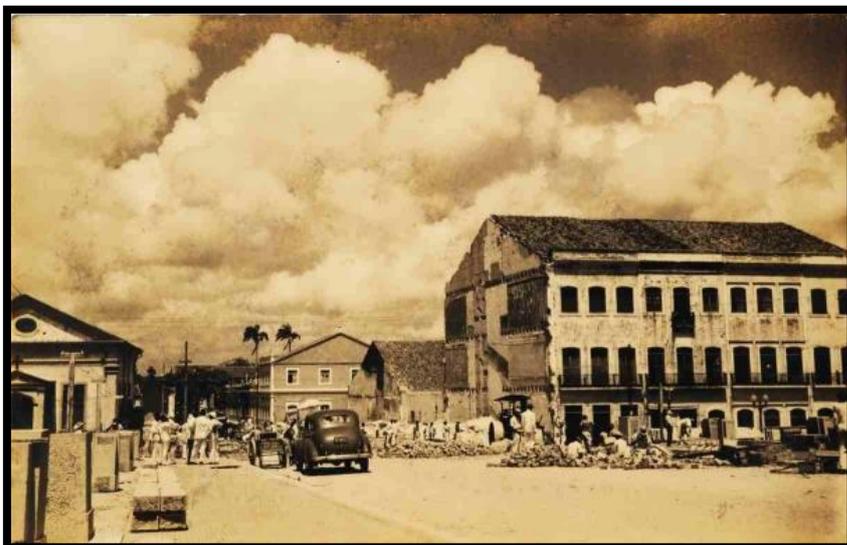
Ainda no século XVIII, a área onde fica a avenida era um alagado quase intransitável. No século XIX, quando a Ponte da Boa Vista foi construída, aterraram a área em suas proximidades, fazendo surgir a Rua do Aterro, hoje chamada de Imperatriz Tereza Cristina, bem como as ruas da Aurora e Formosa – esta última, atualmente, chamada de Avenida Conde da Boa Vista. Neste período o bairro da Boa Vista já era habitado por muitas famílias de classes abastadas onde podemos destacar o sobrado construído pelo Barão de Beberibe. Ainda no século XIX as atividades comerciais começam a se desenvolver no bairro.

Com a intenção de expandir o centro da cidade, o presidente da província de Pernambuco, Francisco do Rego Barros (o Conde da Boa Vista) em 1840 continuou o aterramento do bairro incluindo a atual Avenida que leva o nome de seu título de nobreza e que na época era ainda uma rua chamada de Formosa. Rego Barros educado em Paris desejava trazer melhoramentos ao Recife e higienizá-la. Dentre os profissionais trazidos pelo Conde da Boa Vista destaca-se o engenheiro francês Louis Léger Vauthier que realizou diversas obras importantes na cidade como o Teatro Santa Isabel, o Palácio do Campo das Princesas (sede do governo do estado de Pernambuco) e o já citado aterro da Rua Formosa.

Em 1852 a expansão continua com a abertura do Caminho Novo, trecho que atualmente fica entre a Rua do Hospício e Rua Gervásio Pires e que só foi concluído em 1899 ligando o Bairro da Boa Vista ao Bairro do Derby. Em 1870, com a morte de Francisco do Rego Barros, o nome da Rua Formosa foi alterado para Rua Conde da Boa Vista em sua homenagem.

Com seu alargamento em 1946, na administração de Pelópidas da Silveira, a rua passou à categoria de avenida, chamando-se então, Avenida Conde da Boa Vista tendo 1,6 km de extensão. Com a consolidação da Avenida como corredor de transportes, as casas da Avenida que, outrora abrigava as residências das classes abastadas, perdem seu valor comercial e são demolidas para dar lugar a edifícios modernos. As décadas de 1930, 1940 e 1950 são marcadas pelos planos de desenvolvimento urbano na cidade, dando destaque para os urbanistas Nestor Figueiredo (1931), Ulhoa Cintra (1942) e Antonio Baltar (1951). Nessas

décadas a arquitetura de teor racionalista começou a predominar e o principal objetivo era facilitar o tráfego entre o centro da cidade e os bairros do subúrbio nesta época já bem consolidados em Recife.



**Figura 3:** Obras para alargamento da Avenida Conde da Boa Vista Fonte: FUNDAJ (Vila Digital). Autor: Benício Whatley Dias

Nos anos de 1940 a iluminação pública é substituída de energia a gás para energia elétrica e já se tem nessa mesma década a primeira semana do trânsito no Recife (1941) promovida pela prefeitura do Recife, que buscava educar os cidadãos em relação ao trânsito da cidade, isto nos faz entender que a quantidade carros já era significativa no Recife naquele tempo. Dentre as obras realizadas no Bairro da Boa Vista podemos destacar a construção da Ponte Duarte Coelho (1942) ligando a recém-inaugurada Av. Guararapes (1937) com a Avenida Conde da Boa Vista (ver figura4), o Edifício Pessoa de Melo (1942) na Avenida Conde da Boa Vista construído onde antes era o sobrado do Barão de Beberibe, o Cinema São Luiz (1952) no cruzamento entre Rua da Aurora e Avenida Conde da Boa Vista que foi edificado onde antes funcionava a conhecida Igreja dos Ingleses.



**Figura 4:** Construção da Ponte Duarte Coelho. Do outro lado da margem a ainda Rua Conde da Boa Vista. Fonte: FUNDAJ (Vila Digital). Autor: Benício Whatley Dias.

Outro ponto muito importante são as construções de edifícios na Avenida Conde da Boa Vista e Avenida Guararapes, destaque para o Edifício Pirapama exibido na figura 5. Os edifícios da primeira foram pensados para uso misto (residência e comércio) e os da segunda para uso comercial. Com a chegada dessas construções o centro do Recife se consolida neste período por ser um local procurado pela alta sociedade recifense como lugar de compras e diversão.



**Figura 5:** O Edifício Pirapama construído na década de 1950 foi projetado pelos arquitetos Lúcio Estelita e Delfim Amorim. Fonte: A autora.

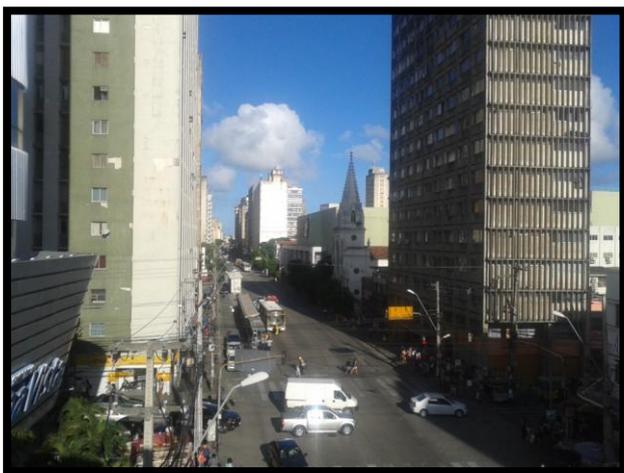
O Centro do Recife, incluindo a Avenida Conde da Boa Vista também abrigava vários equipamentos de ensino entre eles o Colégio Marista inaugurado em 1924, a Faculdade Filosofia (atual FAFIRE) com funcionamento iniciado em 1940, Colégio Padre Félix que iniciou suas atividades em 1929, Escola de Belas Artes iniciada em 1932, Faculdade de Engenharia criada em 1895, Faculdade de Direito do Recife que funciona na Praça Adolfo Cirne desde 1854.

Nos anos de 1970 o bairro da Boa Vista começa a entrar em decadência devido à ascensão de novas centralidades destacando-se entre elas o bairro de Boa Viagem que antes era usado como local de veraneio pelas classes abastadas e passou a ser residência fixa, ficando um lugar ainda mais atrativo com a chegada do *Shopping Center Recife* (1980). Nos anos 1980 e 1990 a preocupação em relação às melhorias do centro concentra-se principalmente na Rua da Imperatriz, Rua do Hospício e Parque Treze de Maio. Porém é importante destacar o que foi feito na Avenida Conde da Boa Vista neste período: a retirada dos camelôs das calçadas da Avenida Conde da Boa Vista e arredores transferindo-os para o Bairro de São José onde foi construído o Camelódromo na gestão do prefeito Jarbas Vasconcelos.

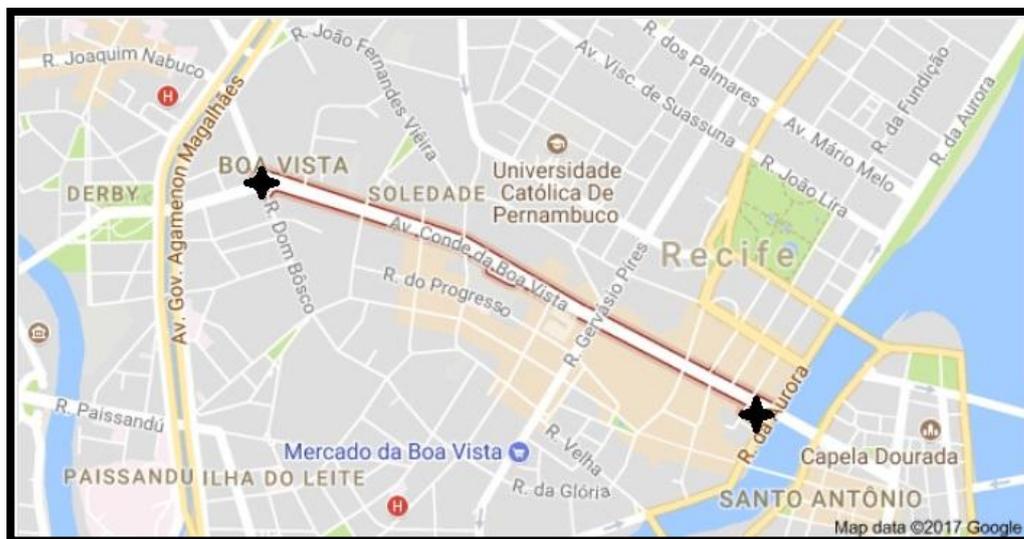


**Figura 6:** Avenida Conde da Boa Vista década de 1980, do lado direito a lateral do Edf. Duarte Coelho e do lado esquerdo a lateral do Edf. Pessoa de Melo. Foto: Mário dos Santos Custódio. Fonte: Facebook (página do Facebook).

Com o passar dos anos boa parte do Bairro da Boa Vista torna-se um centro popular comercial, contendo também grande oferta de serviços e educação. A Avenida Conde da Boa Vista ainda hoje, é uma das principais vias do Recife. Entre seus principais equipamentos em funcionamento destacamos o *Shopping Boa Vista* inaugurado no ano de 1998, a Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE) e o Atacado dos Presentes (Ponto Comercial).



**Figura 7:** Foto panorâmica da Avenida Conde da Boa Vista. Ao fundo do lado direito, a Igreja Presbiteriana e o Atacado dos Presentes que ocupa parte do local onde funcionava o Colégio Marista.  
Fonte: A autora



**Figura 8:** No mapa a Avenida Conde da Boa Vista. O início e o fim da Avenida estão sinalizados na figura. Fonte: Google Maps.

Entre os anos de 2007 e 2008, a avenida sofreu modificações no seu corredor viário, passando a fazer parte do chamado Corredor Leste-Oeste, um corredor exclusivo de ônibus,

juntamente com a Avenida Caxangá e a Rua Benfica. A previsão é que as atuais paradas de ônibus da Avenida sejam substituídas pelas estações dos BRTs Via Livre (*Bus Rapid Transit*) novo tipo de transporte que foi trazido pelo Governo Eduardo Campos (2007-2014), cuja intenção melhorar a mobilidade na cidade. As estações a serem usadas pelos BRTs não foram inauguradas por completo, apesar de que a previsão era para que fossem inauguradas em 2014, ano da Copa do Mundo no Brasil, porém as estações da Avenida estão com as obras paradas como mostram as figuras 9 e 10.



**Figura 9:** Estação BRT na Avenida Conde da Boa Vista com obras paradas tornou-se abrigo de moradores de rua como mostra a imagem. Fonte: Diego Nigro/JC Imagens



**Figura 10:** Enquanto as estações BRT da Avenida Conde da Boa Vista não ficam prontas, os usuários têm que utilizar pontos de ônibus sem manutenção e vandalizados. Fonte: Chico Peixoto/Leia Já Imagens

## 5.2- Avenida Conde Da Boa Vista – Análise Crítica

A reflexão da relação entre pessoas e lugar tendo como o lugar a Avenida Conde da Boa Vista passa sobre a atual situação desta última levando em consideração o contexto em que está inserida. É conhecida a tendência (que não é nova) do abandono dos grandes centros urbanos no Brasil em benefício de outras localidades emergentes que atraem muitos investimentos e tornam-se habitação das classes mais abastadas. Neste tópico deseja-se falar de forma mais específica do abandono do centro do Recife onde a Avenida Conde da Boa Vista está inserida.

Refletindo sobre as fases de urbanização pelas quais passou o Brasil no século XX, Bernardino & Larcercda (2015) afirmam:

Se, desde o início do Século XX é “decretada”, pelas políticas higienistas, a inadequação do estoque edificado no centro histórico da cidade para o uso habitacional “nobre”, a década de 1980 é um marco do processo de obsolescência simbólica do centro como lugar de finos escritórios e comércios. O centro passa a ser enxergado como um “**lugar popular**” (BERNARDINO E LARCERDA, 2015, p.5, grifo meu).

A situação citada acima pode ser traduzida para o Bairro da Boa Vista a partir do momento em que o Bairro de Boa Viagem tem sua ascensão como local de moradia nobre, sendo reforçado pela inauguração do *Shopping Center Recife* em 1980. O *shopping center* neste tempo era um novo conceito de lazer, compras e diversão que logo encantou e atraiu a classe alta da cidade, o referido equipamento era sinônimo de modernidade e distinção social (na verdade, ainda hoje é). Desta maneira, com o passar dos anos o centro do Recife começou a ser negligenciado ao contrário do que acontecia com Boa Viagem e outros bairros considerados de área nobre que receberam mais investimentos e o olhar cuidadoso do poder público além da chegada de outros *shoppings centers* e diversos empresariais que influenciaram ainda mais o abandono do centro do Recife.

Sendo encarado como “popular” como explicam Bernardino e Lacerda (2015) o centro da cidade passa a sofrer preconceito por parte das classes mais abastadas que entendem que este lugar não deve ser frequentado por elas por ser um “lugar perigoso” devido à presença de classes de baixa renda. Isto nos remete a *mixofobia* explicada por Bauman (2009) e

apresentada neste trabalho, que é o medo de misturar-se com os que são considerados “diferentes”. Em consequência disso o Centro do Recife vai deixando de ser um lugar valorizado apesar de sua riqueza e relevância histórica e arquitetônica e ganha imagem de *popular* no mau sentido da palavra, ou seja, é o lugar destinado aos que não são seletos, aos que não conseguiram subir de status.

Além do que foi falado no parágrafo anterior, o mercado imobiliário contribui bastante para o abandono do Centro do Recife a partir do momento que cria novas tendências de habitar que obviamente lhes é mais rentável do que reformar prédios e imóveis antigos. Conforme afirmam Bernardino e Lacerda (2015):

Os imóveis deste centro, sobretudo os de uso habitacional, passam ainda por processos de depreciação fictícia na medida em que as inovações imobiliárias produzidas pelo mercado ora suprem demandas por novas estruturas de morar, ora criam e remodelam as expectativas habitacionais de parte da população. (BERNARDINO & LACERDA, 2015, p.11)

Então, para as classes altas não é mais interessante morar ou ter negócios no centro do Recife porque este não pode confirmar seus *status*, o centro é agora residual, é o espaço que não se quer mais. Então, quem pode evita ao máximo ir a um local que foi condenado à própria sorte, esquecendo seu valor e sem lhe dar a chance de ser novamente um local vivo e frequentado por todos. Este preconceito gera uma desvalorização não só física, mas simbólica do centro do Recife. Criando no imaginário das pessoas que aquele lugar deve ser evitado.

A Avenida Conde da Boa Vista hoje se encontra em situação deplorável em grande parte de seu território. Presença desordenada de ambulantes obstruindo as calçadas e ocupando até parte das vias pertencentes aos automóveis e coletivos (figuras 12 e 13), sujeira nas calçadas, esgotos a céu aberto, insegurança, pontos de ônibus mal conservados e sem espaço suficiente para acolher a quantidade de usuários (figura 11), pouca iluminação em alguns pontos, são alguns dos problemas que a Avenida atualmente apresenta.





**Figura 13:** Ambulantes tomam calçada ao redor do Shopping Boa Vista comprometendo a mobilidade no entorno. Fonte: A autora

Não há locais na Avenida que convidem as pessoas a uma permanência, tudo nela é muito circular. A vitalidade da Avenida, apesar de ser também de uso residencial, se dá de acordo com o funcionamento do comércio local, quando este encerra suas portas a Avenida Conde da Boa Vista “adormece” junto com ele e isso a torna insegura. Não há presença de policiais circulando seja a pé ou de carro, o posto policial que existiu por muitos anos entre o cruzamento com a Avenida e Rua Sete de Setembro foi retirado (ver figura 14).

Como dito anteriormente, há circulação de pedestres na Avenida Conde da Boa Vista, mas faltam locais de permanência, locais aprazíveis, convidativos às pessoas. Não há incentivo para que as pessoas que têm residência na Avenida ou no Bairro da Boa Vista se apropriem deste espaço. Pode-se perguntar se há condições de incentivar espaços de uso na Avenida e essas condições existem porque estes espaços já são usados apesar da forma desorganizada e de não terem nenhum apoio da prefeitura. Entre os cruzamentos de algumas ruas com a Avenida há diversos carrinhos de lanches e churrascos. O próprio espaço citado anteriormente do cruzamento da Avenida com a Rua Sete de setembro, hoje local entregue à sujeira e a uma quantidade enorme de pombos e moradores de rua é um local com espaço disponível para ser pensado como espaço de uso público.



**Figura 14:** Cruzamento da Avenida Conde da Boa Vista com a Rua Sete de Setembro. Ao lado da banca de revista circulado na imagem funcionava um posto da Polícia Militar. O espaço poderia ser utilizado para lazer dos moradores dos prédios vizinhos. Fonte: A autora

De fato, A Avenida Conde da Boa Vista é parte importante do comércio do Centro Recife e é um corredor de transportes vital para a cidade, porém o poder público muito tem deixado a desejar em sua gestão e o que encontramos é uma Avenida degradada e abandonada. O principal local na Avenida Conde da Boa Vista onde existe oportunidade de permanência com um mínimo de segurança e conforto é dentro de um Shopping Center, dentro de um local fechado e sem interação com a rua.

A falta de espaços de permanência na Avenida, sua desorganização atual e insegurança principalmente após o encerrar das atividades diárias do comércio no local, faz com que seus moradores procurem outros locais como lazer. É importante repetir que a Avenida possui grande número de residências, porém nos horários em que o comércio não funciona fica deserta. Passar pela Avenida Conde da Boa Vista no horário em que seu comércio está fechado é um risco que se corre devido não só ao baixo fluxo de pessoas, mas também pela a má iluminação e ausência de policiamento. É necessário se pensar em

alternativas de uso para esta Avenida a fim de que ela não seja só um local de comércio, mas que se possa usá-la como espaço de lazer e permanência.



**Figura 15:** O Shopping Boa Vista e a passarela que liga os dois lados do equipamento. Fonte: desconhecida

Diante de tantos problemas apresentados na Avenida Conde da Boa Vista é preciso também que os moradores do bairro, usuários, trabalhadores, enfim os cidadãos recifenses reivindiquem melhorias junto ao poder público. Johnson afirma “Penso que só conseguiremos ter cidades planejadas de acordo com o nosso desejo mais caro quando houver uma mudança no padrão pessoal de valores” (Johnson, 1968, p.141). Este mesmo autor ao refletir sobre a falta de beleza das grandes cidades norte-americanas afirma que as pessoas parecem gostar mais de *outras coisas* em detrimento de se ter uma cidade bela e agradável. Essas “outras coisas” que Johnson fala estão relacionadas a colocar o lucro e o progresso em primeiro lugar no planejamento de uma cidade, não dando muita importância a uma cidade confortável e bonita.

Ao refletir o questionamento de Johnson (1968), citado no parágrafo anterior, sobre o que valorizamos como cidadãos e olhando para a situação da Avenida Conde da Boa Vista

percebemos que é a mesma situação dita por este autor. Nosso atual padrão de valores favorece alguns lugares em detrimento de outros segregando a cidade. Pensando nisso, podemos entender que a partir do momento que os cidadãos deixam de frequentar um determinado lugar da cidade seus laços afetivos positivos por ela enfraquecem. Ou talvez, até os negativos porque a indiferença é pior que o ódio. Cair no esquecimento é um destino terrível para um lugar. É válido lembrar que Thomas Benhard<sup>11</sup> ajudou a cidade de Salzburg ser ainda mais conhecida através de seu ódio por ela.

Será então que os valores da Avenida Conde Boa Vista só são reconhecidos pelos mais velhos? Aqueles que a conheceram em seus tempos áureos. Os mais jovens, que não conheceram a Avenida neste período de apogeu e possivelmente pouco sabem sobre sua história e importância e podem não conseguir desenvolver um laço de afeto pela Avenida, mesmo que negativo o que instigaria ao menos a pensar sobre ela, isto porque hoje a Avenida Conde da Boa Vista não oferece tantas possibilidades de “estar”, ou seja, de uma vivência mais próxima e interativa como tiveram as gerações anteriores. E fica o questionamento: Qual o futuro de um lugar histórico de uma cidade em que as gerações mais jovens não criaram algum tipo de laço afetivo com ele e o utilizam apenas como local de passagem? Pois sabemos que as gerações mais velhas que viveram os bons tempos da Boa Vista passarão e depois disso, quem olhará para a Avenida Conde da Boa Vista?

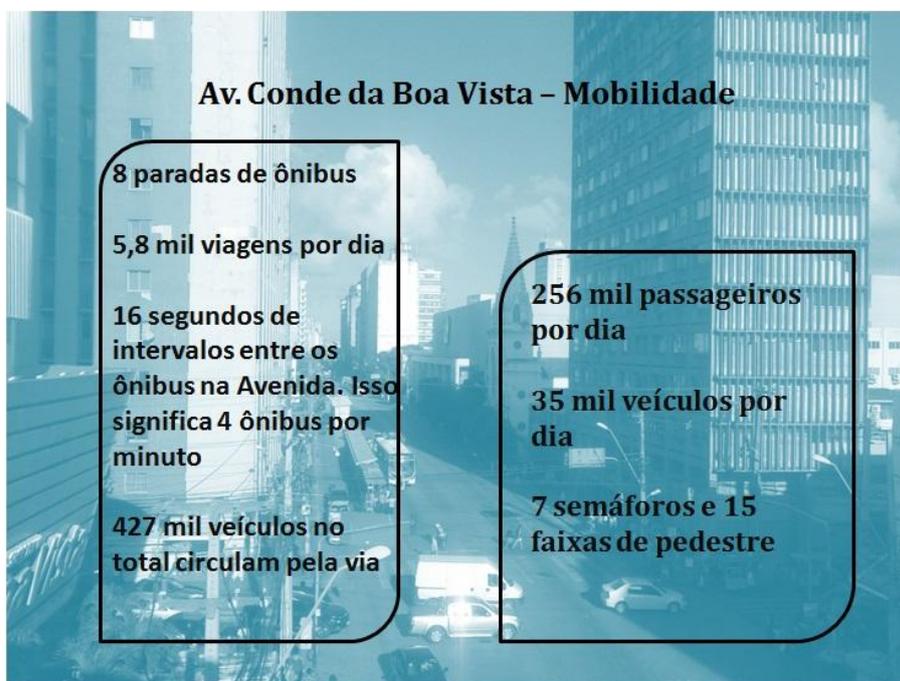
---

<sup>11</sup> Cf. Benhard, 2006. Autor citado neste trabalho no capítulo 1.

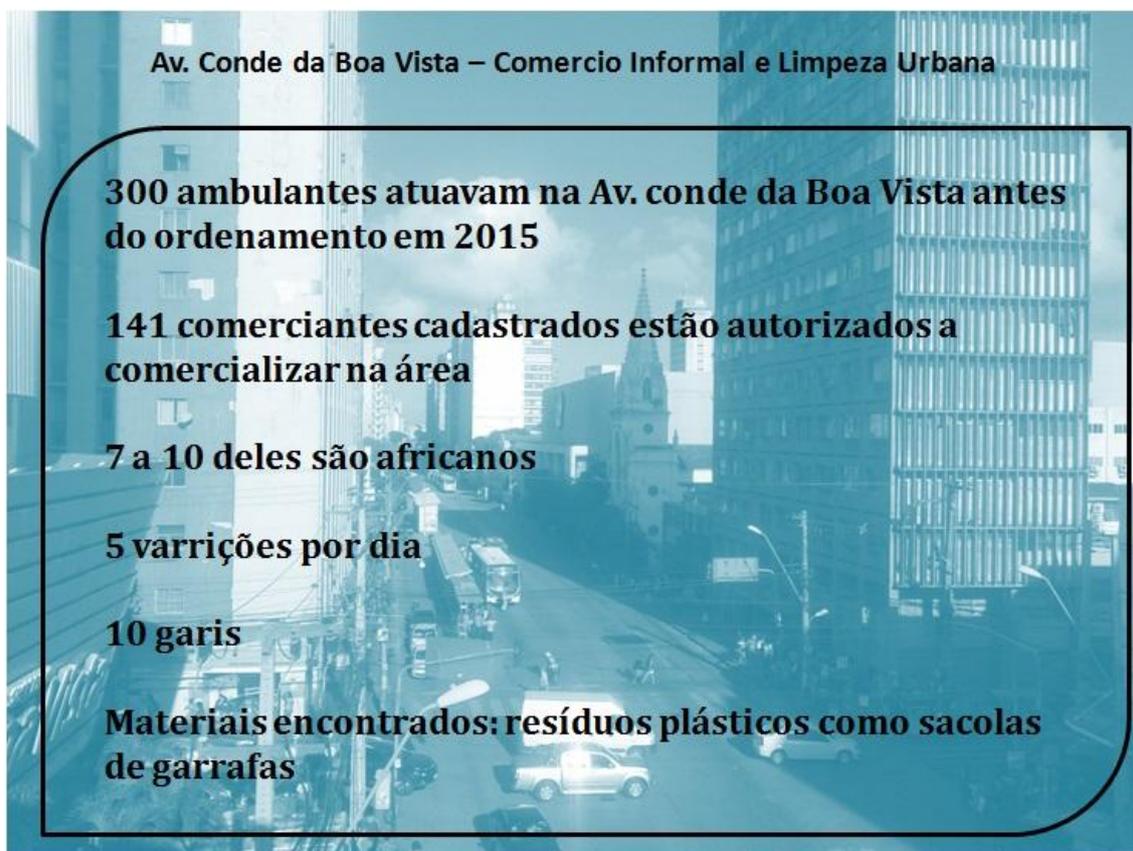
### 5.3- Dados – Avenida Conde da Boa Vista



**Figura 16:** Número de habitantes e domicílios do bairro da Boa Vista e algumas características físicas da Avenida Conde da Boa Vista. Fonte: Diário de Pernambuco (2016)



**Figura 17:** Mobilidade e Características da Av. Conde da Boa Vista. Fonte: Diário de Pernambuco (2016).



**Figura 18:** Comércio Informal e limpeza da Av. Conde da Boa Vista (2016).

## **6- ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

### **6.1- Observações iniciais**

É importante fazer alguns esclarecimentos sobre o questionário aplicado e sobre a análise dos resultados. Traremos a análise primeiramente separada por grupo (grupo 1: trabalhadores, grupo 2: moradores e grupo 3: usuários), dentro de cada grupo dividiremos a análise em três etapas: análise da evocação da cidade, do uso da cidade e do universo cromático. Ao final traremos uma conclusão sobre cada grupo entrevistado, identificando o tipo relação afetiva existente entre o referido grupo e Avenida Conde da Boa Vista.

Apesar de outras cores terem sido apontadas durante a entrevista, iremos comentar as três mais lembradas para podermos fazer uma melhor interpretação do significado dessa escolha, já que explicar todas as cores escolhidas nos traria um resultado disperso. A questão que trata dos três locais mais utilizados não terá gráfico demonstrativo, não achamos necessário neste caso pois a intenção é apenas ter noção de que locais são mais utilizados pelos grupos, essa resposta terá apenas um breve comentário.

O transporte público foi avaliado no sentido de disponibilidade de destinos e tempo de espera. Isso foi explicado a todos os entrevistados para que não confundissem com a qualidade do transporte em si como, por exemplo, qualidade dos assentos, limpeza no coletivo entre outros.

## 6.2- Grupo 1 – Trabalhadores

### A- Perguntas relacionadas com a evocação da Avenida Conde da Boa Vista

1- Para você, existe algum acontecimento importante/marcante que ocorreu na Avenida Conde da Boa Vista? Se sim, qual?

Dezesseis entrevistados afirmaram ter lembranças relacionadas com a Avenida Conde da Boa Vista. Dentre as lembranças a mais citada foi os diversos protestos realizados na Avenida onde alguns trabalhadores veem como um acontecimento positivo símbolo da luta de classes e relacionam a Avenida como o local símbolo deste tipo de evento na cidade do Recife, enquanto outros veem os protestos como um transtorno já que os mesmos deixam por consequência o trânsito lento impedindo que estes cheguem aos seus destinos no tempo de costume. Em seguida temos lembranças relacionadas aos diversos acidentes ocorridos na Avenida. Após estas duas lembranças negativas o terceiro acontecimento mais lembrado é positivo: Desfile de Sete de Setembro que anteriormente ocorria na Avenida Conde da Boa Vista. A inauguração do *Shopping Boa Vista* e as festas de carnaval também foram lembradas como acontecimentos positivos. Porém a predominância na lembrança dos trabalhadores são os acontecimentos de cunho negativo. Abaixo o gráfico mostrando as respostas dos entrevistados.

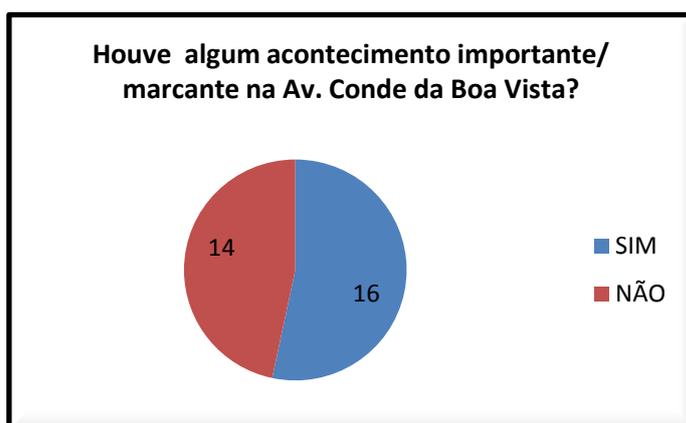


Gráfico 1. Fonte: A autora

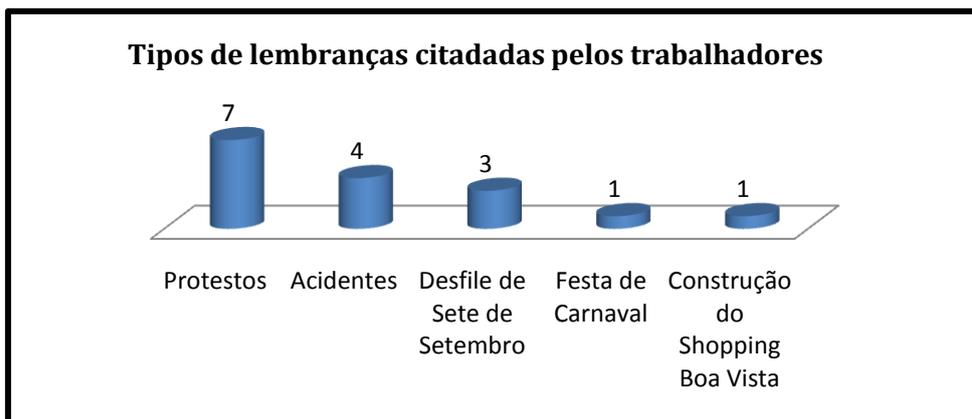


Gráfico 2. Fonte: A autora

2- Em uma escala de 1 a 5 (onde 1 significa não simboliza e 5 simboliza totalmente) classifique a Avenida Conde da Boa Vista como um dos símbolos do Recife

A questão da Avenida Conde da Boa Vista como um símbolo para os trabalhadores ficou dividida. Observando o gráfico, vemos o maior número de entrevistados classificou a Avenida como símbolo com escala intermediária (escala 3) mas a diferença para o número total de escalas negativas (1 e 2) e de escalas positivas (4 e 5) foi apenas de dois pontos. E a soma das escalas negativas (1 e 2) foi igual a soma das escalas positivas (4 e 5).

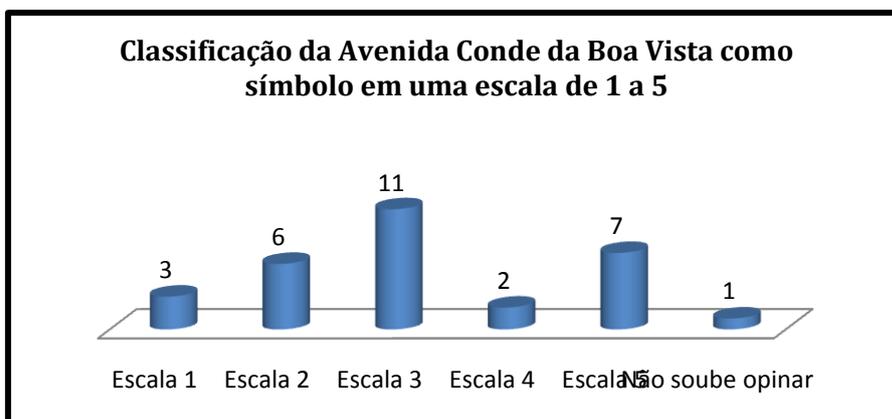


Gráfico 3. Fonte: A autora

3 - Em uma escala de 1 a 5 classifique a beleza da Avenida Conde da Boa Vista (onde 1 significa horrível e 5 significa linda)

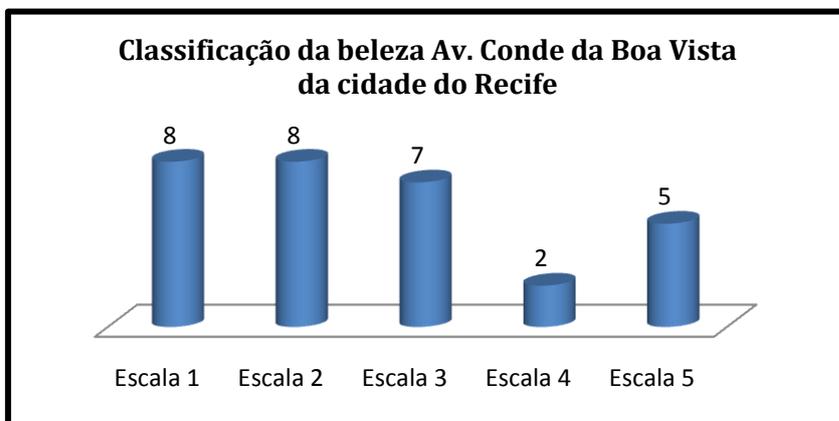


Gráfico 4. Fonte: A autora

Conforme mostra o gráfico, um total de 16 pessoas considera a beleza da Avenida dentro da escala negativa (1 e 2). As escalas positivas tiveram uma escolha bem menor com um total de 9 pessoas.

4- Em uma escala de 1 a 5 qual a Avenida mais bonita do Recife?

Chama a atenção o número de pessoas que não souberam responder que Avenida consideram a mais bonita da cidade (seis pessoas) o que faz questionar se isso se dá por falta de conhecimento da cidade. As três avenidas apontadas como as mais bonitas foram a Avenida Boa Viagem, Avenida Agamenon Magalhães e Avenida Rio Branco.

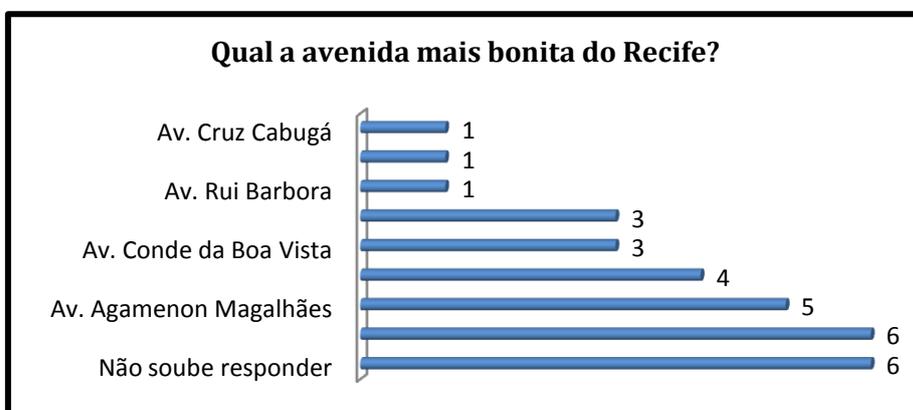


Gráfico 5. Fonte: A autora

### 5- Qual o cheiro da Avenida Conde da Boa Vista?

Apenas duas pessoas associaram a Avenida a cheiros o qual podemos considerar bons, sendo uma no sentido figurado quando diz que a Avenida Conde da Boa Vista “cheira a trabalho”. A maioria ligou a Avenida a cheiros ruins como, por exemplo: lixo, urina, poluição, cola de sapateiro ( sendo este último uma forma simbólica em alusão aos meninos de rua conhecidos popularmente como “cheira-colas” presentes em número significativo na Avenida, estes meninos e meninas praticam pequenos furtos e pedem esmolas). O número de pessoas indiferentes ao cheiro da Avenida foi alto, nove pessoas, o que nos faz questionar se esse grupo tem um elo fraco com a Avenida em comparação com os demais grupos.

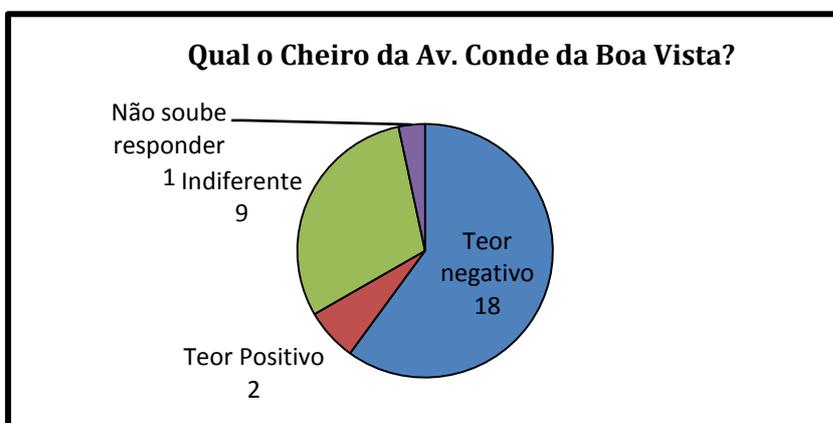


Gráfico 6. Fonte: A autora

### 6- Que palavra define a Avenida Conde da Boa Vista?

Das palavras negativas encontramos palavras relacionadas à desordem da Avenida e às dificuldades para se transitar por ela. Dentre essas palavras as mais citadas foram: “bagunça” “transtorno” “desorganização”. Outros entrevistados associaram a palavras ligadas à necessidade de que a Avenida tem de receber atenção do poder público. As palavras citadas foram “socorro!” “abandonada”.

Das palavras de cunho positivo a maioria foi associada às principais e mais tradicionais características da Avenida que é de ser um centro de compras. Palavras como “movimento” e “movimentada” foram muito citadas e apontam para o grande movimento que há na Avenida durante o horário comercial e palavras que lembram que a Avenida é

importante parte do centro do Recife, vista de fato como lugar central, são elas: “coração”, “coração do comércio”, “encontro”, “compras”, “cidade”. A Avenida também foi associada à palavra “trabalho” que é previsível tendo em vista que o grupo entrevistado é de trabalhadores e naturalmente associam a Avenida com o seu local de trabalho.

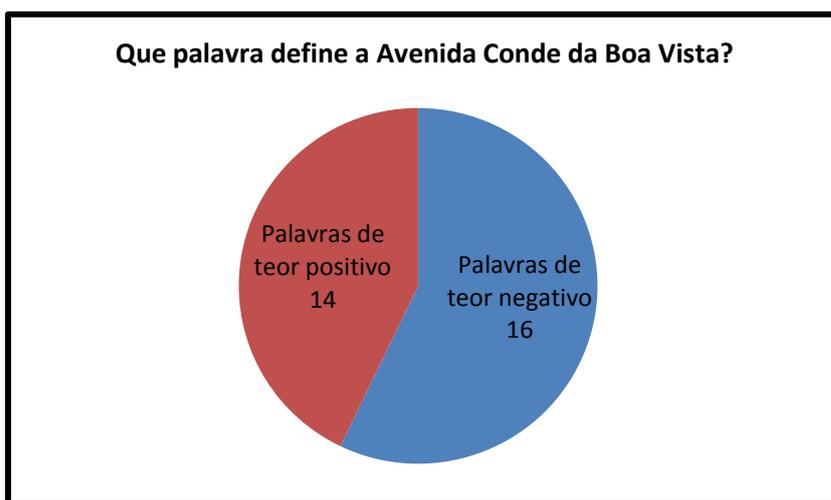


Gráfico 7. Fonte: A autora

7- Qual a avenida mais insegura do Recife para você? E qual a causa desta insegurança?

A própria Avenida Conde da Boa Vista foi lembrada como a mais insegura do Recife pela maioria dos entrevistados, isso se pode entender por esta ser o local de trabalho dos entrevistados (mais adiante quando falarmos dos resultados das principais necessidades de melhoria da Avenida veremos que a necessidade mais apontada pelos trabalhadores foi de melhorar a segurança da Avenida). Esse grupo também foi bastante crítico em relação à segurança de forma geral na cidade tendo em vista que seis entrevistados consideraram que todas as Avenidas do Recife eram igualmente inseguras. Esse pensamento reflete a atual situação de crise na segurança pública em que se encontra o Estado de Pernambuco, apresentando altos índices de assaltos a coletivos e assaltos a pontos comerciais. Tais notícias podem mexer com o imaginário das pessoas fazendo-as “ver” perigo por toda a parte.

A respeito das causas o número de pessoas que afirma não saber foi alto, doze ao total. O que podemos interpretar desse resultado é que essas pessoas podem estar movidas pelo medo devido ao alto número de notícias diárias ligadas à violência fazendo com que estas imaginem o perigo por toda a parte, como foi falado no parágrafo anterior, vendo o perigo de

forma irracional, ou seja, não sabem exatamente quais são as causas, mas procuram evitá-lo de toda a forma.

A segunda causa mais escolhida foi bem óbvia, o alto número de assaltos ocorridos nestes locais. Esta causa foi apontada por dez entrevistados. Não tivemos como saber pelo questionário se estes entrevistados foram de fato vítimas ou testemunhas de assaltos, mas podemos aqui também interpretar que há a influência do imaginário destes entrevistados, já que estas pessoas podem tomar conhecimento de tais assaltos via notícias dos jornais/noticiários como também através de informações não oficiais através de amigos, parentes ou colegas de trabalho, o popularmente conhecido “boca a boca”. Outras respostas nos confirmam que as causas da violência são muito movidas pelo imaginário quando entrevistados apontaram a presença de mendigos e meninos de rua como fator principal da Avenida escolhida por eles ser a mais violenta da cidade.

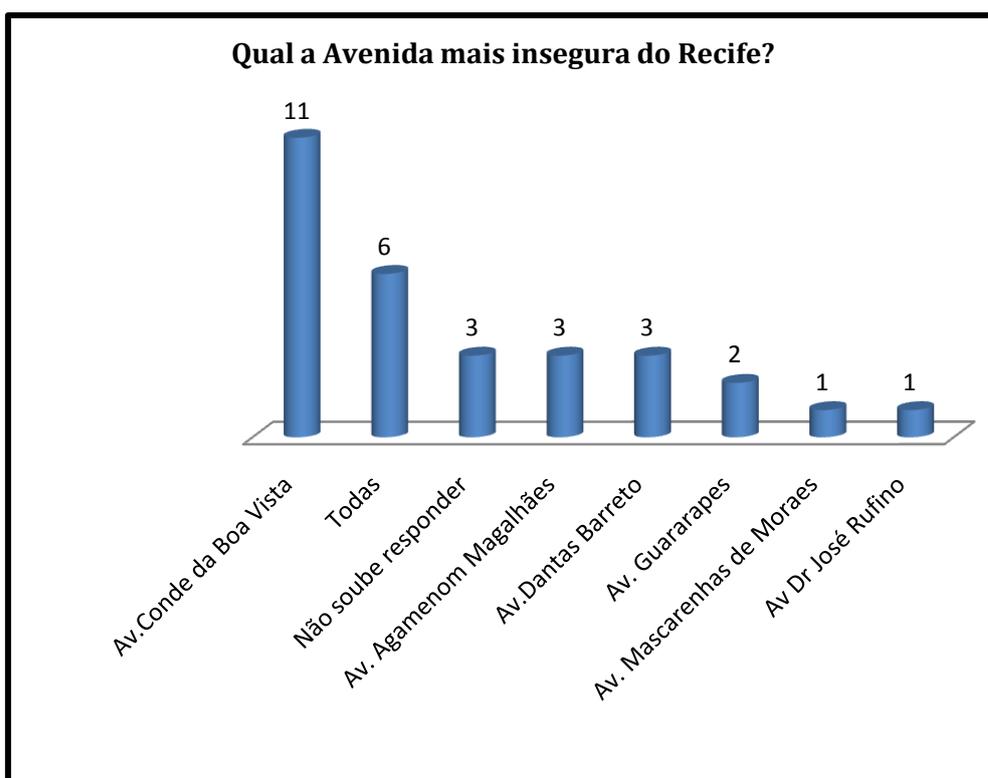


Gráfico 8. Fonte: A autora

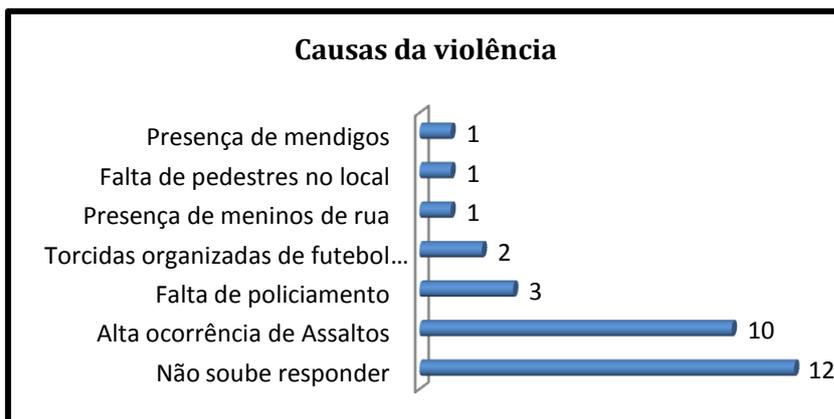


Gráfico 9. Fonte: A autora

8- Existe um local específico da Avenida que você goste? Se sim, qual?

Essa resposta ficou dividida, dezesseis pessoas afirmaram que sim e quatorze afirmaram que não. O local na Avenida mais lembrado foi o *Shopping Boa Vista*, escolhido por onze pessoas. Os demais lugares lembrados foram restaurantes e lanchonetes, o Atacado dos Presentes (local de trabalho dos entrevistados) e o Edifício Módulo que segundo a pessoa que o citou afirmou que “achava o edifício muito bonito”.

Não é de se admirar a escolha do *Shopping Boa Vista* como o principal local de identificação dos entrevistados tendo em vista alguns pontos como: o *Shopping Center* além de ser um local que faz parte do modo de vida da sociedade atual é um local fechado e por isso visto como “seguro” para permanência além de oferecer diversos serviços tanto de utilidade como de lazer.

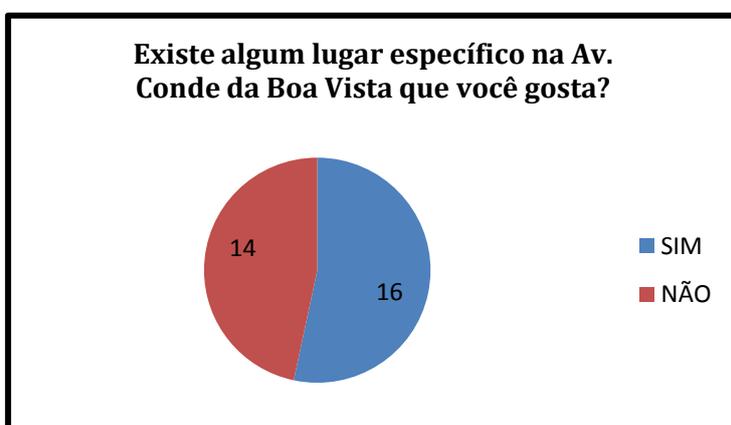


Gráfico 10. Fonte: A autora

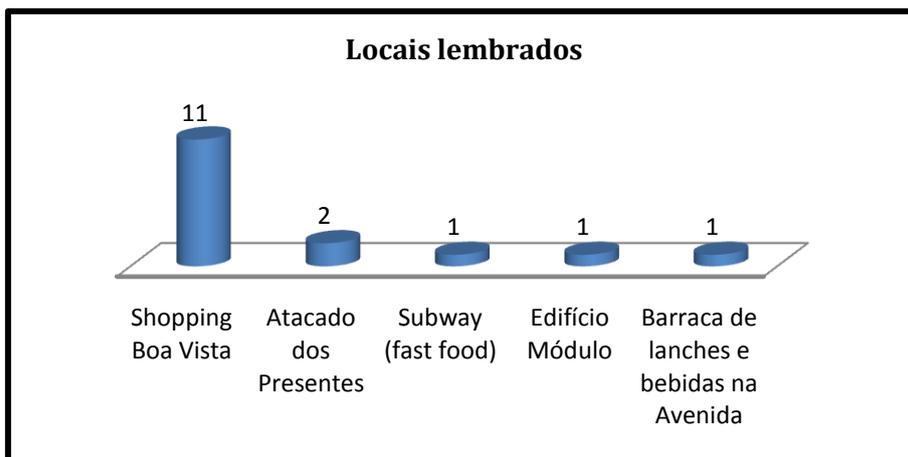


Gráfico 11. Fonte: A autora

## B- Perguntas relacionadas com ao uso da Avenida

1 – Enumere na ordem de maior para menor quais as três principais necessidades da Avenida Conde da Boa Vista<sup>12</sup>

### A primeira:

A primeira necessidade mais apontada pelos entrevistados foi a de aumentar o policiamento no local. Este resultado está bastante ligado à questão anterior em que muitos entrevistados apontaram a Avenida Conde da Boa Vista como a mais insegura do Recife e como causa de tal insegurança o alto número de assaltos.

Em seguida foi vista como primeira necessidade de melhoria na Avenida a Reforma dos pontos de ônibus. Isso é bem compreensível já que o uso do transporte público faz parte da rotina da maioria dos trabalhadores da Avenida que hoje se “apertam” em pontos de ônibus escuros, desconfortáveis e sem espaço para o grande volume de pessoas que os utilizam diariamente. As outras necessidades mais lembradas estão ligadas ao bom funcionamento da Avenida, são preocupações práticas: limpeza e organização.

<sup>12</sup> Pelo número de sugestões ser muito alto não foi possível organizar um gráfico com todas as respostas, desta forma, escolhemos as cinco necessidades mais apontadas em cada questão para demonstrar no gráfico.

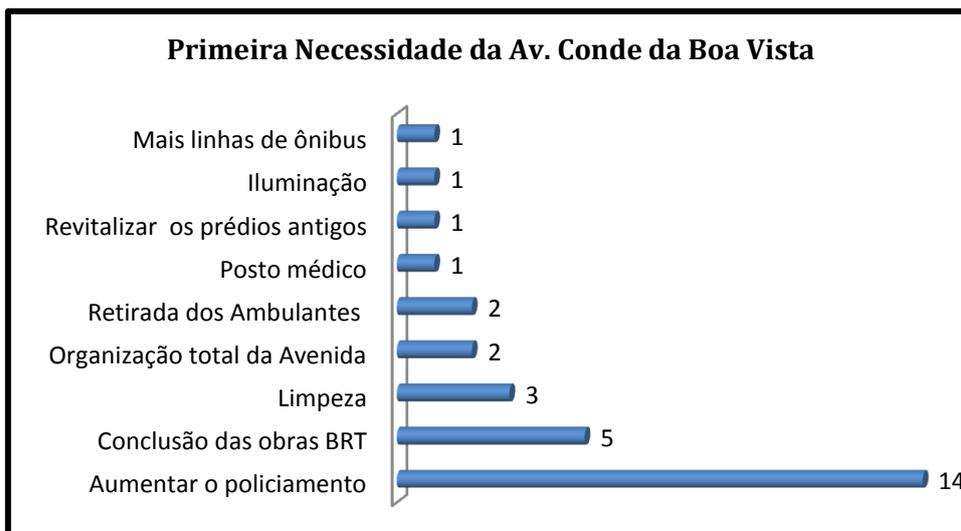


Gráfico 12. Fonte: A autora

**A segunda:**

A segunda necessidade mais citada foi novamente aumentar o policiamento no local. Dez entrevistados apontaram essa necessidade. A mais citada em seguida foi a de melhorar a iluminação, essa necessidade também pode ser relacionada à necessidade de segurança que esse grupo demonstra ter, já que locais escuros favorecem a violência e afastam a presença de pedestres. Novamente aparece aqui a preocupação deste grupo com a limpeza da Avenida.

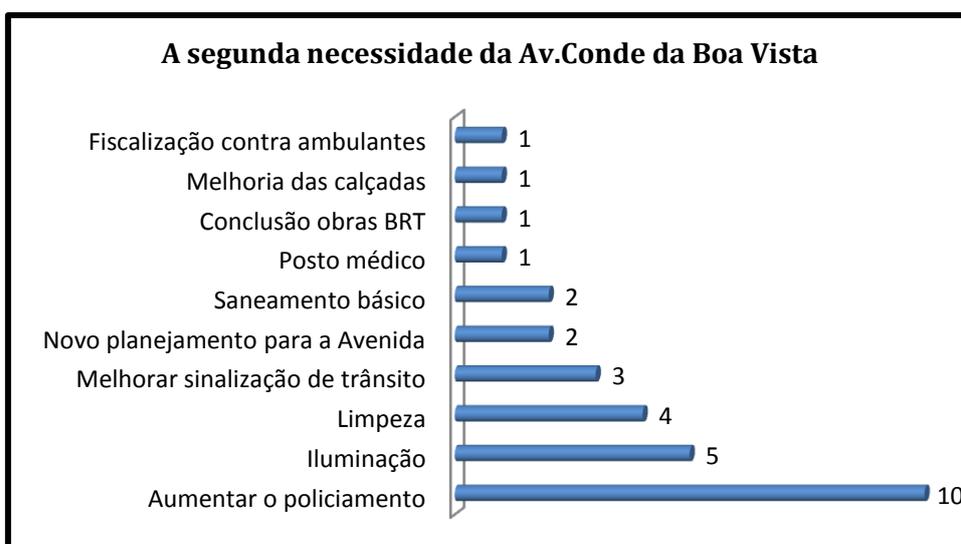


Gráfico 13. Fonte: A autora

### A terceira

Nessa questão se confirma que as principais necessidades da Avenida para este grupo estão centradas em segurança, limpeza e conclusão das obras BRT. Ou seja, existe um desejo pelo prático na Avenida, coisas que permitam que este grupo possa ir e vir de seus postos de trabalho. A preocupação com estética, beleza, conforto, por exemplo, é praticamente inexistente neste grupo. Também foi significativo o número de entrevistados que afirmou não saber qual seria a terceira necessidade da Avenida. Podemos interpretar que a preocupação de forma geral do trabalhador é com seu bem estar ao passar pela Avenida (segurança, iluminação e limpeza), não se atentando para as demais necessidades da Avenida.

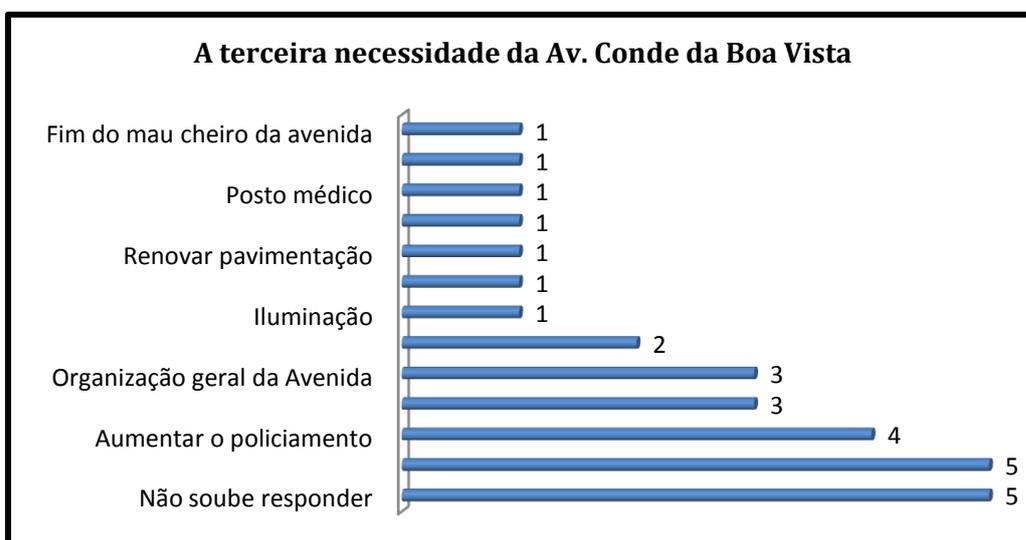


Gráfico 14. Fonte: A autora

2- Qualifique a Avenida Conde da Boa Vista numa escala de 1 a 5, onde 1 significa péssimo e 5 excelente nos seguintes itens:

### Transporte Público:

A avaliação do transporte público ficou bem dividida entre os trabalhadores, conforme aponta o gráfico, a diferença entre as notas é bem pequena.

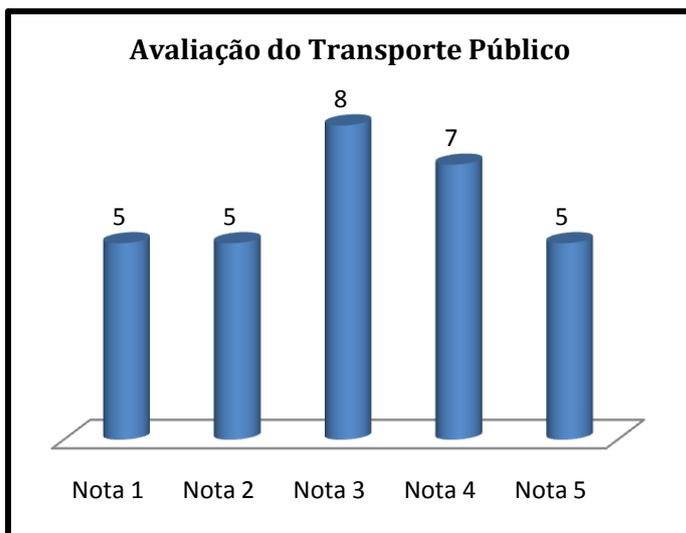


Gráfico 15. Fonte: A autora

### Administração pública na Avenida:

Neste quesito os entrevistados foram bem críticos, dezoito deram nota 1, avaliando como péssimo a atuação de Prefeitura e Governo do Estado em favor da Avenida Conde da Boa Vista. Seis entrevistados avaliaram a atuação do poder público com nota 2 e quatro entrevistados avaliaram com nota 3.

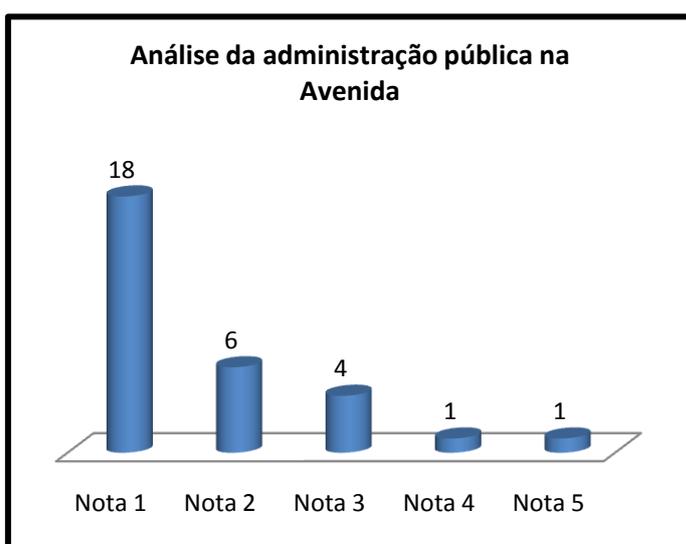


Gráfico 16. Fonte: A autora

### Ação dos usuários em relação à Avenida (limpeza e conservação):

Vinte entrevistados consideraram o comportamento dos usuários como péssimo. Dez entrevistados deram nota entre 2 e 3. Com isso entendemos que os trabalhadores percebem que o mau estado da Avenida Conde da Boa Vista também é de responsabilidade dos usuários da Avenida.

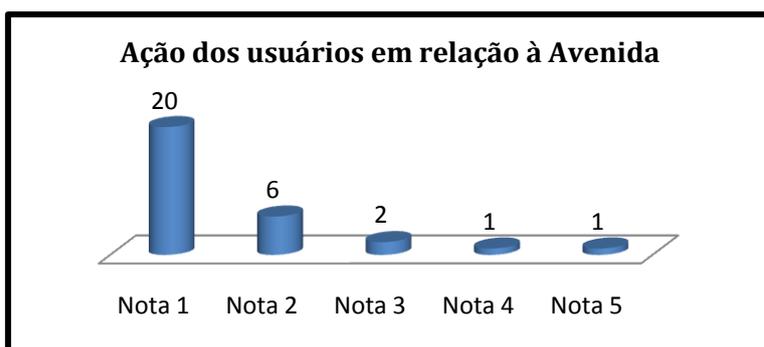


Gráfico 17. Fonte: A autora

### Serviço de Limpeza Pública na Avenida:

Quinze entrevistados apontaram como péssimo (nota 1) o serviço de limpeza pública na Avenida, sendo seguido por oito entrevistados que deram notas entre 2 e 3. Esse resultado está de acordo com o resultado da questão anterior que perguntou quais eram as principais necessidades da Avenida onde a necessidade de limpeza foi apontada como uma das principais necessidades da Avenida.

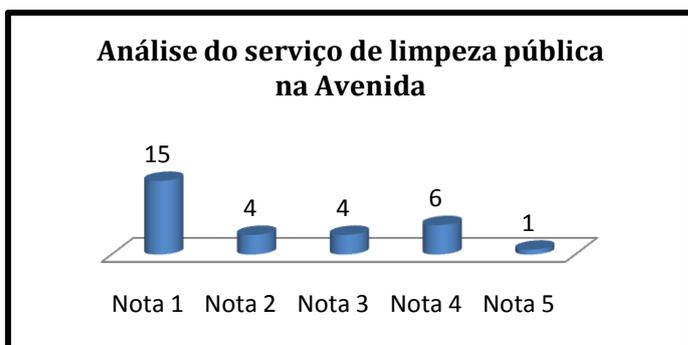


Gráfico 18. Fonte: A autora

### Qualidade das calçadas

A qualidade das calçadas teve uma nota bastante baixa neste grupo. Dezesete entrevistados deram nota 1 à qualidade das calçadas na Avenida, ou seja, mais da metade dos entrevistados consideram as calçadas da Avenida da Conde da Boa Vista como péssimas.

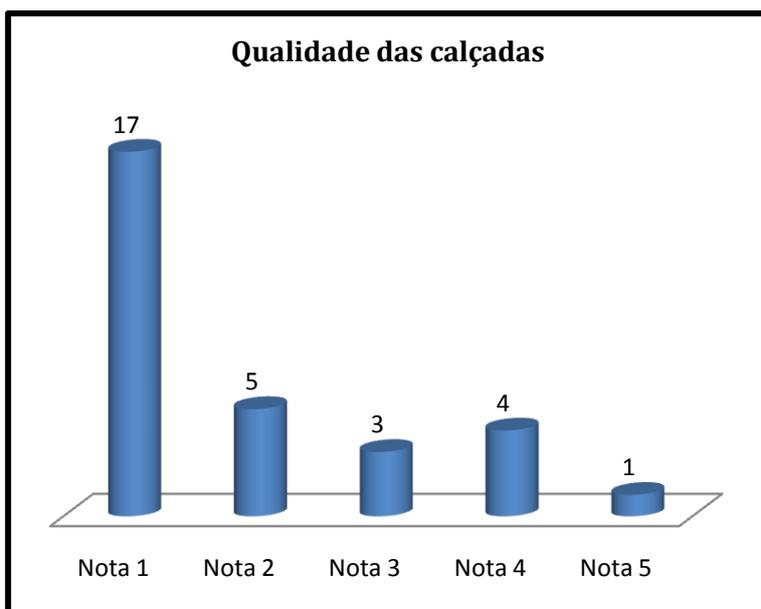


Gráfico 19. Fonte: A autora

3- Cite, se houver, até três lugares da Avenida que você usa:

Os locais mais citados foram: *Shopping Boa Vista*, Atacado dos presentes, loja C&A, *Subway* (lanchonete) e Caixa Econômica. Seis entrevistados afirmaram não fazer uso de nenhum equipamento da Avenida.

4- Existe algum lugar da Avenida que você marca encontro com amigos ou família? Se sim, qual?

Dezoito entrevistados responderam possuir locais que se encontram com família e amigos para lazer, contra doze que responderam não ter local de lazer na Avenida. O lugar mais citado como ponto de encontro para lazer foi o *Shopping Boa Vista* contando com

quatorze entrevistados, os demais lugares citados foram o *Mustang* (restaurante bastante antigo e muito conhecido na área), barracas de lanches e bebidas, chamada popularmente de “espetinho” e uma determinada loja de discos antigos usados que são procurados geralmente por colecionadores e apreciadores de produtos antigos que geralmente encontram-se fora de circulação do mercado comum.



Gráfico 20. Fonte: A autora

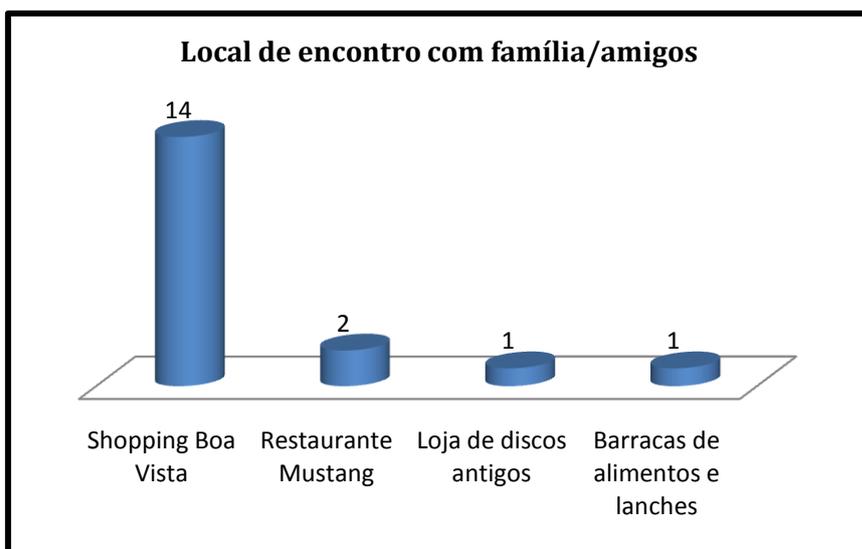
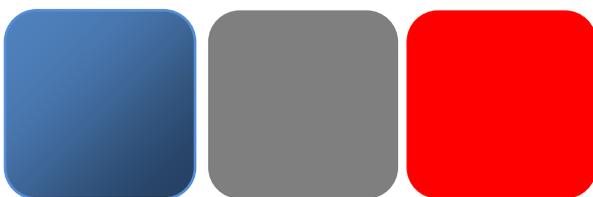


Gráfico 21. Fonte: A autora

### **Universo Cromático dos Trabalhadores:**

Foi feita a seguinte pergunta: Com que cor você identifica a Avenida Conde da Boa Vista? Conforme as respostas dos trabalhadores entrevistados as três cores mais citadas por eles foram respectivamente: Azul (9 pessoas); Cinza (6 pessoas) e Vermelho (4 pessoas). Abaixo por uma questão de ilustração estamos mostrando o universo cromático dos trabalhadores da Avenida Conde da Boa Vista.

### **ESCALA DE CORES – GRUPO TRABALHADORES**



### **Interpretando cada cor:**

#### **Azul:**

Ao falar da cor azul, Heller (2013) diz que ela é a preferida entre as cores e que “não existe sentimento negativo em que o azul predomine” (Heller, 2013, p.23). Segundo esta mesma autora, o azul é a cor do infinito, da grandeza, relacionada a sentimentos como fidelidade, amizade, confiança, entre outros sentimentos bons. Desta forma, a cor mais lembrada pelos entrevistados difere das demais respostas dadas pelo questionário que foram predominantemente negativas em relação à Avenida.

Apesar das críticas nas demais perguntas feitas na pesquisa, percebemos algo que pode justificar a escolha da cor azul. Em sua pesquisa, Silva (2001) percebeu que algumas cores associadas à Bogotá pelos entrevistados estão relacionadas à arquitetura da cidade. No caso de Bogotá a expressividade de seus ladrilhos amarelos e vermelhos. A partir disso, podemos interpretar que o azul, a cor mais citada pelos trabalhadores pode estar associada ao *Shopping Boa Vista*, pois a cor predominante deste equipamento é azul. Levamos isso em consideração

porque este *Shopping* foi citado por um expressivo número de trabalhadores como lugar preferido, de uso e de lazer.

### **Cinza:**

Sobre a cor cinza Heller afirma “O cinza é uma cor sem força. No cinza, o nobre branco está sujo e o poderoso preto está enfraquecido. O cinza não é meio-termo dourado, é simplesmente medíocre. O cinza é velho, sem nenhum embelezamento” (Heller, 2008, p. 269). De maneira geral, segundo a análise de Heller o cinza não é uma cor positiva, está associada ao inamistoso, insensível, ao esquecimento e a sentimentos sombrios.

Podemos entender o porquê da escolha do cinza como a segunda cor mais citada pelos entrevistados pelas palavras a ela associada, como as palavras “abandonada” e “incapacidade” que correspondem ao que Heller (2008) afirma no parágrafo anterior. Também é válido lembrar que um número significativo dos trinta entrevistados desse grupo afirmou não ter em suas lembranças nenhum acontecimento importante ou marcante ligados à Avenida (quatorze pessoas). Igualmente quatorze pessoas que afirmaram não ter na Avenida Conde da Boa Vista um lugar preferido. Isso nos remete ao “esquecimento” que conforme Heller (2008) afirma é uma palavra ligada à cor cinza.

### **Vermelho:**

Em oposição à uma cor fria (azul) e uma cor considerada fraca (cinza) que foram escolhidas pelo grupo de trabalhadores, a terceira cor mais escolhida como a que representa a Avenida Conde da Boa Vista foi o vermelho, uma cor quente, forte e expressiva. Inicialmente estranhámos a escolha do vermelho, tendo em vista que as cores anteriores foram opostas ao vermelho. Porém após pesquisar a obra de Heller (2008) e verificarmos as respostas das fichas dos entrevistados que escolheram essa cor pudemos compreender os motivos.

Heller (2008) afirma que o vermelho é a cor do perigo, isso também está claro para a maioria de nós já que os avisos de perigo geralmente estão simbolizados com a cor vermelha. Entre os entrevistados que escolheram o vermelho pudemos perceber que estes consideram a Avenida Conde da Boa Vista perigosa e um local com grande ocorrência de assaltos. O

vermelho também é associado à agressividade conforme afirma Heller (2008). Encontramos entre os entrevistados quem associasse a Avenida Conde da Boa Vista à palavra bagunça. Se consultarmos o dicionário veremos que um dos significados para bagunça é “confusão” (Ferreira, 2001, p.83) e confusão remete a algo que está fora da ordem, que agita, que incomoda. Então ao procurarmos o significado de agressividade encontraremos “incomodar (em qualquer sentido)” (Ferreira, 2001, p.25).

Também encontramos uma conotação positiva para o vermelho relacionada às respostas do questionário. Um dos entrevistados associou a Avenida Conde da Boa Vista à palavra “trabalho”. Segundo Heller (2008) o vermelho também é a cor que simboliza os trabalhadores. Nesse contexto a Avenida é vista então como o lugar do trabalho, onde “se ganha o pão”. Conforme informamos anteriormente, um entrevistado deste grupo disse que a Avenida Conde da Boa Vista tinha cheiro de “trabalho”.

### **Conclusões sobre o grupo de trabalhadores:**

Durante a aplicação dos questionários, em conversa informal e que foi posteriormente confirmada nos questionários percebemos que os trabalhadores de forma geral não possuem desejo de permanecer mais tempo no bairro e na Avenida Conde da Boa Vista após o término do expediente de trabalho. A maior preocupação deles é com seu bem estar ao chegar e sair da Avenida, isso foi identificado quando vimos que as principais necessidades da Avenida para eles estão majoritariamente ligadas à segurança, iluminação e qualidade dos pontos de ônibus. Também percebemos que eles possuem um sentimento angústia em relação à Avenida Conde da Boa Vista, eles sentem-se incomodados com a agitação no local, a presença numerosa de ambulantes e a falta de espaço nas calçadas. Apesar de não terem informado no questionário, em conversa informal eles passaram essas percepções. Notamos em sua forma de falar a respeito da Avenida que seu desejo é chegar e sair rapidamente daquele local, portanto, a Avenida não é um lugar de afeto predominantemente positivo.

### 6.3- Grupo 2 – Moradores

#### A- Perguntas relacionadas com a evocação da Avenida Conde da Boa Vista

1- Para você, existe algum acontecimento importante/marcante que ocorreu na Avenida Conde da Boa Vista? Se sim, qual?

Apenas dois moradores disseram não ter lembranças importantes ligadas à Avenida, um número significativamente menor se comparado aos grupos trabalhadores e usuários. A maioria das lembranças dos entrevistados deste grupo está ligada aos protestos realizados na Avenida, mas muitos desses protestos relatados aconteceram no passado como as “*Diretas Já*” que lutava pelo direito ao voto direto dos cidadãos no Brasil, após a ditadura militar.

No geral, as lembranças do grupo de moradores remetem a fatos ligados ao passado, a acontecimentos pessoais que ocorreram durante a infância ou juventude destes entrevistados como, por exemplo: o desfile do “curso” no carnaval; Homenagem ao ex-governador Miguel Arraes quando este retornou ao Brasil após anos de exílio devido ao regime ditatorial no Brasil; o fechamento do Colégio Marista. O tradicional desfile de 7 de setembro, que durante anos aconteceu na Avenida Conde da Boa Vista e foi transferido para outra Avenida do Recife, também foi citado e os moradores se queixaram da saída do mesmo da Avenida “Não sei por que tiraram daqui, era muito bom”. Apenas dois moradores ligaram a Avenida com lembranças negativas.

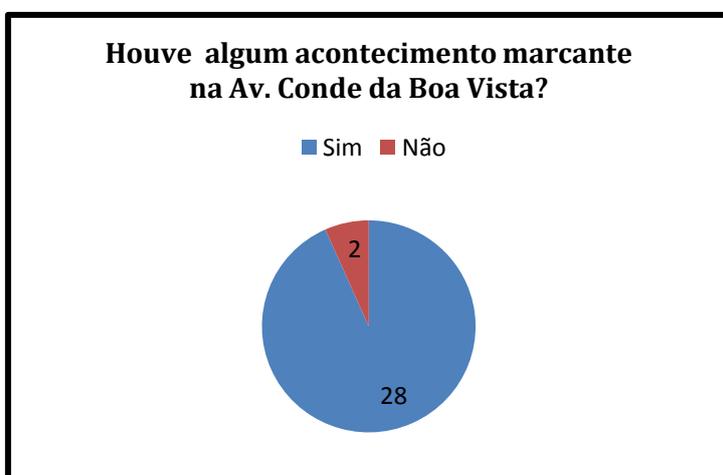


Gráfico 22 Fonte: A autora

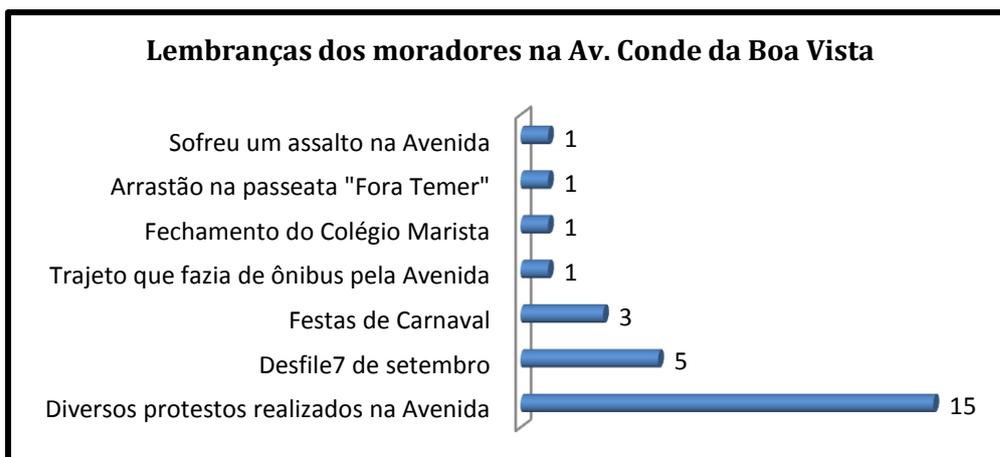


Gráfico 23. Fonte: A autora

2- Em uma escala de 1 a 5 (onde 1 significa não simboliza e 5 simboliza totalmente) classifique a Avenida Conde da Boa Vista como um dos símbolos do Recife

Dezesseis moradores consideram que a Avenida simboliza totalmente a cidade do Recife (escala 5). Seis moradores consideraram Avenida na escala 4 como símbolo do Recife. Somando a quantidade de votos destas duas escalas, vinte moradores então deram notas 4 e 5 para a Avenida como símbolo do Recife. Dessa forma, a Avenida nesse quesito é vista de maneira positiva. Nenhum morador considerou a Avenida Conde da Boa Vista dentro da escala 1 reforçando o entendimento de que a Avenida como símbolo é tida de maneira positiva por este grupo.

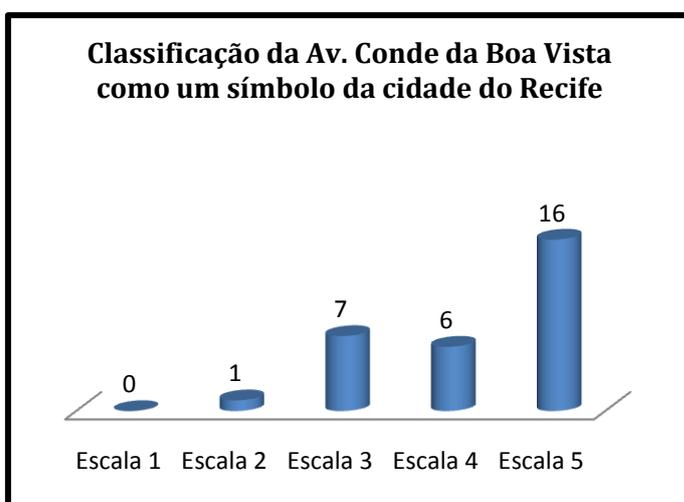


Gráfico 24. Fonte: A autora

3- Em uma escala de 1 a 5 classifique a Beleza da Avenida Conde da Boa Vista, onde 1 significa Horrível e 5 Significa Linda.

Treze entrevistados deram nota 3 para a beleza da Avenida. Dez entrevistados deram nota entre 1 e 2 e sete entrevistados deram nota entre 4 e 5. Em conversa informal alguns entrevistados reconheceram que no passado a Avenida era muito bonita e agradável de transitar e se fosse em tempos antigos a classificaria como linda.

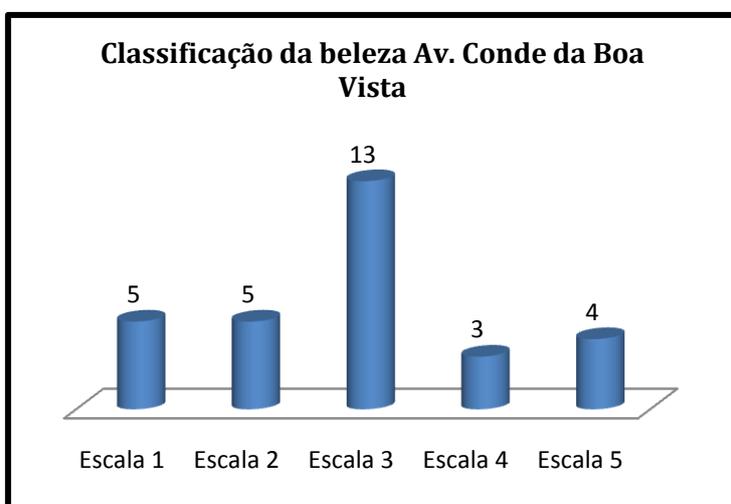


Gráfico 25. Fonte: A autora

4- Qual a Avenida mais bonita do Recife para você?

Assim como no grupo dos trabalhadores, as três avenidas mais apontadas como a mais bonita do Recife foram Av. Boa Viagem, Av. Agamenon Magalhães e Av. Rio Branco respectivamente. O número de entrevistados que não soube responder ou afirmou não ter uma avenida como a mais bonita no Recife foi apenas um de cada, um número bem menor em comparação aos trabalhadores e usuários. A Avenida Boa Viagem parece fazer parte do imaginário dos moradores não só como lugar mais bonito, mas também como lugar ideal para morar. Uma entrevistada que morava próximo ao Teatro do Parque que estava se mudando para outro prédio na Avenida Conde da Boa Vista e relatou “Estou me mudando para o Edifício Pirapama, de lá vou ter uma vista melhor da cidade, dá pra ver até Boa Viagem”.

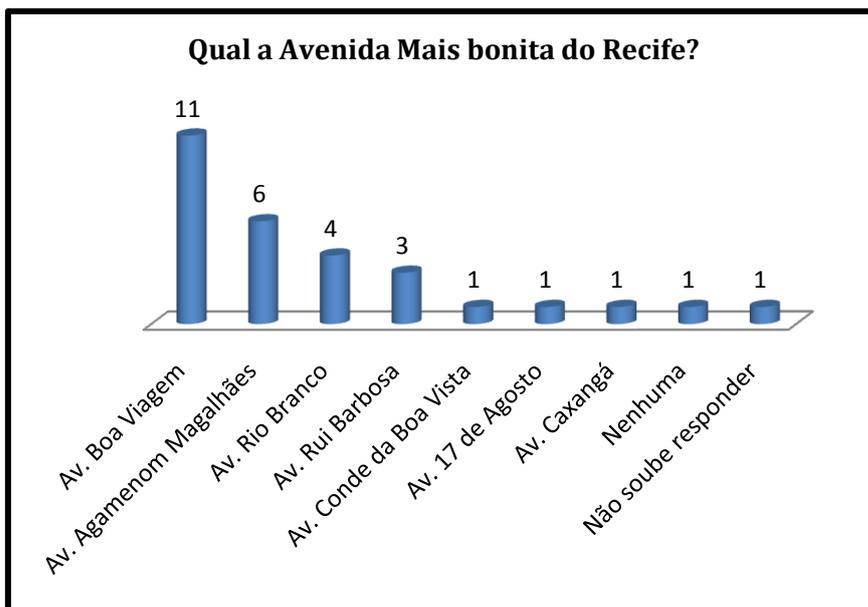


Gráfico 26. Fonte: A autora

#### 5- Para você qual o cheiro da Avenida Conde da Boa Vista?

Dezesseis moradores ligaram a Avenida a cheiros relacionados com o seu mau estado de limpeza como, por exemplo: esgoto, cheiro ruim, sujeira, urina, fezes e cinco relacionaram com poluição devido ao grande número de veículos que passa pela Avenida diariamente. Três moradores ligaram a Avenida a cheiros considerados positivos, uma moradora deu sentido positivo e simbólico ao cheiro da Avenida quando afirmou que a Avenida Conde da Boa Vista “cheirava a saudade” em alusão aos tempos de sua juventude onde para ela a Avenida era um lugar melhor do que hoje em dia.

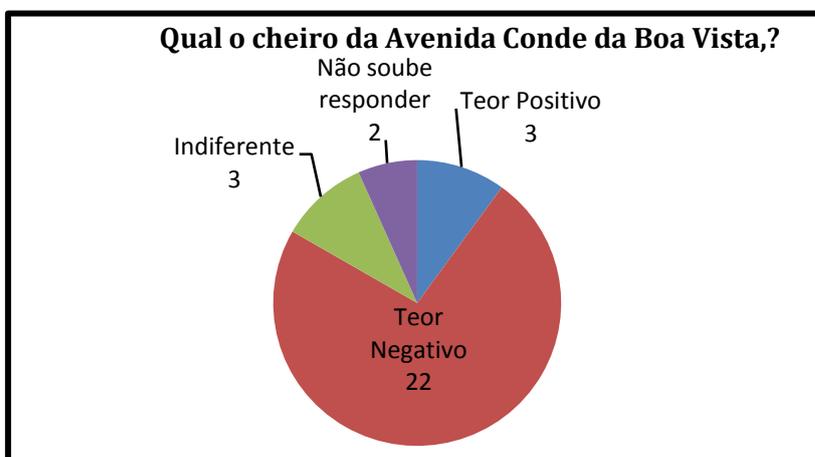


Gráfico 27. Fonte: A autora

## 6 - Que palavra define a Avenida Conde da Boa Vista?

Dezesseis entrevistados atribuíram palavras de cunho positivo à Avenida Conde da Boa Vista. Destacaram palavras ligadas à diversidade de pessoas que moram, usam e trabalham na Avenida. Foram estas: diversidade, povo, mistura, acolhedora. Em conversa informal muitos afirmaram achar vantajoso morar no Bairro da Boa Vista e conseqüentemente próximo à Avenida de mesmo nome. Uma entrevistada que disse “Aqui eu encontro tudo o que preciso, é prático. Não consigo ir para longe daqui, já morei em outro bairro, mas acabei voltando para cá”. Palavras como: centro, centralidade, coração, agilidade foram atribuídas a Avenida expressando o apreço que estes moradores têm por morarem na Avenida ou perto dela.

Algumas palavras de teor negativo tiveram um tom sentimental, de lamentação, de pessoas que recordam e comparam o passado ilustre da Avenida Conde da Boa Vista com a sua situação atual. “Esses sentimentos são representados pelas palavras: deprimida, tristeza, doente, descaso, socorro. Outros entrevistados atribuíram palavras ligadas à sua desorganização provocada pelas obras não concluídas dos pontos de ônibus, presença desordenada de ambulantes que impedem o passeio pelas calçadas, o lixo, entre outros. São estas as palavras: bagunça, confusa, agitação, desorganização.

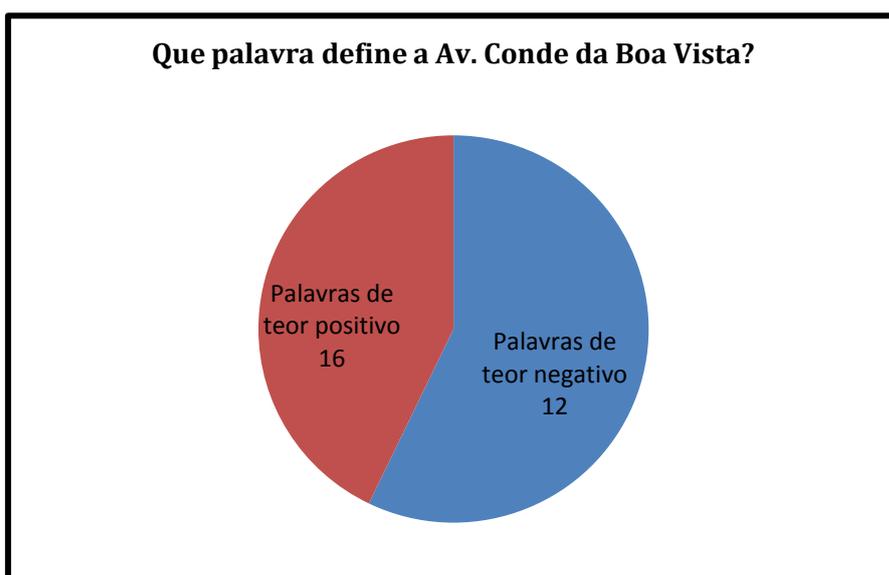


Gráfico 28. Fonte: A autora

### 7- Qual a Avenida mais insegura do Recife para você? E qual a causa desta insegurança?

As três avenidas mais citadas foram: Avenida Agamenon Magalhães, Avenida Conde da Boa Vista e Avenida Caxangá, respectivamente. Neste item faz-se importante observar a ação do imaginário dos entrevistados, pois algumas pessoas que indicaram a Avenida Caxangá e Agamenon Magalhães como inseguras assim como outras avenidas citadas nos questionários, afirmaram que quase não passam por estas avenidas, mas que por ouvir relatos ou notícias de assaltos, por considerar tais avenidas com pouco fluxo de pessoas ou ainda por achá-las mal iluminadas consideraram-nas perigosas. Já em relação à Avenida Conde da Boa Vista os que a consideraram perigosa afirmaram ter sofrido assalto ou conhecer alguém que sofreu assalto na Avenida e também citaram os arrastões ocorridos recentemente nesta Avenida<sup>13</sup>.

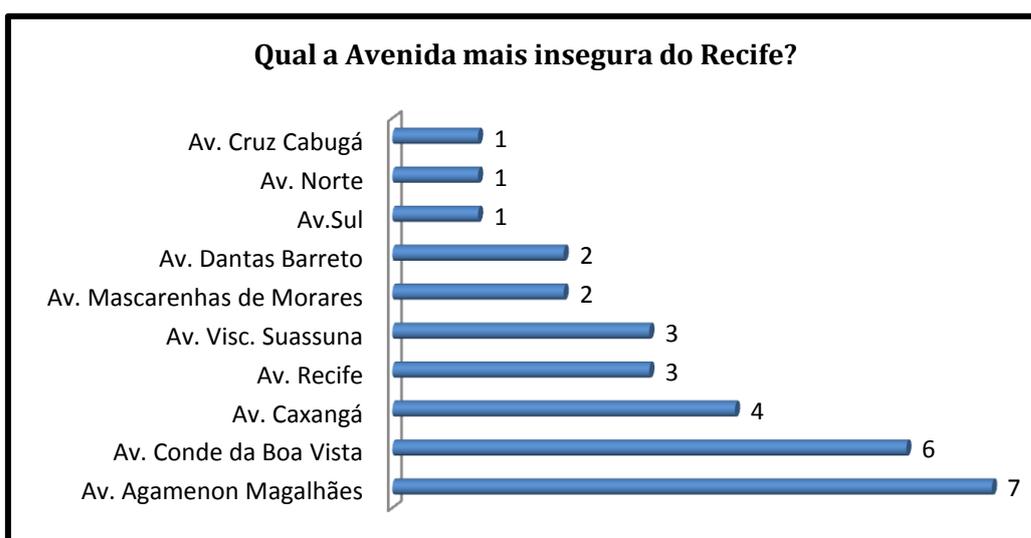


Gráfico 29. Fonte: A autora

<sup>13</sup> É importante informar que essas afirmações foram feitas em conversa informal durante a aplicação do questionário.

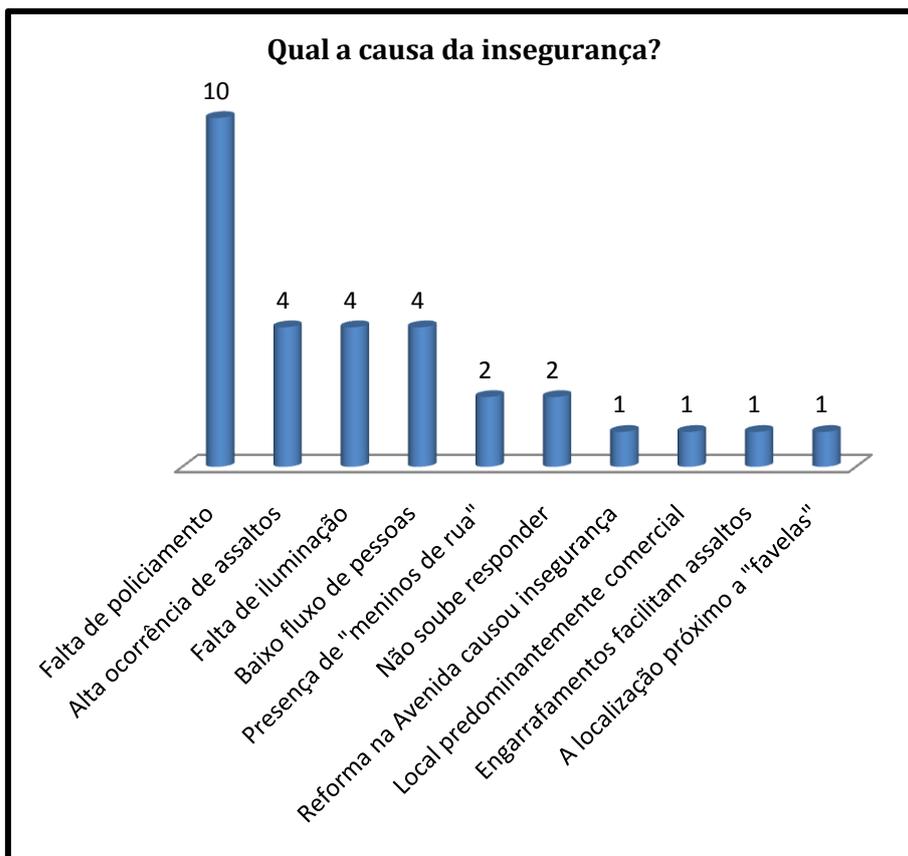


Gráfico 30. Fonte: A autora

8- Existe um local específico da Avenida Conde da Boa Vista que você goste? Qual?

Vinte e um moradores afirmaram ter lugares que gostam na Avenida. Esses lugares variam mais que os dois outros grupos entrevistados. O *Shopping Boa Vista* é o mais citado, pelas razões semelhantes aos outros grupos: segurança, conforto e também a tendência que não é atual de se utilizar o *shopping* como lugar de lazer, compras e serviços. Outros lugares citados foram: Igreja Presbiteriana, Restaurante *Mustang*, Colégio São José, Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), Atacado dos Presentes, Loja Riachuelo, Passarela do *Shopping Boa Vista* e Hospital Psiquiátrico do Recife.

Sobre os lugares citados acima precisamos explicar a motivação de alguns, conforme o que foi relatado pelos entrevistados. O Colégio São José foi citado por ser um lugar onde a entrevistada estudou e por isso lhe remete a boas lembranças, fazendo do colégio o seu local de afeto. O Atacado dos Presentes foi citado por um dos entrevistados que explicou “Não apenas para fazer compras, mas comer também”. A loja Riachuelo foi citada por dois

entrevistados que são casados e que ligam essa loja a antiga Mesbla aonde iam com os filhos nos finais de semana quando estes eram crianças. Dessa forma, a loja mudou, mas o casal ainda gosta de ir até lá porque ainda associam ao tempo em que iam à extinta Mesbla. A entrevistada que escolheu a passarela do Shopping Boa Vista disse que gosta da vista que o local oferece. E por fim o Hospital Psiquiátrico foi lembrado por outra entrevistada porque ela passava por ele quando criança e o achava o edifício bonito.



Gráfico 31 Fonte: A autora

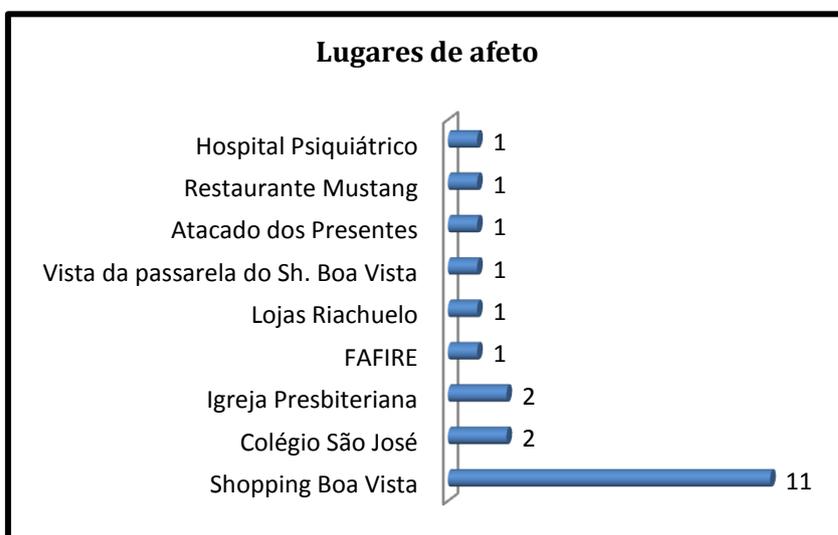


Gráfico 32. Fonte: A autora

## B- Perguntas relacionadas com ao uso da Avenida

1- Enumere na ordem de maior para menor quais as três principais necessidades da Avenida Conde da Boa Vista:

### A primeira:

A segurança foi considerada como primeira necessidade lembrada por nove entrevistados. Mesmo assim, se compararmos com os trabalhadores, veremos que o número de moradores que pensam que a segurança é a principal necessidade da Avenida é bem menor. Arborização veio em seguida sendo lembrada por cinco entrevistados, percebemos aqui uma preocupação estética e de conforto em relação à Avenida, já que ao justificar (em conversa informal) a arborização como primeira necessidade os mesmos disseram que além do conforto (proteção contra o calor) traria mais beleza à Avenida. A terceira mais indicada como necessidade da Avenida foi a limpeza. As outras indicações estão associadas de maneira geral com a gestão e a organização da Avenida.

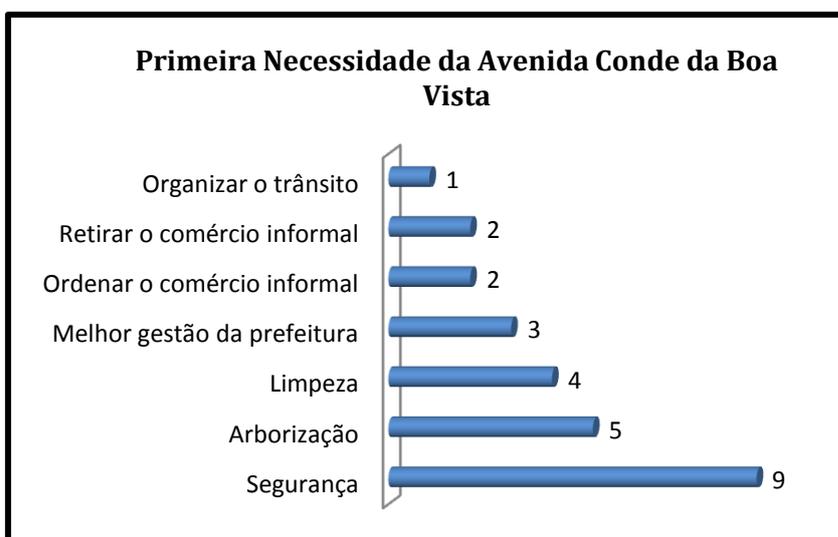


Gráfico 33. Fonte: A autora

### A Segunda:

A segunda necessidade mais lembrada pelos usuários foi a limpeza, escolhida por seis moradores. Aqui as respostas ficaram mais distribuídas que na questão anterior. Este grupo mostra ter uma preocupação mais detalhada da Avenida. A arborização e espaço para ciclovia foram lembrados por alguns entrevistados, em menor número, mas é importante destacar isso tendo em vista que a ciclovia e a arborização não foram lembradas pelos outros dois grupos de forma significativa. Isso mostra novamente o desejo deste grupo em obter conforto e outras formas de transitar pela Avenida que não seja só pelo transporte motorizado.

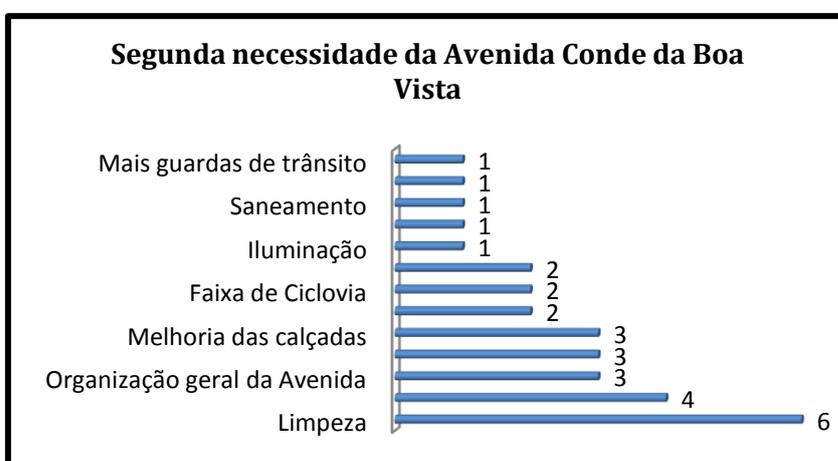


Gráfico 34. Fonte: A autora

### A terceira

A terceira necessidade mais lembrada pelos usuários foi a ordenação do comércio informal. Note-se que os moradores são mais maleáveis em relação aos ambulantes presentes na Avenida. Enquanto os usuários (e em alguns depoimentos os trabalhadores) pedem a retirada dos ambulantes, os moradores pedem a organização. Um entrevistado afirmou “Eles precisam trabalhar e ajudam a dar vitalidade à Avenida”. Em seguida a terceira necessidade mais apontada foi a arborização, lembrada por quatro moradores. Reforma dos pontos de ônibus e organização do trânsito receberam três votos cada. É importante destacar outros itens que foram lembrados unicamente pelo grupo de moradores: paisagismo da Avenida e diminuição do número de pombos no cruzamento entre a Avenida Conde da Boa Vista com a Rua Sete de Setembro. Esse trecho de fato é um dos mais maltratados da Avenida,

concentrando muita sujeira e muitos pombos. Esses dois últimos itens citados mostram que os moradores têm também uma preocupação estética e mais cuidadosa com a Avenida.

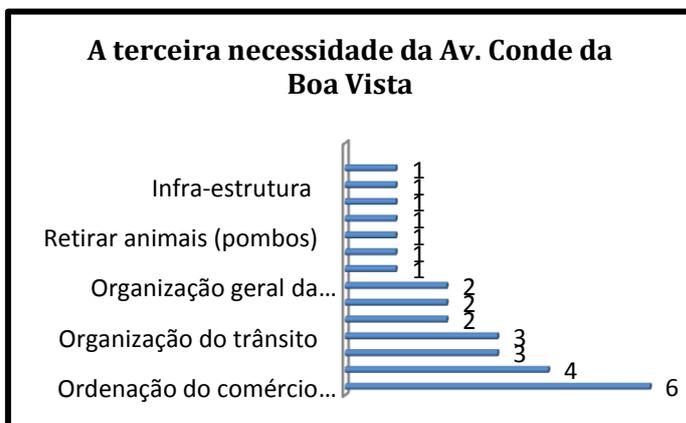


Gráfico 35. Fonte: A autora

2- Qualifique a Avenida Conde da Boa Vista numa escala de 1 a 5, onde 1 significa péssimo e 5 excelente nos seguintes itens:

### Transporte Público:

O transporte público também dividiu a opinião dos moradores, doze entrevistados consideram o mesmo ruim ou péssimo (notas 1 e 2) contra quatorze que consideraram bom ou excelente (4 e 5). Quatro entrevistados consideraram regular (nota 3). Ainda assim em comparação com outros grupos, esse foi o mais otimista em relação ao transporte público.

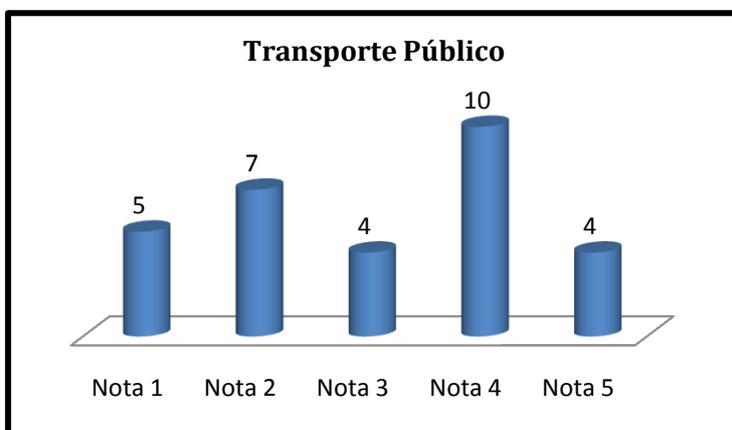


Gráfico 36. Fonte: A autora

### Administração Pública da Avenida:

O número de moradores que apontaram a administração pública com notas entre 1 e 2 foram de vinte e quatro pessoas. Coincidentemente este foi o mesmo número de trabalhadores que deram entre notas entre 1 e 2. Cinco moradores deram notas entre 3 e 4 e nenhum morador classificou como excelente a administração pública da Avenida (nota 5).

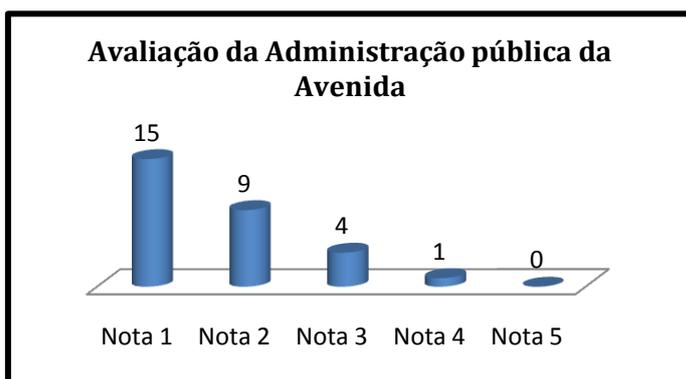


Gráfico 37. Fonte: A autora

### Ação dos usuários em relação à Avenida (limpeza e conservação)

Vinte e sete moradores apontaram com notas entre 1 e 2 a ação dos usuários da Avenida, três moradores deram nota 3 e ninguém deu notas entre 4 e 5. Com isso percebemos que os moradores têm uma visão crítica maior a respeito dos usuários da Avenida do que têm a respeito do poder público, reconhecendo que a ação daqueles que fazem uso da Avenida independentemente a que grupo pertençam incide positivamente ou negativamente sobre a mesma. Neste caso conforme as respostas: negativamente.

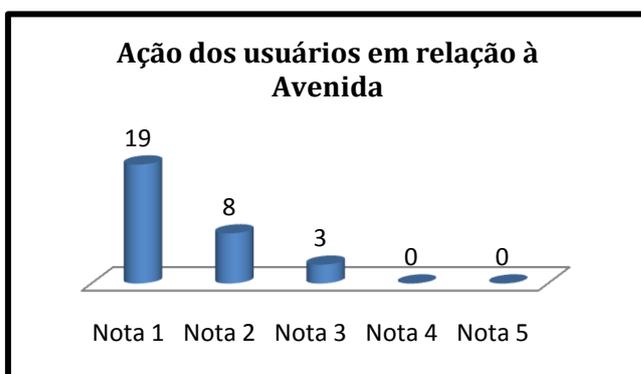


Gráfico 38. Fonte: A autora

## Serviço de Limpeza Pública na Avenida

Quanto ao serviço de limpeza pública, os moradores foram menos críticos que os outros grupos. Doze entrevistados deram nota entre 4 e 5 para o serviço dizendo que na verdade o serviço de limpeza pública funciona, o problema são as pessoas que sujam a Avenida e por isso não há como a mesma ficar limpa. Este grupo também atribuiu a sujeira aos ambulantes, levando em consideração que agora a Avenida também comporta pessoas vendendo frutas e verduras, fato que alguns anos antes não ocorria. Apenas cinco moradores consideram o serviço de limpeza péssimo (nota 1).

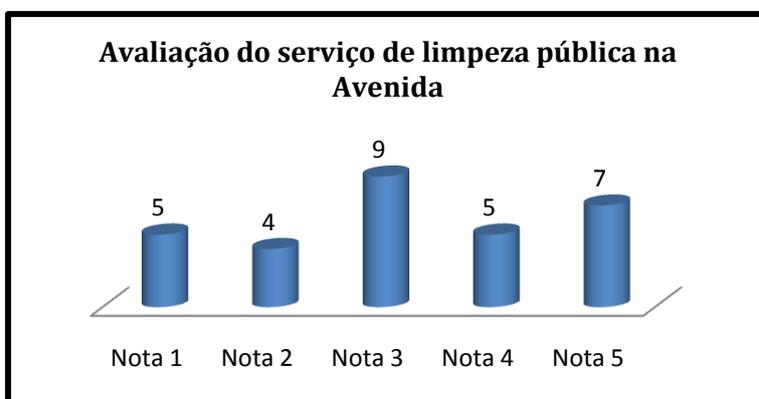


Gráfico 39. Fonte: A autora

## Qualidade das calçadas:

Dezenove moradores consideraram a qualidade das calçadas da Avenida ruim ou péssima (notas 1 e 2). Onze moradores deram notas entre 3 e 4 e nenhum morador considerou as calçadas excelentes (nota 5).

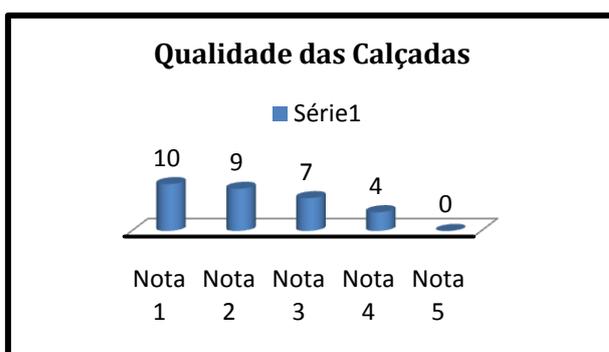


Gráfico 40. Fonte: A autora

3- Cite, se houver, até três lugares da Avenida que você usa:

Os três lugares mais citados foram o *Shopping Boa Vista*, *Atacado dos Presentes* e *Bancos*. Em relação ao *Atacado dos presentes*, alguns entrevistados afirmaram que encaram o local não só como ponto de compras, mas como lugar de lazer, para olhar as “novidades” que chegam a esta loja e para fazer refeições na pequena praça de alimentação que este local dispõe. Uma entrevistada afirmou que gosta tanto de ir até lá e que já conhece muitos funcionários pelo nome. Os postos de gasolina que ficam na Avenida também foram citados pelos moradores. Os moradores também frequentam com mais assiduidade os restaurantes e lanchonetes que ficam na Avenida Conde da Boa Vista em comparação aos outros dois grupos.

4- Existe algum lugar da Avenida que você marca encontro com amigos ou família? Qual?

Dezenove entrevistados afirmaram marcar encontro na Avenida com família e amigos. O *Shopping Boa Vista* foi o lugar mais lembrado, as características que fazem do *Shopping* um lugar muito procurado pelos grupos em geral já foi comentado anteriormente. Outros lugares lembrados foram o Restaurante *Mustang* e a Igreja Presbiteriana.

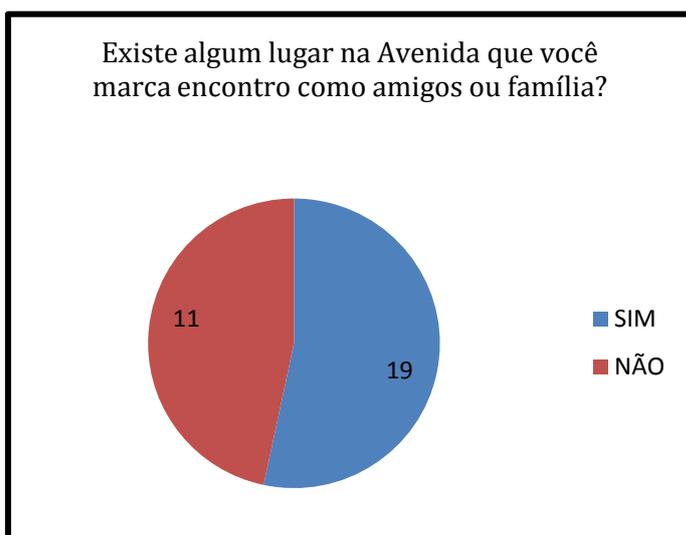


Gráfico 41 Fonte: A autora

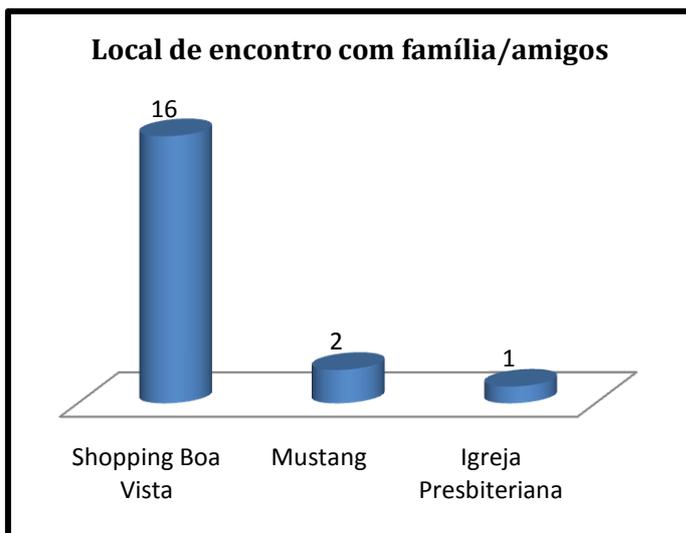
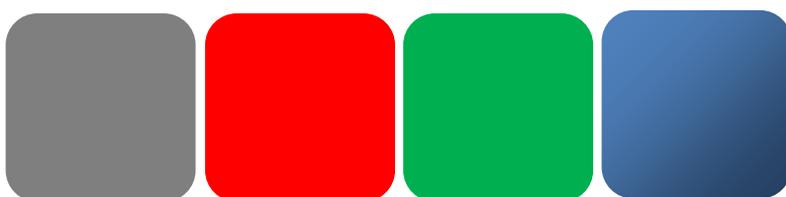


Gráfico 42. Fonte: A autora

### Universo Cromático dos Moradores

Apesar de sempre egermos as três cores mais escolhidas, mostraremos a escala de cores dos moradores em quatro cores porque as cores verde e azul foram escolhidas pelo mesmo número de moradores, quatro de cada. Dez moradores escolheram a cor cinza e cinco moradores escolheram a cor vermelha.

### ESCALA CROMÁTICA – GRUPO MORADORES



#### Interpretando cada cor:

##### Cinza:

Como foi dito antes, Heller (2008) afirma “O cinza é velho, sem nenhum embelezamento” (Heller, 2008, p. 269). Dos usuários que escolheram a cor cinza, a grande maioria considerou a beleza da Avenida fraca (notas entre 2 e 3). Outro fator que percebemos

é que parte dos entrevistados que escolheram cinza não têm um lugar preferido nela e não fazem uso de algum equipamento que fique localizado na Avenida para lazer. Outro fator que nos fez entender a escolha do cinza é que grande número dos entrevistados que optaram pela cor cinza incluíram a necessidade de arborização da Avenida em um dos tópicos da nona questão do questionário aplicado. Ou seja, eles parecem achar a Avenida Conde da Boa Vista “cinza demais” sentido a falta do verde das árvores.

### **Vermelho:**

Heller afirma “A ação psicológica e simbólica do sangue faz do vermelho a cor dominante de todas as atitudes positivas em relação à vida. O vermelho como a cor mais forte das cores é a cor da força, da vida (...)” (Heller, 2008, p.55). Baseado nessas afirmações de Heller, entendemos que os entrevistados que escolheram a cor vermelha para a Avenida Conde da Boa Vista encaram-na de forma favorável, isso porque suas respostas em relação à Avenida foram predominantemente positivas. Todos os entrevistados que apontaram a cor vermelha têm memórias de acontecimentos bons na Avenida, classificaram sua beleza com escala entre 4 e 5, consideraram a Avenida como um símbolo importante do Recife (nota 5), relacionaram a Avenida com palavras positivas, têm nela um lugar favorito e a utilizam como local de lazer com família e amigos.

### **Verde**

Heller afirma que “Porém, em si, o verde não é nem bom, nem mau” (Heller, 2008, p.105). Mais adiante esta autora afirmará que o verde é “a cor do meio” (Heller, 2008, p.106). Assim também foram as respostas dos questionários dos moradores que associaram a Avenida Conde da Boa Vista a cor verde, suas respostas não tiveram conotação totalmente positiva ou negativa.

Também observamos que a maioria colocou entre as principais necessidades da Avenida a arborização. Dois entrevistados comentaram que acham a Avenida muito quente e que no passado era mais agradável andar por ela, mas hoje sentem muito calor e acreditam que a presença de mais árvores ajudaria nisso. Heller (2008) afirma que a ausência do verde

em um local faz com que as pessoas o busquem e o valorizem e esta autora também afirma que o verde simboliza a cor do frescor.

### **Azul:**

Heller afirma que o azul é associado à simpatia e à harmonia. E explica

O azul é o céu – portanto o azul é também a cor do divino, a cor eterna. A experiência constantemente vivida fez com que o azul fosse a cor que pertence a todos, a cor que queremos que permaneça sempre imutável para todos, algo que deve durar para sempre (HELLER,2008,p.23)

Ao analisarmos as respostas dos entrevistados que escolheram a cor azul, percebemos o que havia em comum e predominante em suas respostas (e falas informais) eram as memórias dos tempos de infância e juventude que viveram na Avenida. Alguns entrevistados relataram seus passeios e locais onde estudaram considerando que nesse tempo a Avenida Conde da Boa Vista era um lugar harmonioso, sem tanta agitação, sem trânsito caótico, um lugar com possibilidades de passeio e lazer, diferente dos dias atuais de acordo com seus relatos.

### **Conclusões sobre o grupo de moradores**

O morador possui um vínculo afetivo em geral positivo com a Avenida Conde da Boa Vista, sem deixar de reconhecer seus problemas sendo, porém, menos duro nas críticas em comparação aos grupos de trabalhadores e usuários. Eles expressam gostar de morar no Bairro da Boa Vista e próximo à Avenida Conde da Boa Vista porque estes lugares conforme muitos afirmaram, lhes oferecem tudo o que precisam. Mas estes moradores anseiam por uma Avenida melhor, mais agradável que lhes ofereça oportunidade de “estar” nela de forma segura e harmoniosa.

Julgamos importante e interessante trazer aqui na conclusão alguns depoimentos dos moradores entrevistados onde estes expressam sua ligação com a Avenida como também suas reclamações a respeito da mesma. Durante a aplicação dos questionários encontramos uma moradora que estava de mudança da Rua do Hospício para o Edifício Pirapama, localizado na

Avenida Conde da Boa Vista e ela estava muito feliz “Agora poderei ter uma vista melhor da Avenida e até da cidade, daqui posso até ver um pedacinho de Boa Viagem”. Outro morador reclamou de não poder descer e ficar na Avenida em um ponto que é cruzamento com a Rua Sete de Setembro e que possui carrinhos de lanches “Eu gostava muito de comer o meu cachorro quente sentado na calçada, conversar com as pessoas, mas o lugar está muito inseguro, além de eu ser abordado o tempo todo por meninos de rua pedindo para que eu lhes compre um cachorro quente. Não há condições, agora eu compro o cachorro quente e subo de volta para meu apartamento”.

Alguns moradores afirmam ter uma forte ligação com a Avenida e o Bairro. Uma moradora afirma “Nunca consegui me desligar da Boa Vista, nasci e cresci neste bairro. Em minha infância e juventude passava muito na Avenida Conde da Boa Vista, pois estudava próximo a ela, gostava de passear de ônibus elétrico junto com meus irmãos. O trajeto de ônibus elétrico pela Avenida neste tempo ficou marcado em minha memória”. Outra moradora afirmou “Aqui eu encontro tudo o que preciso, é prático. Não consigo ir para longe daqui, já morei em outro bairro, mas acabei voltando para cá”.

Há moradores que se lembram dos tempos que estudaram em colégios na Avenida ou próximo a ela. Uma moradora afirmou ter sentido muito o fechamento do Colégio Marista (onde ela estudou), para ela foi como “A morte de uma parte da Avenida quando o colégio fechou e foi substituído por um novo empreendimento no lugar (Atacado dos Presentes)”.

### **6.3- GRUPO 3 – USUÁRIOS**

A- Perguntas relacionadas com a evocação da Avenida Conde da Boa Vista

1- Para você, existe algum acontecimento importante/marcante que ocorreu na Avenida Conde da Boa Vista? Se sim, qual?

Vinte e três usuários afirmaram ter lembranças relacionadas à Avenida. A maioria das lembranças é ligada a protestos de forma geral, boa parte dos entrevistados que citaram os protestos identificaram o nome ou o tipo do mesmo (Passeata Fora Temer, Contra Reforma da

Previdência, etc.) onde participaram do protesto ou o apoiaram. Outras lembranças foram ligadas a eventos negativos como assaltos, arrastões e acidentes. Dentre as lembranças ligadas a assaltos, quatro entrevistados foram as próprias vítimas. Apenas um entrevistado relacionou suas lembranças com a Avenida de forma diferente, o mesmo costumava passear com a família pela Avenida quando os filhos eram crianças (década de 1990).

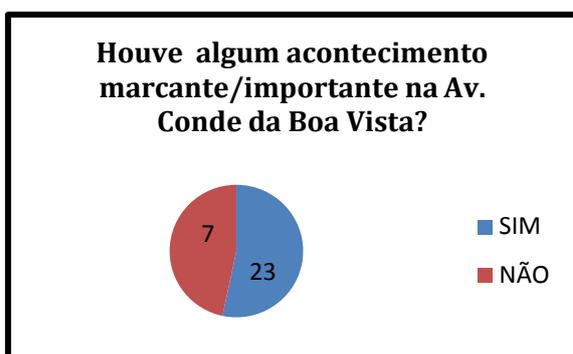


Gráfico 43 Fonte: A autora

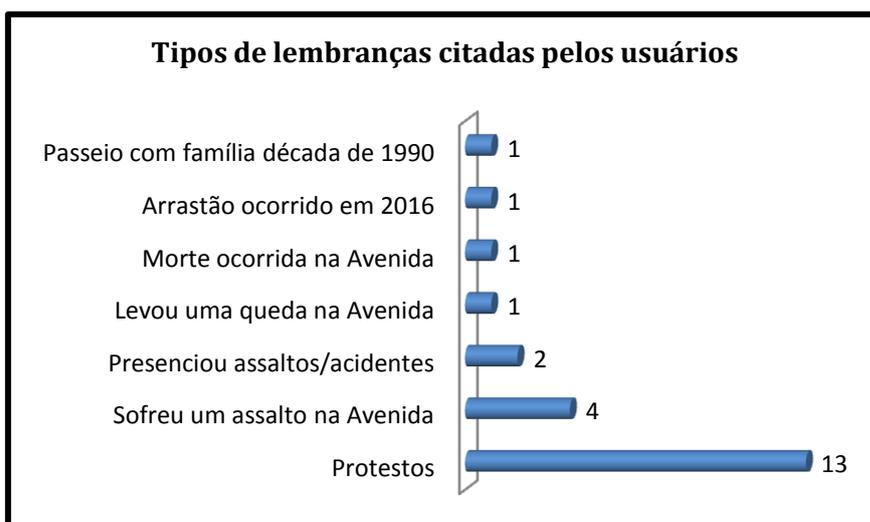


Gráfico 44. Fonte: A autora

3- Em uma escala de 1 a 5 (onde 1 significa não simboliza e 5 simboliza totalmente) classifique a Avenida Conde da Boa Vista como um dos símbolos do Recife

Dezenove entrevistados consideraram a Avenida como símbolo do Recife nas escalas 4 e 5, um número bem próximo do que foi dado pelos moradores (Vinte e dois entrevistados classificaram também entre 4 e 5) e um número bem maior que os trabalhadores entrevistados que consideraram a Avenida como símbolo dentro da escala 4 e 5 (Apenas nove

entrevistados). Como isso, entendemos que a visão dos usuários em relação à Avenida Conde da Boa Vista como um dos símbolos do Recife é positiva.

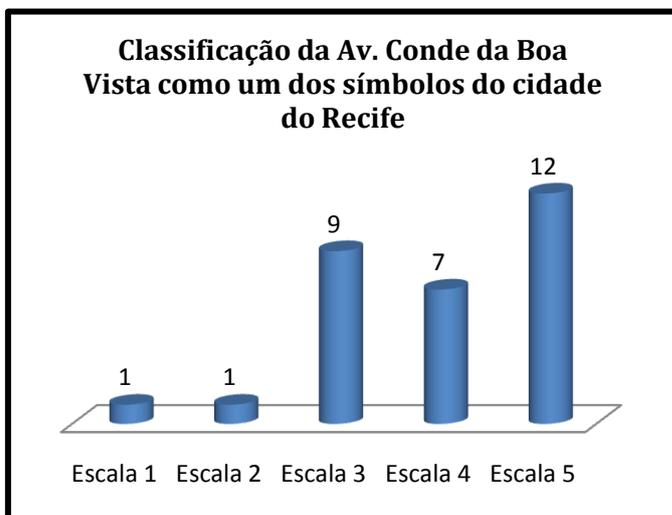


Gráfico 45. Fonte: A autora

4- Em uma escala de 1 a 5 classifique a Beleza da Avenida Conde da Boa Vista, onde 1 significa Horrível e 5 significa Linda

O maior número de entrevistados considerou a beleza da Avenida dentro de uma escala intermediária (escala 3). Porém o número de entrevistados somados que considerou a Avenida com a beleza entre as escalas 1 e 2 superou os entrevistados que consideraram a beleza da mesma entre 4 e 5 e na escala 3.

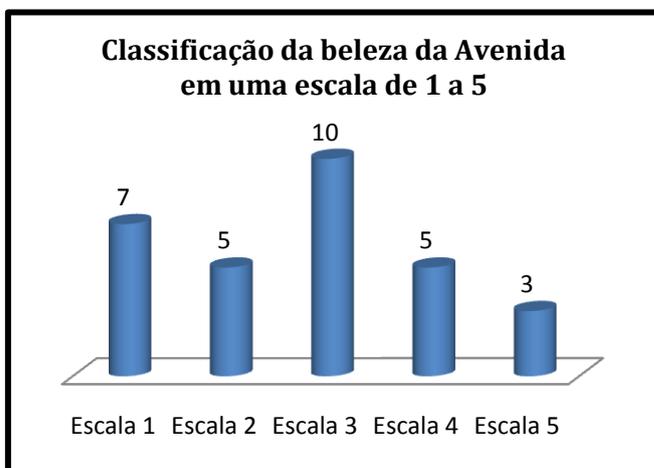


Gráfico 46. Fonte: A autora

### 5- Qual a Avenida mais bonita do Recife para você?

A Avenida Boa Viagem foi indicada por este grupo como a mais bonita, tendo dez indicações, em seguida a Avenida Agamenon Magalhães com seis indicações. Quatro usuários afirmaram não considerar Avenida alguma bonita no Recife e três usuários indicaram a Avenida Dezesete de Agosto. As outras respostas ficaram distribuídas entre várias Avenidas do Recife

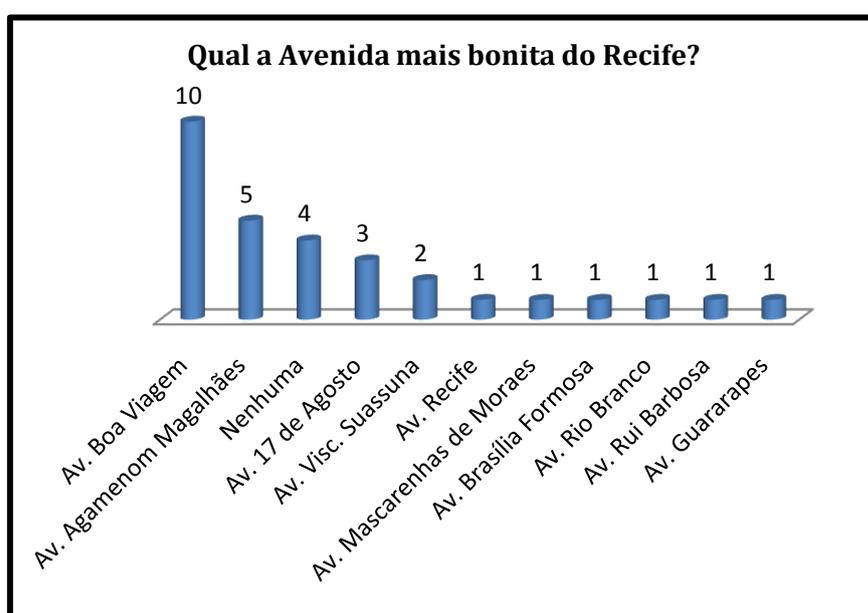


Gráfico 47. Fonte: A autora

### 6- Para você qual o cheiro da Avenida Conde da Boa Vista?

A relação da Avenida com algum cheiro foi mais detalhada neste grupo em comparação aos outros dois grupos que tiveram respostas mais concentradas em algum tipo de cheiro. Esse grupo tem uma percepção mais detalhada na classificação dos cheiros, pois citam mais elementos da Avenida do que os outros grupos. Como por exemplo, cheiro de “fritura” em alusão às barracas de batata frita e pastel que ficam na Avenida, cheiro de “frutas estragadas” relacionadas às recentes barracas de frutas e verduras que agora estão na Avenida.

Ao mesmo que esse grupo foi o que descreveu de forma mais exata os cheiros concretos da Avenida eles também foram os que mais relacionaram a mesma com cheiros

abstratos. Cinco entrevistados atribuíram o cheiro da Avenida a fatores como: “cheiro de pressa” “cheiro de movimento” relacionados ao alto fluxo de pessoas na Avenida em um ritmo sempre frenético. O número de entrevistados dos outros dois grupos que atribuíram cheiros simbólicos à Avenida foi menor: um entrevistado de cada grupo.

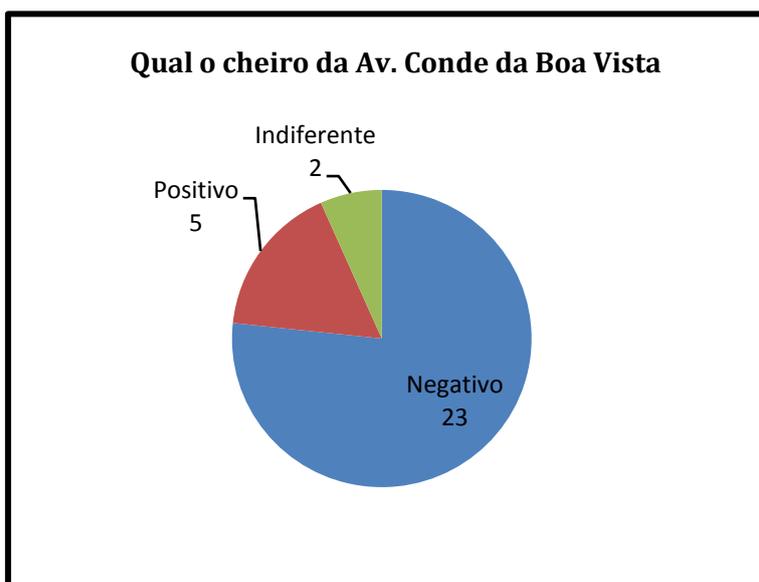


Gráfico 48. Fonte: A autora

#### 7-Que palavra define a Avenida Conde da Boa Vista?

A palavra mais citada pelos entrevistados que associaram a Avenida a palavra positiva foi “movimento”, outras palavras estavam relacionadas ao caráter comercial da Avenida, palavras como “comércio” foram citadas pelos entrevistados. Os sentimentos de alegria e saudades também foram mencionados pelos entrevistados. De acordo com o entrevistado que citou a palavra “saudades” este afirmou que sente saudades do que a Avenida Conde da Boa Vista foi no passado e hoje não é mais “A Avenida era limpa, bonita, organizada. Hoje não é mais”.

Ao mesmo tempo em que a movimentação da Avenida Conde da Boa Vista foi encarada por uma parte dos usuários como coisa positiva, outra parte encarou como coisa negativa quando classificou a Avenida como “agitada”. Agitada e Movimentada são palavras

sinônimas<sup>14</sup>, porém os entrevistados que atribuíram à Avenida a palavra “agitada” deram uma conotação negativa ao falar do incômodo com o alto fluxo de pessoas e veículos que circulam pela mesma. Estas pessoas preferiam que a Avenida Conde da Boa Vista fosse um local mais tranquilo. As demais palavras mostraram o desconforto desse grupo com a má organização em que a Avenida se encontra atualmente, com muitos ambulantes nas calçadas, lixo, pontos de ônibus estreitos, são estas palavras: “gargalo” “infernai” “caos” “bagunçada” “tumulto”.

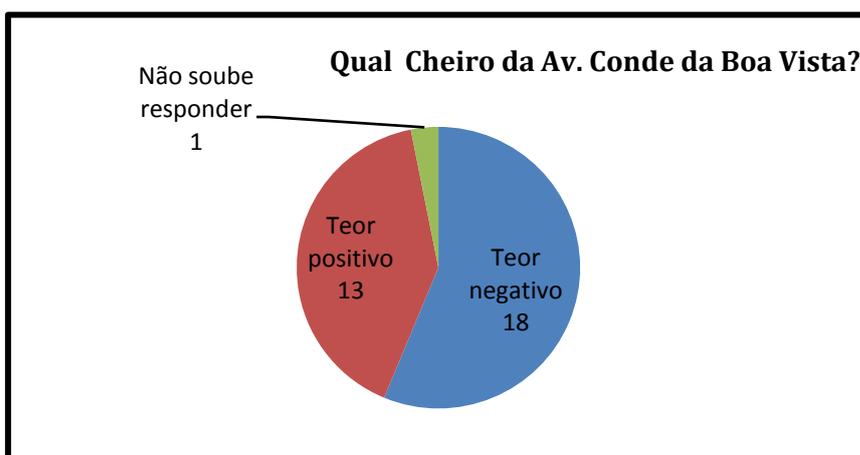


Gráfico 49. Fonte: A autora

8- Qual a Avenida mais insegura do Recife para você? E qual a causa desta insegurança?

Esse foi o grupo em que as respostas ficaram mais distribuídas não tendo como indicar as Avenidas mais citadas. Podemos, porém, comentar algumas respostas. A Avenida Caxangá que praticamente não foi lembrada pelos outros dois grupos, foi indicada por quatro entrevistados como a mais insegura. A Avenida Conde da Boa Vista foi indicada como a mais insegura por três entrevistados, um número pequeno se comparado com o número de trabalhadores que apontaram esta Avenida como a mais insegura (11 trabalhadores).

Como nos demais grupos, as causas que tornam as Avenidas indicadas como inseguras estão mais ligadas ao imaginário. Os entrevistados baseiam-se em histórias ou notícias que tiveram conhecimento do que exatamente por terem vivido algum episódio de violência na

<sup>14</sup> Conferir essa informação em Ferreira, 2001, p.474.

Avenida em que consideram a mais perigosa da cidade. Associam a insegurança à falta de pessoas no local, ao alto número de assaltos, à pouca iluminação, à presença (não constatada) de ladrões ou “cheira colas”. Um usuário chegou a afirmar (sem ter a comprovação disso) que a Avenida Caxangá era “rota de fuga para bandidos” e por isso evitava a considerava a mais perigosa do Recife e não gostava de passar por ela.

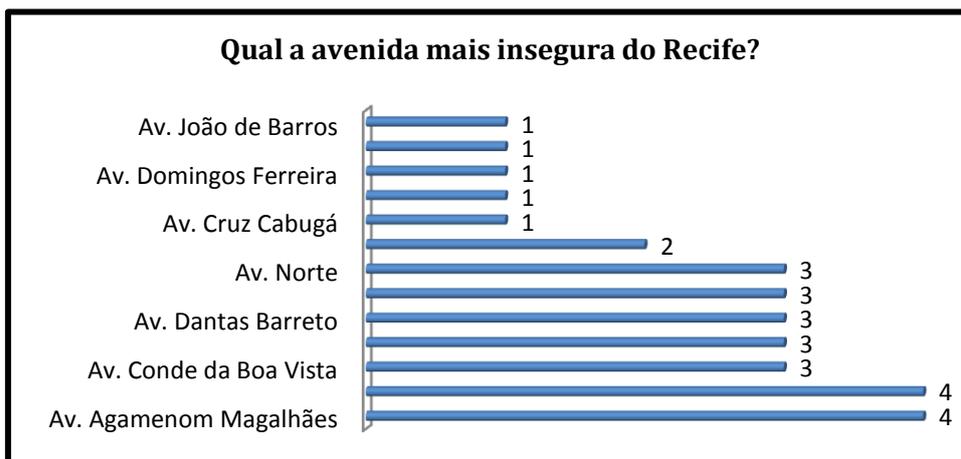


Gráfico 50. Fonte: A autora

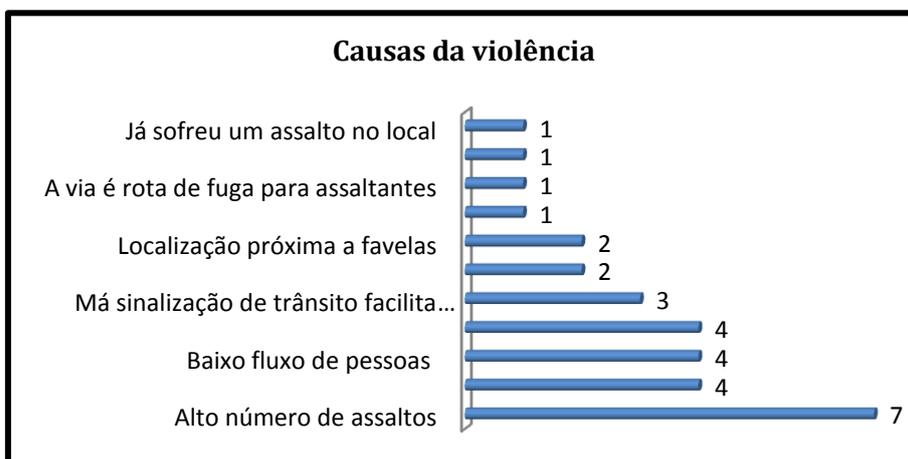


Gráfico 51 Fonte: A autora

## 8- Existe um local específico da Avenida Conde da Boa Vista que você goste? Qual?

Vinte e três entrevistados afirmaram ter um local que gostam na Avenida. Quatorze entrevistados apontaram o *Shopping Boa Vista* que também foi citado de forma significativa pelos outros dois grupos entrevistados. Outro lugar lembrado pelos entrevistados foi a parte final da Avenida (sentido Av. Guararapes) próximo ao Cinema São Luiz. Esses entrevistados fazem uso de lojas e frequentam prédios nessa parte da Avenida, importante ressaltar que este local não foi citado pelos outros grupos.

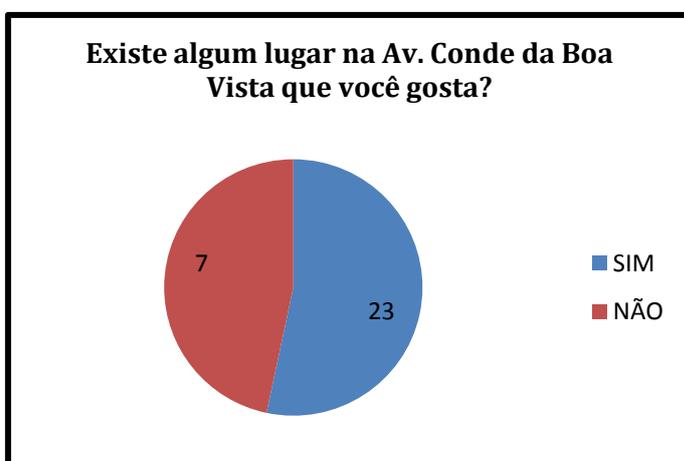


Gráfico 52. Fonte: A autora

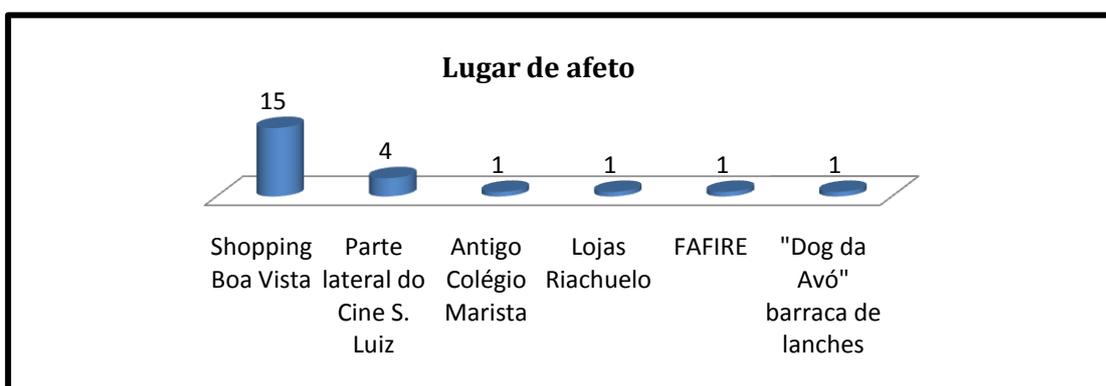


Gráfico 53. Fonte: A autora

## B- Perguntas relacionadas com ao uso da Avenida

1- Enumere na ordem de maior para menor quais as três principais necessidades da Avenida Conde da Boa Vista?

### A primeira:

As três necessidades indicadas nessa questão foram ligadas às necessidades básicas dos usuários. A limpeza que veio em primeiro lugar, seguida da melhoria dos atuais pontos de ônibus que são muito estreitos e não comportam o número de pessoas que embarcam e desembarcam conforme já foi mencionado neste trabalho e o desejo pela retirada dos ambulantes das calçadas. Em relação aos ambulantes, esse grupo tem uma postura mais dura que os outros grupos, pois deseja a retirada dos ambulantes e não uma organização e isso é curioso porque os pedestres são os principais “clientes” do comércio informal.

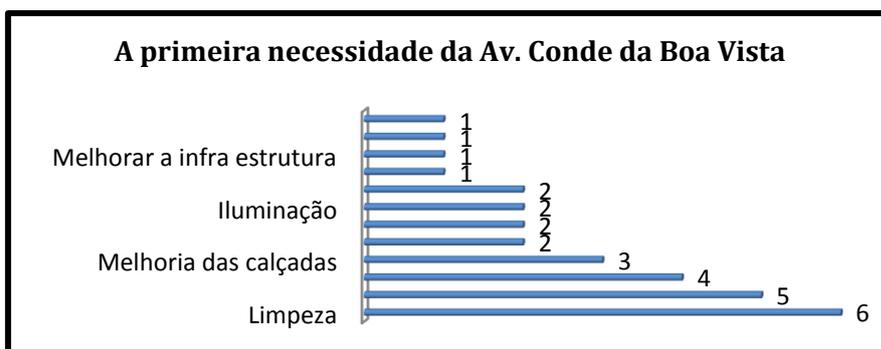


Gráfico 54. Fonte: A autora

### A segunda:

Novamente a preocupação com a limpeza da Avenida se destaca neste grupo. Esse grupo foi o que menos se preocupou com a segurança se comparado com os outros dois grupos onde o item segurança se destaca, sendo o mais citado pelos grupos de trabalhadores e moradores como uma das primeiras necessidades da Avenida Conde da Boa Vista. Esse dado relativo à segurança é interessante, porque dentre os três grupos, o grupo de usuários é o que passa mais tempo transitando pela Avenida já que o mesmo não tem um ponto fixo nela ou pelos arredores do bairro da Boa Vista (trabalho ou residência) e por isso, teria uma

probabilidade de ser o grupo a mais se queixar da falta de segurança, fato que não ocorreu. Isso faz com que se questione se os demais grupos estão sendo mais afetados pelo imaginário em relação à violência do que de fato estarem sofrendo por falta de segurança na Avenida Conde da Boa Vista.

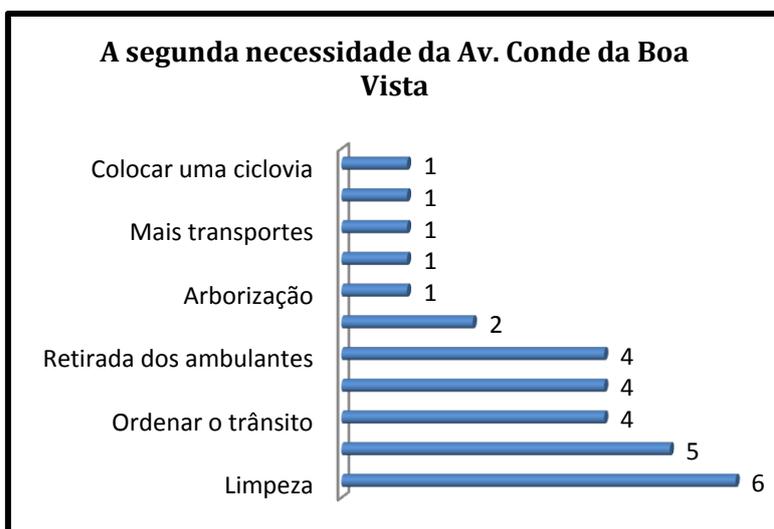


Gráfico 55. Fonte: A autora

### A Terceira

Aqui a segurança foi a mais apontada com seis votos, seguida da necessidade de manutenção das calçadas (piso) e conclusão das reformas dos pontos de ônibus com três votos cada. Em comum com os outros dois grupos, a necessidade da conclusão da reforma dos atuais pontos de ônibus também foi apontada como uma questão que precisa ser resolvida mostrando que a forma atual como os mesmos estão organizados incomoda os três grupos entrevistados.

Nesse item as respostas ficaram muito distribuídas, com necessidades bem diferentes dos outros grupos como: “educar os usuários da Avenida” “colocar um supermercado na Avenida” “pintar os prédios da Avenida”, pois os mesmos “estão feios” “mais vitalidade na Avenida” “embelezar a Avenida”, entre outras observações mais detalhadas que os demais grupos. Assim como o grupo de moradores, o grupo de usuários também tem uma preocupação com a estética e embelezamento da Avenida, característica que não foi encontrada no grupo de trabalhadores.

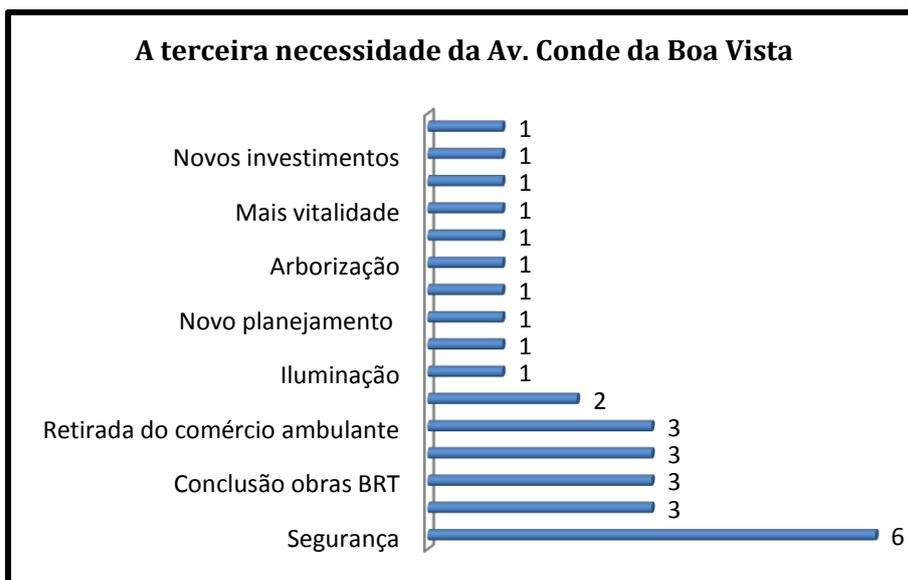


Gráfico 56. Fonte: A autora

2- Qualifique a Avenida Conde da Boa Vista numa escala de 1 a 5, onde 1 significa péssimo e 5 excelente os seguintes itens:

Transporte público:

A maioria dos usuários considerou o funcionamento do transporte público como intermediário (escala 3), porém as escalas 4 e 5 tiveram poucas indicações mostrando o desejo de melhoria do serviço na Avenida. Esse também foi o grupo que menos classificou o serviço de transporte público dentro da escala 5.

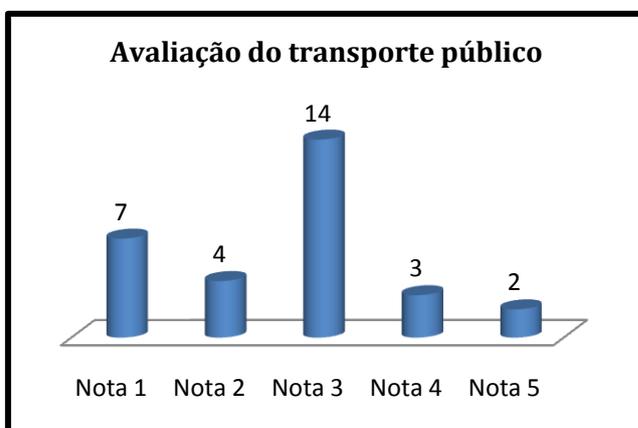


Gráfico 57. Fonte: A autora

### Administração pública da Avenida:

Assim como os outros dois grupos, as respostas do grupo de usuários neste item concentraram-se nas escalas 1,2 e 3. Mostrando que a insatisfação com as ações do poder público na Avenida é comum entre os três grupos.

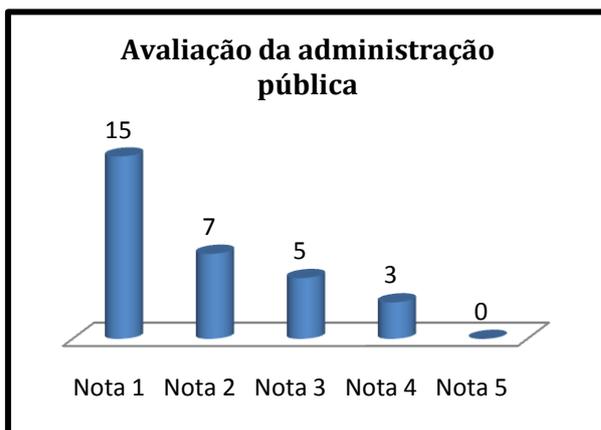


Gráfico 58. Fonte: A autora

### Ação dos usuários em relação à Avenida (limpeza e conservação):

Esse foi o grupo que mais considerou a ação dos usuários dentro da escala 1, com 22 indicações. Nenhum entrevistado considerou a ação dos usuários da Avenida dentro das escalas 4 e 5.

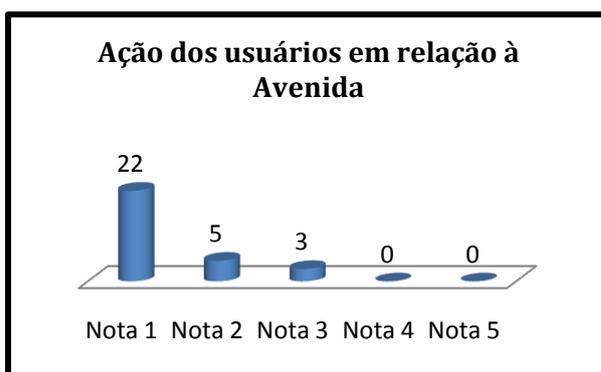


Gráfico 59. Fonte: A autora

### Serviço de limpeza pública na Avenida:

Os usuários foram críticos com a limpeza pública da Avenida. Conforme foi mostrado na questão anterior, a limpeza pública foi o item mais lembrado como primeira e segunda necessidade entre os usuários da Avenida Conde da Boa Vista. O total de vinte e três usuários considerou a limpeza pública entre as escalas 1,2 e 3. Porém, boa parte dos entrevistados reconheceu que a sujeira na Avenida não é só responsabilidade do serviço de limpeza pública, mas também é provocada pelas pessoas que fazem uso da Avenida e pelos ambulantes.

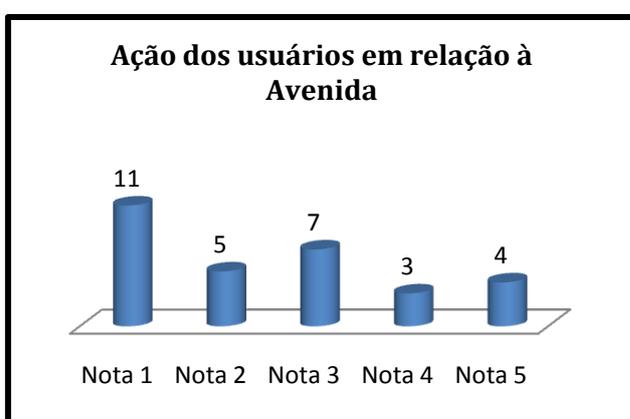


Gráfico 60 Fonte: A autora

### Qualidade das calçadas:

A classificação da qualidade das calçadas do grupo de usuários ficou bem semelhante aos outros dois grupos entrevistados, onde as respostas se concentraram nas escalas 1,2 e 3. Ainda assim, dois entrevistados consideraram a qualidade das calçadas como excelente.

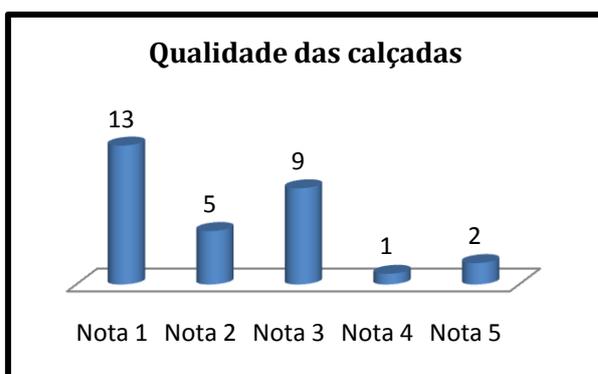


Gráfico 61. Fonte: A autora

3 - Cite, se houver, até três lugares da Avenida que você usa:

Os locais de uso mais citados pelos moradores foram o Shopping Boa Vista, Atacado dos Presentes e Bancos em geral. O shopping Boa Vista foi o mais citado com vinte e cinco citações.

4- Décima segunda pergunta: Existe algum lugar da Avenida que você marca encontro com amigos ou família? Se sim, qual?

Os locais mais lembrados foram o *Shopping Boa Vista* com dez indicações, seguido pelas lojas Riachuelo com cinco indicações. É importante explicar a citação do *Posto Select*, que foi citado por um entrevistado. Esse local é um local muito procurado pelos jovens nas noites dos finais de semana, no local as pessoas ligam o som do carro e compram bebidas na loja do posto, funciona como uma espécie de festa de rua.



Gráfico 62. Fonte: A autora

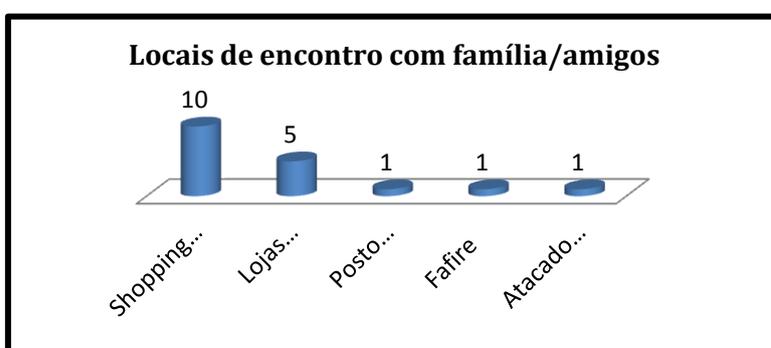


Gráfico 63. Fonte: A autora

## Universo Cromático dos Usuários

As cores mais indicadas pelos usuários foram: Cinza com onze indicações, Azul com seis indicações e Vermelho com cinco indicações. É o mesmo universo cromático os moradores e trabalhadores, com algumas diferenças na quantidade de indicações de cada cor e que no universo cromático dos moradores o verde também foi incluído por ter sido lembrado de forma significativa.

### ESCALA CROMÁTICA – GRUPO USUÁRIOS



#### **Cinza:**

Conforme já comentamos anteriormente na análise dos grupos de trabalhadores e moradores, a cor cinza está associada à velhice, ao inamistoso, sem beleza, ao esquecido e a sentimentos sombrios<sup>15</sup>. Ao analisarmos as demais respostas dos entrevistados deste grupo que indicaram a cor cinza percebemos que estes usuários classificaram a beleza da Avenida como fraca com escala predominante entre 1 e 2. A maioria destes entrevistados associou a Avenida a palavras de cunho negativo quando responderam sobre que palavra definia a Avenida Conde da Boa Vista para eles.

#### **Azul**

Aqui a escolha do azul pode ser interpretada de duas formas. A primeira é a forte ligação que estes usuários têm com o Shopping Boa Vista, o mesmo foi citado pela maioria dos que escolheram a cor azul tanto como local preferido como local de lazer com família e

---

<sup>15</sup> Cf. pp. 79 e 80 deste trabalho.

amigos. Baseado na afirmação de Silva (2001), as pessoas podem associar um lugar a uma cor influenciado pelas cores predominantes de sua arquitetura ou em algum equipamento de destaque. Neste caso como já foi dito, a cor predominante do equipamento do Shopping Boa Vista é o azul.

A segunda interpretação é a respeito do azul como conotação negativa, apesar de ser lembrado como uma cor predominantemente positiva, essa cor também tem seu lado negativo. O azul, de acordo com Heller (2008) é “a cor mais fria” (Heller, 2008, p.27). A autora explica que o azul também está relacionado ao distante, frio, ao lugar não aconchegante. Os entrevistados que escolheram o azul associaram à Avenida Conde da Boa Vista com palavras frias (de cunho negativo) como, por exemplo, “descuidada” “feia” “aridez”. Não se tem amor por aquilo que se considera frio, árido e descuidado, são palavras que remetem ao desejo de distância (frieza).

## **Vermelho**

Os entrevistados que escolheram o vermelho para a Avenida Conde da Boa Vista enxergam predominantemente “vida” nela. A Avenida é vista como um símbolo forte do Recife por essas pessoas, que classificaram esse item entre as escalas 4 e 5. As palavras que definem a Avenida Conde da Boa Vista para estes entrevistados também foram predominantemente positivas. Foram palavras associadas a “movimento” e “povo”. Conforme afirma Heller (2008) o vermelho é a cor do sangue e da vida e assim a autora afirma “O vermelho, como a mais forte das cores, é a cor da força, da vida (...) (Heller, 2008, p.55)”. Outro ponto que também nos fez entender a motivação do vermelho como escolha desse grupo foram os protestos realizados na Avenida, vistos por essas pessoas como sinal de luta, ou seja, um sinal positivo. Heller (2008) explica que o vermelho é historicamente a cor preferida entre os grandes movimentos sociais, partidos políticos, e demais movimentos de protesto.

### **Conclusão do grupo de usuários**

O grupo de usuários possui uma percepção mais aguçada em relação à Avenida Conde da Boa Vista em comparação com os outros dois grupos entrevistados. Sua relação afetiva positiva é menor que a dos moradores e maior que a dos trabalhadores sendo então um grupo intermediário em relação ao laço afetivo positivo com a Avenida.

## 7- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este trabalho procurou conhecer o tipo de elo afetivo existente entre pessoas e lugar. Tendo como objeto de estudo a Avenida Conde da Boa Vista. Os usuários da Avenida investigados nesta pesquisa foram divididos em três grupos considerados relevantes para este trabalho: moradores, trabalhadores e usuários propriamente ditos. Como objetivo geral, partindo da investigação do imaginário simbólico dos três grupos citados em relação à Avenida Conde da Boa Vista, buscou-se conhecer que tipo de elo afetivo existe entre esses mesmos grupos e a referida Avenida. Os objetivos específicos deste trabalho estiveram centrados no conhecimento da evocação e uso dos referidos grupos em relação à Avenida Conde da Boa Vista.

Com a investigação proposta neste trabalho percebemos que a relação afetiva para com a Avenida Conde da Boa Vista foi diferente para cada grupo entrevistado. Percebeu-se que a relação entre esses grupos e Avenida se dá de acordo com sua função de uso para cada grupo. O que se destaca entre as poucas coisas que estes grupos têm em comum é a “produção fantasmagórica”<sup>15</sup> que mostra o espaço público (neste caso nas avenidas do Recife) como lugar perigoso e violento e em outro momento como lugar residual, pertencente a pessoas marginalizadas. Isso foi constatado nas perguntas relacionadas à qual Avenida era a mais perigosa da cidade e as suas causas e também sobre quais as necessidades mais urgentes para a Avenida Conde da Boa Vista. As respostas dos entrevistados mostraram que não havia uma experiência de violência da grande maioria com o local apontado como perigoso, assim como também as causas que os fazia enxergarem a avenida indicada como perigosa eram em muitos casos frutos de histórias contadas por terceiros, notícias dos meios de comunicação ou de sua própria imaginação.

Em relação a enxergar as Avenidas como lugar residual (incluindo a Avenida Conde da Boa Vista), foi percebido a produção fantasmagórica quando alguns entrevistados apontaram como causa da insegurança destes tipos de vias a presença de meninos de rua e mendigos. Também foi constatado isso na forma simbólica quando entrevistados recordaram o cheiro da Avenida Conde da Boa Vista como cheiro de cola em alusão a presença de meninos de rua conhecidos como “cheira-colas”. E quando entrevistados afirmam considerar

---

<sup>15</sup> Cf pp.13,14 e 15 deste trabalho a definição de fantasmagoria urbana.

a Avenida Conde da Boa Vista ou outra avenida como perigosas por serem “mal frequentadas” ou como “um lugar cheio de ladrões”, isso sem comprovação empírica.

O grupo de moradores do bairro da Boa Vista possui uma relação que tende ao afeto predominantemente positivo em relação à Avenida Conde da Boa Vista. É um grupo ligado a lembranças antigas e íntimas com a Avenida, sendo mais parcial ao criticá-la e qualificá-la. A Avenida é parte de suas histórias de vida, a maioria relatou informalmente, ou dentro das perguntas fatos da infância ou juventude ocorridos na Avenida (passeios, lugares que costumava ir, entre outros), lembranças detalhadas, como por exemplo, saber que determinada parte da Avenida era mais arborizada do que hoje em dia. Este grupo também relatou com mais detalhes as coisas que gosta de fazer na mesma, demonstrando prazer em estar nos referidos lugares dentro da Avenida.

O grupo de usuários é classificado com uma relação afetiva positiva moderada, eles não possuem tantas memórias íntimas com a Avenida e não têm um elo tão forte como o morador, no entanto eles apreciam a Avenida de alguma forma. Suas lembranças com a Avenida Conde da Boa Vista são predominantemente negativas o que nos faria pensar que por isso o elo afetivo seria negativo. Porém, ao analisar questões como a Avenida vista como símbolo e se possuem um lugar que gostem dentro da Avenida e um lugar que marcam com amigos e família para lazer, percebemos que existe um vínculo positivo com a mesma. Foi constatado nas conversas informais com os entrevistados que existe um enorme incômodo com a falta de organização da Avenida principalmente no que se refere à mobilidade das calçadas e à sujeira da via, lembrando que este foi o grupo que mais se preocupou com limpeza e foi o mais radical em relação à permanência dos ambulantes nas calçadas da Avenida. Isso é bem compreensível já que esse é um grupo que se move mais do que os outros dois grupos que possuem um ponto fixo no bairro da Boa Vista ou na Avenida (moradia ou trabalho) e por isso sente-se cheio de obstáculos ao transitar pela via.

O grupo de trabalhadores é o grupo que possui o vínculo predominantemente negativo, não possui uma relação de proximidade com a Avenida, é um grupo muito crítico em relação à mesma em todos os sentidos. Isso pode ser entendido porque esse grupo é o que não faz uso da Avenida de forma voluntária, mas porque trabalha nela ou próximo a ela. É possível que a relação com o trabalho influencie essa aversão ao lugar, uma vez que nem todos estão

satisfeitos com o trabalho que possuem ou o trabalho possa lhe produzir stress de forma que desejem passar o menor tempo possível em um lugar que lhes acarreta sofrimento. Conforme foi abordado neste trabalho, as experiências negativas com um lugar podem gerar uma aversão a ele. Essa interpretação foi feita a partir da fala de muitos dos trabalhadores entrevistados que em conversas informais com a entrevistadora passaram um sentimento de angústia em relação ao lugar, vendo-o como sujo, agitado e bagunçado e um desejo de sair o mais rápido possível do centro da cidade e da Avenida Conde da Boa Vista, que como se sabe, é o principal corredor viário que liga o centro ao subúrbio onde os horários mais agitados são justamente os horários de chegada e partida da grande maioria dos trabalhadores.

É sabido que o centro do Recife, incluindo a Avenida Conde da Boa Vista, não passa por um bom momento, tanto em questão de organização como de segurança, além da falta de investimentos entre outras necessidades. Desta forma esta pesquisa contribuiu no sentido de mostrar a visão que as pessoas têm a respeito da Avenida Conde da Boa Vista e a partir dessa visão captada, pensar na forma de incluir todos os cidadãos que fazem uso da referida avenida em sua manutenção e conservação (medidas educativas e de engajamento). Obviamente isso não pode ser uma ação isolada. Se o poder público não investe nas melhorias para a Avenida não há como as pessoas sentirem-se estimuladas a participarem de um processo educativo onde o poder público não é o primeiro a dar o exemplo.

Outra conclusão que se teve com este trabalho é que a Avenida precisa ter lugares de permanência para que se fortaleçam ou surjam laços afetivos positivos com ela, afinal aquilo que é amado é cuidado. Hoje o local de lazer da Avenida mais apontado por todos os grupos é um espaço fechado que não dialoga com a mesma (Shopping Boa Vista). Os poucos espaços de lazer na via que subexistem estão desorganizados e inseridos em meio à sujeira e a falta de estrutura. É preciso pensar em locais de permanência que dialoguem com o espaço e atraia as pessoas. Isso será uma forma de dar mais vitalidade a Avenida Conde da Boa Vista e torná-la mais segura.

O caminho para a melhoria da Avenida Conde da Boa Vista assim como os demais espaços públicos no Recife passa por uma conscientização da população sobre o valor que o mesmo tem e também por ouvir as suas necessidades, conhecer sua visão e tipo de vínculo

afetivo com o lugar como forma de humanizar o referido espaço tornando-o receptivo e um lugar para todos.

## BIIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires **Temas de Filosofia**, 1ª Ed. São Paulo, Ed Moderna, 1992.

BACHELARD, Gaston, **A poética do Espaço**, 2ª Ed, São Paulo, Ed Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, Virgínia. **Augusto Lucena. Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 21/10/2016

BARBOSA, Virgínia. **Geraldo Magalhães Melo. Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 21/10/2016

BAUMAN, Zygmunt **Confiança e Medo na Cidade** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009

BERNHARD, Thomas **Origem**, São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

BERNARDINO, Iana Ludermir ; LACERDA, Norma **Centro Históricos Brasileiros: tensões entre a obsolescência imobiliária e a construção de novas espacialidades**, XVI ENANPUR, 2015, Belo Horizonte: Espaço, Planejamento & Insurgências, Belo Horizonte, 2015.

CALDEIRA, T.P.R. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**, 2ª Ed São Paulo: Editora 34, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo** 1ª Ed. São Paulo: FFLCH, 2007.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra CAVALCANTI, Vanildo Bezerra **O Recife e suas ruas: se essas ruas fossem minhas**. Recife: 4ª Ed, 2015, Ed Poço Cultural

CHAVEIRO, Eguimar Felício In: **Qual o Espaço do Lugar? : geografia, epistemologia, fenomenologia**. MARANDOLA JUNIOR, Eduardo et. al. (orgs) 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DAMATTA, Roberto **A casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**, 5ª Ed Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997

DURAND, Gilbert **As estruturas antropológicas do imaginário** Lisboa: Ed. Presença, 1997

DURAND, Gilbert **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem** 2ª Ed Rio de Janeiro, DIFEL, 2001

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** 2ª Ed. Rio de Janeiro Nova Fronteira 1986

FERREIRA, A. B.H. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O Minidicionário da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001

FERREIRA, Luiz Felipe. **Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey)**. Boletim Goiano de Geografia. Goiânia, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. 1ª Ed. São Paulo: Ed. Gustavo Gili, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de **Raízes do Brasil** 25ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

JACOBS, Jane **Morte e Vida de Grandes Cidades** 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JOAQUIM, Luiz. **Um Sexagenário Fundamental** In: Revista Continente, Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), ano XII, Setembro/2012.

JOHNSON, Philip **Por que mantemos feias nossas cidades** In: A Humanização do Meio Ambiente: Simpósio do Instituto Smithsonian, Trad. Regina Pinto Zingoni, São Paulo: Ed . Cultrix, 1968.

LEITÃO, Lúcia. **Os Movimentos Desejantes da Cidade: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1998.

LEITÃO, Lúcia **Quando o Ambiente é Hostil: Uma Leitura Urbanística da Violência à Luz de Sobrados e Mocambos** 2ª Ed. Recife: Ed. UFPE, 2014.

MARIANO NETO, Belarmino **Ecologia e Imaginário nos Cariris Velhos do Paraíba: memória cultural e natureza no cerimonial da vida**, março de 1999. 167p Dissertação de Mestrado Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento do Meio Ambiente. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1999.

MAFFESOLI, Michel **A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2001. Conferir se ainda está citado

MELLO, João Baptista Ferreira de. O Triunfo do Lugar Sobre o Espaço In: **Qual o Espaço do Lugar? : geografia, epistemologia, fenomenologia**. MARANDOLA JUNIOR, Eduardo et. al. (orgs). 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MOTA E ALBUQUERQUE, Mauro Ramos da. **Poema Caminho Novo** in: CAVALCANTI, Carlos Bezerra **O Recife e seus bairros** Recife: 7ª Ed. Ed do Autor, 2014

NOBREGA, M. L. C. C. [et al.] **Por um Espaço Público Cidadão: o encontro do edifício com a rua** Recife: Publicações SENGE, 2014

OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção Ambiental** In: Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos: Universidade Estadual Paulista, V. 6, periódico Jul/Dez, 2012

OLIVEIRA, Lívia de. O Sentido de Lugar In: **Qual o Espaço do Lugar? : geografia, epistemologia, fenomenologia**. MARANDOLA JUNIOR, Eduardo et. al. (orgs) 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PRICE, Patrícia L. Place In: **Cultural Geography** . WINDERS, Jamie (org) **Coleção:** Wiley Blackwell Companions to Geography. 1ª Ed. Canadá: WILEY-BLACKWELL, 2013.

PONTUAL, Virgínia. **Uma cidade e Dois Prefeitos**. Recife. Ed. da UFPE, 2001

RELPH, Edward. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar In: **Qual o Espaço do Lugar? : geografia, epistemologia, fenomenologia**. MARANDOLA JUNIOR, Eduardo et. al. (orgs) 1ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RIBEIRO, Darcy **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil** 2ª Ed São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Jorge Fernandes da. **Vidas que Não Morrem** Recife: Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, 1982

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001

TUAN, Yi-Fu. **Espaço, Tempo e Lugar: Um Arcabouço Humanista**. Revista Geograficidade, V.01, nº 01, Inverno 2011. Traduzido por Werther Holzer do original em inglês Space, Time Place: a humanistic frame.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da Experiência**. 1ª ed. – São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. 1ª Ed. São Paulo: DIFEL, 1974.

**ANEXO – Questionário aplicado na pesquisa**



**Universidade Federal de Pernambuco - Centro de Artes e Comunicação**

**Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano**

**Questionário de pesquisa – componente da dissertação *RELAÇÃO PESSOAS E LUGAR : UM ESTUDO SOBRE A AVENIDA CONDE DA BOA VISTA – RECIFE PE***

**MESTRANDA: MARIA DE FÁTIMA BATISTA DE SOUZA LIMA**

**Nome:**

**Bairro onde mora:**

**Faixa etária:** 18 a 25 anos ( ) 26 a 35 anos ( ) 36 a 45 anos ( ) 46 a 55 anos ( )

56 a 65 anos ( ) 66 a 75 anos ( ) Mais de 75 anos ( )

**Sexo:** F ( ) M ( )

**Perguntas**

- Para você existe algum acontecimento importante/marcante que ocorreu na Avenida Conde da Boa Vista? Se sim, qual?

- Em uma escala de um 1 a 5 (onde 1 significa não simboliza e 5 simboliza totalmente) classifique a Avenida Conde da Boa Vista como um dos símbolos da cidade do Recife

- Existe um local específico da Avenida Conde da Boa Vista que você goste? Qual?

- Com que cor você identificaria a Avenida Conde da Boa Vista?
- Em uma escala de 1 a 5 classifique a Beleza da Avenida Conde da Boa Vista, onde 1 significa **Horrível** e 5 significa **Linda**
  
- Qual a Avenida mais bonita do Recife para você?
  
- Para você qual o cheiro da Avenida Conde da Boa Vista?
  
- Que palavra define a Avenida Conde da Boa Vista?
  
- Qual a Avenida mais insegura do Recife para você? E qual a causa desta insegurança?
  
- Enumere na ordem de maior para menor quais as três principais necessidades da Avenida Conde da Boa Vista?
  - 1-
  - 2-
  - 3-
  
- Qualifique a Avenida Conde da Boa Vista numa escala de 1 a 5, onde 1 significa péssimo e 5 excelente os seguintes itens:
  - Transporte público:
  - Administração pública da Avenida:
  - Ação dos usuários em relação à Avenida (limpeza e conservação):
  - Serviço de limpeza pública na Avenida:
  - Qualidade das calçadas:
  
- Cite, se houver, até três lugares da Avenida que você usa:
  
- Existe algum lugar da Avenida você marca encontro com amigos ou família? Qual?